

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG  
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE – MPCS

**CORPO E MEMÓRIA:  
OS FENÔMENOS NA TRILHA DA VIDA**

ALLAN HOFFMANN

Orientadora Profa. DRA. NADJA DE CARVALHO LAMAS  
Coorientador Prof. DR. EULER RENATO WESTPHAL

JOINVILLE-SC

2019

ALLAN HOFFMANN

**CORPO E MEMÓRIA:  
OS FENÔMENOS NA TRILHA DA VIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Nadja de Carvalho Lamas e coorientação do Prof. Dr. Euler Renato Westphal.

JOINVILLE-SC

2019

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Hoffmann, Allan

H699c Corpo e memória: os fenômenos na trilha da vida / Allan Hoffmann; orientadora Dra. Nadja de Carvalho Lamas; coorientador Dr. Euler Renato Westphal. – Joinville: UNIVILLE, 2019.

146 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade  
– Universidade da Região de Joinville)

1. Corpo humano – Aspectos simbólicos. 2. Memória. 3. Fenomenologia. 4. Educação ambiental. I. Lamas, Nadja de Carvalho (orient.). II. Westphal, Euler Renato (coorient.). III. Título.

CDD 142.7

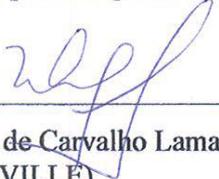
**Termo de Aprovação**

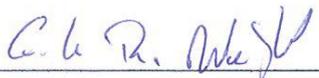
“Corpo e Memória: Os Fenômenos na Trilha da Vida”

por

Allan Hoffmann

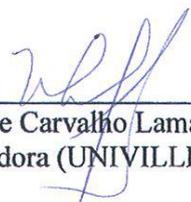
Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.

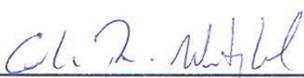
  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Nadja de Carvalho Lamas  
Orientadora (UNIVILLE)

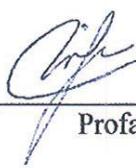
  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Euler Renato Westphal  
Coorientador (UNIVILLE)

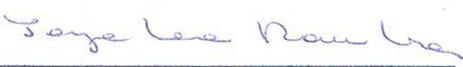
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

**Banca Examinadora:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Nadja de Carvalho Lamas  
Orientadora (UNIVILLE)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Euler Renato Westphal  
Coorientador (UNIVILLE)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Michèle Tomoko Sato  
(UFMT)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes  
(UNIVILLE)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Mariluci Neis Carelli  
(UNIVILLE)

Joinville, 27 de fevereiro de 2019.

Dedico esta dissertação à minha mãe Rosimar Marques Hoffmann, meu pai Fabio Rene Hoffmann, e minha amada Catharina Costa Nunes, os três principais pilares que me estruturaram, incentivaram e apoiaram neste processo de pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Me. José Matarezi, por me ter apresentado a *Trilha da Vida*, e dado o suporte e incentivo para a realização desta pesquisa. Obrigado por sua alegria e sua forma de olhar o mundo, que me serviu como inspiração para percorrer caminhos na ciência onde o “sensível” fosse a prioridade;

À minha orientadora Professora Dra. Nadja de Carvalho Lamas, que confiou e clareou meus desejos mais profundos de pesquisa. Carregarei em mim, o exemplo de sua orientação, acolhendo incrivelmente minhas ansiedades, meus tropeços, minhas indecisões e felicidades, ouvindo atentamente a cada palavra dita e observando cada gesto expressado;

Ao meu coorientador Professor Dr. Euler Renato Westphal, e a banca avaliadora Professora Dra. Taiza Mara Rauen Moraes, Professora Dra. Mariluci Neis Carelli, e Professora Dra. Michèle Sato que me auxiliaram neste processo de pesquisa, cooperando com preciosas contribuições;

Aos meus amigos e irmãos Roney Hoffmann, Jonatan Hoffmann, Ronize Liziane Linchi, Édi Marques, Joana Massari, Andréia Brizolla, Camila Hagelund, Henrique Niero, Rafael Langella, Diulie Tavares, Franciele Coelho Bez, Louine Henrieth e todos outros que a memória não alcança. Esses, que em algum momento no percurso da pesquisa, sorriram, brincaram, choraram, e tudo isso que a amizade e os sentimentos possibilitam. E agradeço também a Letícia Zorzi Rama, pelo cuidado, amizade e por transcrever as Rodas de Diálogo para esta pesquisa;

Ao sistema *Biodanza* e todas as pessoas que conheci nela, que me inspiraram e fortaleceram nesta caminhada. Este foi o lugar que mais me nutriu no processo de pesquisa. Pude me abrir a todo momento às minhas potências e fraquezas, sendo acolhido de forma incrivelmente afetuosa. Agradeço especialmente à Maria Elenita Bocalon e Marcélia Veiga, vocês são únicas.

Aos professores das instituições que passei, ou mesmo de cada esquina que caminhei, que contribuíram na minha formação crítica e na construção de minha visão de mundo. Graças a estes processos de ensino-aprendizagem pude me tornar quem sou, e me reconhecer hoje como pesquisador.

Por fim, agradeço a vida, esta grande potência que torna tudo possível. Que deva sempre ser considerada um *a priori*.

La fuerza que nos conduce es la misma que enciende el sol que anima los mares y hace florecer los cerezos. La fuerza que nos mueve es la misma que agita las semillas con su mensaje inmemorial de vida. La danza genera el destino bajo las mismas leyes que vinculan la flor con la briza. Bajo el girassol de armonia, todos somos uno.

Rolando Toro

## RESUMO

A dissertação *Corpo e Memória: os fenômenos na Trilha da Vida*, desenvolvida no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE, é vinculada à linha de pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagem e ao Grupo de Estudos em Arte, Cultura e Patrimônio (GEARCUPA), e à *Trilha da Vida*, uma instalação de Arte&Ciência, experimento educacional criado pelo artista e educador ambiental José Matarezi, em 1999. A abordagem teórico metodológica “Trilha da Vida: (Re)Descobrimo a Natureza com os Sentidos” foi concebida com o objetivo de discutir ciência através de uma educação sensível, que valorize as dimensões subjetivas das pessoas, frente à excessiva racionalização científica. A pesquisa objetiva investigar e compreender como se manifestam as possíveis evidências de transformação das pessoas, pela exaltação das dimensões sensíveis, quando experienciada a instalação *Trilha da Vida*, a partir dos fenômenos de percepção do corpo e fenômenos da memória. No primeiro capítulo, são discutidas as relações que a *Trilha da Vida* tem com a fenomenologia, pelas aproximações com Merleau-Ponty (1974), com a dissertação de Matarezi (2017), referências principais nesta seção. Pela investigação bibliográfica, identificaram-se aproximações radicais entre esses dois campos, principalmente pelo enraizamento da *Trilha da Vida* nas perspectivas da Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória. No segundo capítulo, são discutidas as relações de corpo, patrimônio e memória na *Trilha da Vida*, a partir de um quadro socioambiental atual. As dissociações estabelecidas, e fortalecidas pela ciência, tensionam e separam o corpo, do meio ambiente, da natureza, de suas memórias, e da alma. Em um movimento integrador, a pesquisa foca-se na união dessas dimensões. Também, são discutidas as importâncias de movimentos intencionados na sociedade, dadas as profundas alterações históricas frente ao acelerado avanço tecnológico, que apresentam como consequências, afastamentos de estilos de vida pautados nas necessidades individuais, conduzindo a *anestesiamentos* dos sentidos, e do corpo-próprio, propostas por Duarte Jr. (2000). Dessa forma, as relações com as memórias e identidades também se modulam diante do quadro de desconexão sensível dos sujeitos com eles mesmos, pois ambas são compreendidas no corpo. Por fim, são discutidas as abordagens fenomenológicas sobre Tempo e Espaço na *Trilha da Vida* referendadas de Merleau-Ponty (1974), para uma fenomenologia da memória e do quadro perceptivo. O último capítulo volta-se para apresentação e análise dos fenômenos na *Trilha da Vida*. Contudo, uma etapa foi alterada na abordagem: a da elaboração dos Mapas Mentais, por expressões na argila. Assim sendo, são discutidas as contribuições, na *Trilha da Vida*, decorrentes da substituição. Para a coleta dos dados, utiliza-se da metodologia observação participante, aliada ao diário de campo, e fotografias para uma descrição da cena fenomenológica, método proposto por Detoni e Paulo (2000), do dia da experiência. Com as transcrições dos relatos de vivência dos participantes da Roda de Diálogo, os dados são interpretados pelo método da hermenêutica fenomenológica, proposta por Bicudo (2000), tendo como base de discussão a fenomenologia merleau-pontyana. Foram identificados cruzamentos entre os fenômenos de percepção do corpo e os fenômenos da memória, em relatos que apresentavam descrições sensoriais e sensíveis da experiência vivida. Assim, o contato do participante consigo mesmo foi um dos dispositivos principais para mobilizações das identidades, evocações da memória e ressignificação das histórias de vida.

**Palavras-chave:** Trilha da Vida, fenomenologia, corpo, memória, educação ambiental.

## ABSTRACT

The dissertation *Body and Memory: The phenomenas in the Trail of Life* developed in the Master's Degree in Cultural Heritage and Society of UNIVILLE, linked to the Heritage, Memory and Language Research Line and to the Group of Studies in Art, Culture and Heritage (GEARCUPA) and to the *Trail of Life*, an installation of Art&Science and educational experiment created by artist and environmental educator José Matarezi, in 1999. The theoretical methodological approach "Trail of Life: (Re)Discovering Nature with the Senses" was conceived with the objective of discussing science through a sensitive education that values the subjective dimensions of people, in the face of excessive scientific rationalization. The principal research objective focus on investigate and understand how the possible evidences of people 's transformation manifest themselves, through the exaltation of sensitive dimensions, when experiencing the *Trail of Life* installation, from the phenomena of perception of the body and phenomena of memory. In the first chapter, the relationships that the *Trail of Life* has with phenomenology are discussed by the approximations with Merleau-Ponty (1974) and with Matarezi's dissertation (2017), main references in this section. Through the bibliographical research, fundamental approaches were identified between these two fields, mainly by rooting the *Trail of Life* in the perspective of critical, transformative and emancipatory Environmental Education. In the second chapter, the relationships of body, patrimony and memory in the *Trail of Life* are discussed, based on a current socio-environmental framework. The dissociations established and strengthened by science, tensionate and separate the body, the environment, nature, its memories, and the soul. In an integrative movement, research focuses on the union of these dimensions. Also, the importance of intentional movements in society is discussed, given the profound historical changes in the face of the accelerated technological advance, which have as consequences, withdrawals from lifestyles based on individual needs, that conduces to an anesthesia of the senses and the body, discussed by Duarte Jr. (2000). Thus, relations with the memories and identities also modulates by framework of sensitive disconnection of subjects with themselves, since both are comprehend in the body. Finally, Merleau-Ponty's (1974) phenomenological approaches to Time and Space on the Track of Life are discussed for a phenomenology of memory and perceptual framework. The last chapter, turns to the presentation and analysis of phenomena in the *Trail of Life*. However, one step was altered in the approach for this research: the elaboration of the Mental Maps by expressions in clay. For the data collection, it is used the methodology of participatory observation allied to the field diary, and the photographs for a description of the phenomenological scene, method proposed by Detoni and Paulo (2000), of the day of the experience. With the transcriptions of the experiences of the participants of the Dialogue Circle, the data are analyzed by the method of of phenomenological hermeneutics proposed by Bicudo (2000), na discusses based on a merleau-pontyan phenomenology. The intersections between the phenomena of perception of the body and the phenomena of memory, in relation to the sensorial and sensitive descriptions to the lived experience. Thus, the participant's contact whit themselves was one of the main devices for the mobilization of identities, evocations of memory and resignification of life histories.

**Keywords:** Trail of Life, phenomenology, body, memory, environmental education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Apresentação da antiga casa da família Gervásio e Bauer na Trilha da Vida. ....	26
Figura 2- Momento anterior a caminhada às cegas na Trilha da Vida. ....	27
Figura 3- Roda de Diálogo na Trilha da Vida. ....	28
Figura 4- Expressões em argilas, sendo à direita obra de autoria de Dorli Signor presente na exposição Amor em Terracota; ao centro e esq. minhas expressões elaboradas durante a vivência na maratona de Biodanza. ....	29
Figura 5- Na esquerda, o conjunto de antúrios que José Matarezi aponta para o grupo, convidando-os para um olhar sensível do ambiente, e na direita, a sustentação dada pelas pedras, por cerca de 100 anos, para a antiga casa da família. ....	50
Figura 6- Movimentos de orientação e partilha entre os participantes dos cursos da UFSC. No canto sup. esquerdo, conversa inicial com o Sr. Valdir Bauer, proprietário do local; no canto sup. direito, apresentação da antiga casa de madeira; no canto inf. esquerdo, a orientação para a trilha; e no canto inf. direito, a Roda de Diálogo. ....	55
Figura 7- Momento do “simples e sincero abraço” após a caminhada às cegas na Trilha da Vida. ....	69
Figura 8- Representação da obra “Pessoas (Complemento as Árvores) ” de Friedensreich Hundertwasser, pintada em 1950. Aquarela e carvão em papel irregular amarelo - 59 x 44 cm. ....	71
Figura 9- Projeto árvore-locatária de Hundertwasser na Trienal de Milão, em 1973. ....	73
Figura 10- Representação gráfica elaborada por Hundertwasser de sua teoria das “5 peles”. ..	74
Figura 11- Mapas mentais produzidos após a experiência sob as vendas na Trilha da Vida, que representam a disputa entre Cronos e Kairós, o tempo medido e o orgânico. ....	76
Figura 12- Momento da conversa inicial na Trilha da Vida com Dona Tereza G. Gervásio Bauer que apresenta uma fotografia de sua família. O rosto de Dona Tereza, explicita um tipo de cartografia da vida, onde cada marca conta histórias de espaços e tempos entrelaçados, registrados no corpo. ....	90
Figura 13- Sr. Valdir em frente à casa onde ocorrem as refeições da Trilha e usando uma touca higiênica, lugar que continuamente procura a Equipe Trilha da Vida para uma rápida conversa. Sempre atento aos Movimentos da experiência, circula cuidadosamente no Espaço, alinhando o tempo das refeições e, quando possível, fica para conversar sobre situações vividas, ou para contar uma de suas inúmeras piadas. ....	91

Figura 14- Mapas Mentais produzidos a partir de experiências de participantes na Trilha da Vida, que possivelmente contam memórias, identidades e histórias de vida dos participantes. À esquerda, um senhor observa atentamente os objetos e evoca lembranças, e à direita, um abraço de despedida e memórias de outros tempos na relação com o “filho”. .....	94
Figura 15- Mapas Mentais produzidos na Trilha da Vida que trazem como elemento a representação do rio e da corda guia. ....	97
Figura 16- Portal de flores no Espaço Rural Clarear.....	109
Figura 17- Laranjas kinkan em contraste com o céu azul. ....	110
Figura 18- A caminho para os cuidados na trilha.....	110
Figura 19- O brilho enterrado na trilha.....	111
Figura 20- A flor que nasce ao lado da argola.....	111
Figura 21- Momento de amarrar os panos nas árvores.....	112
Figura 22- A esq.: as bolachas e a caneca de café; e a direita: fim de tarde no Espaço Rural Clarear. ....	113
Figura 23- À esq.: momento de chegada em que o sol aparece entre as copas das árvores; à direita: outro café, outros cuidados. ....	114
Figura 24- São Francisco de Assis de Dorli Signor. Obra presenteada para a família Gervásio e Bauer.....	114
Figura 25- Momento em que os participantes ouvem a apresentação dos princípios do Espaço Rural Clarear pelo Sr. Valdir Bauer. ....	116
Figura 26- À esq.: participantes esquentando suas mãos ao sol; à direita: saudação ao Sol e alongamentos em diferentes momentos.....	116
Figura 27- Caminhada pela escada irregular em direção à casa histórica. ....	117
Figura 28- Roda de conversa com Dona Tereza G. Gervásio Bauer, que conta as histórias do bairro e de sua família. ....	118
Figura 29- Dona Tereza G. Gervásio Bauer arruma os detalhes de sua casa com muito cuidado, antes de os participantes entrarem. ....	120
Figura 30- No canto superior à esq.: início da caminhada intencionada; no canto sup. direito: participantes ao lado do pé de laranja kikan; no canto inf. esq.: alguns param para olhar o rio de cima no caminho; e no canto inf. direito: outros se aventuram para ver o rio de perto. ....	121
Figura 31- Momento de retirada dos calçados.....	122

Figura 32- No canto sup. esq.: a escolha do local de uma participante para a elaboração da expressão, cercada pela floresta; no canto sup. direito, e canto inf. esq.: momento de confecção da argila; e canto inf. direito: as mãos repletas de argila, logo após seu manuseio.....	123
Figura 33- Momento de digestão da refeição e espera da Roda de Diálogo. ....	124
Figura 34- Início da Roda de Diálogo sob minha perspectiva dos participantes e suas expressões.....	125
Figura 35- Expressão na argila da participante A.D., que comenta suas significações.....	131

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Títulos, anos de defesa e cursos/universidades das teses e dissertações levantadas acerca dos temas de EA, estética e fenomenologia. ....	37
Quadro 2- Principais referenciais teóricas e objetivos das teses e dissertações levantadas acerca dos temas de EA, estética e fenomenologia. ....	38

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Programas de Mestrado e Doutorado, e os trabalhos acadêmicos que defendaram acerca dos temas de EA e estética. ....	34
Tabela 2- Programas de Mestrado e Doutorado, e os trabalhos acadêmicos que defendaram acerca dos temas de EA e fenomenologia. ....	35
Tabela 3- Universidades onde foram defendidas teses e dissertações acerca dos temas de EA e estética. ....	36
Tabela 4- Universidades onde foram defendidas teses e dissertações acerca dos temas de EA e fenomenologia. ....	36

## SUMÁRIO

<i>Caminhos Trilhados...</i> .....	16
<i>Os percursos das pesquisas sobre Educação Ambiental</i> .....	30
<b>1. Aproximações da <i>Trilha da Vida</i> à uma abordagem fenomenológica</b> .....	41
1.1. Os trajetos da <i>Trilha</i> e a fenomenologia .....	47
<b>2. (A)fluências: corpo, patrimônio e memória</b> .....	64
2.1. Movimentos e Memórias.....	85
<b>3. Experiência Estética na <i>Trilha da Vida</i></b> .....	98
3.1. O dia anterior.....	109
3.1. A experiência vivida .....	113
3.2. Os fenômenos: corpo e memória.....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	138
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	143

## *Caminhos Trilhados...*

Dediquei parte de minha vida, como Oceanógrafo estudando os fenômenos ambientais, principalmente aqueles dos oceanos. No nível (altitude) de 0 metro, se encontra o principal receptor de toda água do mundo que escoo da terra. Assim, o oceano, destino final dessas águas, só existe devido à existência de caminhos de escoamento desses fluidos. Independente da grandeza e vazão desse fluido, ele irá influir no oceano suas características, e ao diluir, lentamente se transforma em oceano. As características das águas que chegam ao oceano, a dinâmica desses escoamentos e suas infinitas conformidades me fazem refletir sobre o valor da observação dos processos, caminhos e percursos de qualquer caminhada, antes de seus fins, já que todo rio é também um oceano. Assim, me proponho fazer uma breve narrativa autobiográfica na introdução desta dissertação, ao abordar características de cada “rio da vida”, apresentando minha história, na tentativa de elucidar brevemente, a partir dos recortes das experiências que estabeleci, selecionei estudar a *Trilha da Vida* pela fenomenologia conciliada às pesquisas de corpo, memória e patrimônio.

Motivado pela minha paixão pelo mar e na tentativa de conhecer melhor o ambiente costeiro, ingressei no curso de Oceanografia pela UNIVALI, em 2011. Essa decisão foi baseada por dois movimentos e memórias que justificam os percursos até o curso. A primeira foi pautada em memórias da infância, por ter nascido em Santos/SP, e quase todo tempo de minha vida ter habitado esses espaços costeiros. Minha relação com o mar sempre foi de deslumbramento: passava horas nas praias, brincando com meus dois irmãos, Jonatan Hoffmann e Roney Hoffmann, aos cuidados de minha mãe Rosimar Marques Hoffmann. Meu pai, Fabio Rene Hoffmann, sempre me conduziu e me apresentou esse lugar devido a estreita relação que tem com o mar, evidenciado o trabalho com pescados, nos quadros que pintou e ainda estão pendurados nas paredes de minha casa, nas antigas lâminas fotográficas que contam sua trajetória como fotógrafo de surf, e no seu esporte predileto: o surf. Esse, sempre considerado um tempo/espaço de nutrição existencial, me traz lembranças de quando era criança e o via chegar em casa com os olhos mais claros que o comum, o que indicava uma felicidade enorme ao “pegar” boas ondas.

Minha segunda memória está pautada no Ensino Médio, pois tinha dificuldade de entender os assuntos de biologia humana nas disciplinas de Ciências, então, decidi optar por um curso para me aprofundar nos estudos da natureza, já que meu entendimento nessa área era

mais eficiente, e por manter uma relação de encantamento com os fenômenos ambientais e ambientes cercados de natureza.

Assim, o curso de Oceanografia pertencente às ciências exatas e ambiental, tinha sua estrutura pedagógica voltada para o ensino técnico-científico e, por vezes, ultra específico, condizente com a lógica atual da ciência moderna. Assim, traduzíamos a realidade captáveis “por uma expressão matemática [...] ou por uma fórmula físico-química” (BOFF, 1998, p. 145), contribuindo para o descarte das complexidades dos fenômenos multidimensionais, suas relações e inter-relações (MORIN, 2007), fomentando a construção de um pensamento de conhecimento fechado, acabado e completo.

Logo no início, recebi um jornal feito a mão por estudantes do Centro Acadêmico de Oceanografia. Nele constava um texto de uma formanda, tematizando a perda do “romantismo” que os alunos têm ao longo do curso. O texto atentava para o trajeto do curso, no silenciamento de utopias e perspectivas de um mundo mais colaborativo e libertador, e sinalizava que possivelmente seríamos enformados pela comum profissão do Oceanógrafo, a consultoria ambiental. Não me via naquelas falas, mas o tempo todo me preocupava e me perguntava se estava passando por aquilo. Esse foi um dos momentos em que vi o contexto agindo sobre minhas memórias, pois ao mesmo tempo que minhas lembranças na infância com o mar me fortaleciam a continuar estudando, o estudo por ora, rompia com essas memórias a partir de um desencanto.

Um dos motivos para que isso acontecesse com a maioria dos estudantes, talvez era decorrente de uma proposta interdisciplinar do curso, que promovia de diálogos entre disciplinas exatas, porém, desassociadas das relações humanas. Era visível o deslocamento do humano para com o meio ambiente, como questiona Santos (2003) da naturalização do afastamento dessas duas ciências: naturais e humanas. Em função dessa disjunção, nota-se a dificuldade por uma condição reflexiva dos pesquisadores com os quais tive contato no decorrer da minha formação acadêmica, em suas percepções sobre meio ambiente, separando-o dos sujeitos humanos, “ao mesmo tempo em que são parte ativa são por ele constituídos” (CARVALHO; STEIL, 2013, p. 2).

O não reconhecimento dos pesquisadores como parte do meio ambiente, o predomínio da razão no contexto acadêmico, e a desvalorização da ciência humano-ambiental ou socioambiental percebidos no andamento do curso, fizeram-me percorrer outros caminhos, na tentativa de compreender a ciência pelo que não é dado, para além de fórmulas e expressões

matemáticas. Com isso, destaco dois pulmões nos quais pude respirar da experiência de uma pedagogia tecnicista.

Um desses pulmões foi a disciplina de Educação Ambiental (EA), a qual cursei em 2012, no terceiro período do curso, ministrado pelo prof. José Matarezi, ou apenas Matarezi. O momento de “pegar o ar” foi justamente quando tive contato com esse outro campo, o qual não discutíamos nas disciplinas, uma visão caracterizada pelo protagonismo cultural na relação entre ser humano e o meio ambiente. Em decorrência disso, mantive meu “romantismo”, entendendo que o sentido da proteção deste ambiente era fundamentado por questões culturais, indo além das justificativas protecionistas da natureza na dependência direta e unidirecional com os recursos naturais, exercendo uma ética de cuidado e respeito do ser humano para com todos os fenômenos ambientais e condição de vida (BOFF, 1999).

Além das ricas contribuições pessoais e os aprendizados que tive nas aulas teóricas de EA, experienciei também, pela disciplina, um processo de formação muito intenso, a partir do experimento educacional *Trilha da Vida*, enraizada pela abordagem teórico-metodológica “Trilha da Vida: (Re)Descobrimo a Natureza com os Sentidos”, do Laboratório de Educação Ambiental (LEA) da UNIVALI. Localizado no Espaço Rural Clarear, no bairro da Limeira, em Camboriú/SC, desde 2011. A *Trilha da Vida* – comumente retratada, ou apenas *Trilha* - é uma instalação fixa de arte e ciência, criada em 1999, pelo artista-educador-ambiental e meu professor, José Matarezi, tem em umas de suas etapas uma vivência marcada por uma caminhada às cegas, sob o uso de vendas, em uma trilha dentro do bioma da Mata Atlântica.

Lembro da minha ansiedade antes de me vendarem para a caminhada; era como adentrar em um outro mundo desconhecido, em que tudo era possível, e o impossível quase que perceptível. A cada passo, uma parada para respirar aquilo que tinha caminhado e, no final de tudo, inúmeras descobertas sobre mim mesmo, brotando emoções, sensibilidades, perspectivas de vida e inquietações profissionais.

A partir da minha experiência sensível com a *Trilha da Vida* e na tentativa de preencher as entrelinhas do meu entendimento de ciência e meio ambiente, ingressei no Programa de Pesquisa e Extensão da Rede Trilha da Vida em 2012, atuando como colaborador nas vivências. Por não me vincular institucionalmente ao LEA – pois era estagiário do laboratório de Mergulho da UNIVALI - não frequentava regularmente o espaço nem participava das discussões acerca dos projetos; então, ficava dependendo de avisos dos estagiários para ciência dos dias em que a *Trilha da Vida* iria ocorrer.

Muitos desses contatos foram realizados por responsáveis da Equipe *Trilha da Vida*, porém na sua maioria foram através de encontros inesperados com José Matarezi, nos corredores da universidade. Esses encontros tinham enorme singularidade no cotidiano acadêmico, pois ora eram longos, seguidos de conversas amigáveis; ora eram curtos, pois nem sempre tínhamos tempo para nos desenrolarmos nos assuntos. À medida que tinha mais tempo durante os fluxos de atividades das disciplinas e dos compromissos do Laboratório de Mergulho, circulava mais no LEA e me vinculava ao espaço e aos estagiários. E com essa maior aproximação, os intervalos entre os contatos e avisos para a participação das saídas reduziram.

Participar das saídas da *Trilha da Vida* naquele tempo sempre me trouxe uma nutrição, que não conseguia descrever. Era como alívio de meu cotidiano: eu me percebia em um contínuo movimento de valorização das descobertas da vida. Durante esse tempo, pude compartilhar momentos de extremo valor com alguns estagiários: junto ao André Luís Bembem, Emerson Fritzen, Iara Mares Machado, Letícia Zorzi Rama, Joana Massari, Nathalia Canellas, Andréia Brizolla. Essas descobertas me apresentaram, como Edgar Morin coloca ao discutir sobre felicidade no vídeo *A poesia da vida*<sup>1</sup>, uma poética em meu olhar para o mundo de encantamento e diversão na simplicidade, para uma nutrição de minha existência.

Junto a minha esporádica atuação no LEA, outro pulmão da minha trajetória foi o ingresso, em 2014, no Projeto de Extensão *Terapeutas da Alegria* da UNIVALI, movimento que, no início, foi impulsionado e estimulado por meu irmão gêmeo Roney Hoffmann, que também ingressou no projeto, porém desistindo nos meses seguintes. O projeto *Terapeutas da Alegria* é baseado em intervenções lúdicas e improvisadas, em ambientes hospitalares, redes de atendimento, lares de idosos e lares de crianças, através do *clown*, pela palhaçoterapia. Passei a dedicar maior parte da minha semana ao projeto, como coordenador de visitas, das formações e reuniões semanais, com temas em torno da arte do *clown*, da relação intrapessoal e interpessoal do coletivo. O *clown* é uma das manifestações mais intrínsecas da forma do palhaço, pois nos permite olhar para as características mais fundamentais do nosso ser, ou seja, seja você mesmo, e assim surge Dr. Zão<sup>2</sup>. Muitos foram os encontros e desencontros nesse

---

<sup>1</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=Y21B\\_vFhLbE](https://www.youtube.com/watch?v=Y21B_vFhLbE)>.

<sup>2</sup> No projeto *Terapeutas da Alegria*, o batizado de nome do(a) palhaço(a) é dado ao longo do processo de formação, e sempre por um palhaço(a) já batizado do projeto, e de vez em quando por algumas crianças nos primeiros dias de atuação nos hospitais. O termo doutor(a) é utilizado para metaforizar o papel do palhaço(a) no ambiente hospitalar, já que também, promovem saúde através do acolhimento e diversão. Assim, Dr. Zão surgiu por conta de minha altura, sendo o aumentativo cômico de doutor, ou seja, doutorzão.

contexto, situações nas quais o choro era impossível segurar, gargalhadas que extrapolavam meu ser, e aprendizados indescritíveis frente à vida e à possibilidade da perda. Além de perceber a força que a arte tem nas expressões mais íntimas das relações entre pessoas, vi que minha necessidade de permear e imergir nesse campo era quase fundamental.

A posição de mediador e colaborador de ambos os Projetos de Extensão, viabilizou a percepção das lacunas na aprendizagem objetiva da ciência, caracterizada pela visão fragmentada de contextos, a qual nega as dimensões sensíveis e a subjetividade humana na construção do conhecimento. Foi com esses dois pulmões que mantive o fôlego suficiente no meio acadêmico, para seguir na construção de meu Trabalho de Conclusão de Curso na Oceanografia. Em 2014, entrei para o Laboratório de Oceanografia Geológica (LOG) da UNIVALI, e comecei a estudar os processos de erosão das praias de Penha/SC. Independentemente do que pesquisei, destaco a importância da convivência dentro do LOG para minha formação profissional e pessoal, seja em momentos desagradáveis e agradáveis, percebi a necessidade de encontrar espaços de aprendizagem em que a vida – força originária da existência – fosse priorizada, e só assim, poderia me realizar enquanto ser humano.

Concluído o curso de Oceanografia em 2016, tive a oportunidade de, junto à Equipe *Trilha da Vida*, coordenar e mediar dois ciclos de oficinas no âmbito da Formação Continuada em Ecocidadania, pelo Projeto Babitonga Ativa, com as temáticas de: “Identidade Individual e Coletiva”, “Espaços e Estruturas Educadoras – Experimento Educacional Transdisciplinar” e “Planejamento Pedagógico Integrado”, em municípios catarinenses como Joinville, Balneário Barra do Sul, São Francisco do Sul, Garuva, Itapoá e Araquari, que compõem os territórios em torno da Baía da Babitonga. Pude perceber ao longo desses ciclos de oficinas, as diferentes relações e percepções que os participantes - em sua maioria pedagogos - têm sobre o território a que pertencem, devido às diferentes leituras do ambiente, torna-se unânime o reconhecimento da formação social e cultural que o território exerce, sobre as comunidades ao longo da história.

Durante às idas ao entorno de Joinville, José Matarezi mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS), me convidou para participar de uma aula de Pensamento Contemporâneo, mediada pela profa. Dra. Nadja de Carvalho Lamas do MPCS, na Casa da Cultura em Joinville, com a artista e pesquisadora Priscila Rampin. O trabalho intitulado “Pequenas Desordens”, discutia o corpo na cidade através de registros fotográficos, a partir de seus usos peculiares e diversos. Foi impossível não notar a unicidade daquela aula, quando comparada às minhas experiências anteriores, bem como as discussões sobre o campo da Artes

articulado com o Patrimônio, propostas pelo Grupo de Estudo de Artes Cultura e Patrimônio (GEARCUPA) do qual participei de um encontro, gerando interesse em cursar o mestrado (MPCS).

A partir dessas duas experiências, somada à escrita da dissertação de José Matarezi sobre a *Trilha Da Vida* e suas articulações do campo de Educação Ambiental e Patrimonial, fiz um movimento intencionado para ingressar no curso do MPCS, pois via a possibilidade de um acréscimo enorme nas minhas práticas profissionais, e na minha formação pessoal. Acima de tudo, me interessava pelo Mestrado, justamente para “fazer ciência” à luz das Ciências Humanas, na tentativa de suprir uma demanda decorrente da graduação.

Ao ingressar no mestrado, não tinha intuito de pesquisar sobre a *Trilha da Vida*, porém mantinha interesse, exatamente porque me fizera percorrer os caminhos de incontáveis descobertas de vida. Meu interesse de estudo era sobre o corpo, destaco assim, momentos fundamentais para tal decisão. O primeiro e principal momento, fruto de reflexões sobre os “pulmões” da minha trajetória acadêmica, busquei uma convergência entre a *Trilha da Vida* e o projeto Terapeutas da Alegria, e com isso, percebi que o corpo, em ambos os projetos, era o centro da ação, responsável por criar e recriar contextos. Outro momento que contribuiu para a minha escolha foi assistir à defesa da dissertação de meu cunhado Éderson Marques Goes, ou Édi, no Mestrado em Música pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Encantado com sua pesquisa que objetivava promover reflexões sobre os processos criativos e o movimento corporal de um coro infantil em Curitiba-PR, enfatizo uma fala final na conclusão da sua apresentação, algo como, se não me falha a memória: “estamos aqui no corpo, vamos olhar para ele, vamos cuidar dele”. Essa fala que trago ainda hoje, me traz a importância não só de discutirmos o corpo na ciência, mas de, investigar a percepção corporal e suas implicações em nossos cotidianos.

No decorrer do ano, no MPCS, a disciplina de “Memória e Identidade” preencheu a lacuna de entendimento que tinha sobre Ciências Humanas, e uma nova dimensão conceitual abriu-se diante de mim. Fiquei ainda mais envolvido nas questões sobre memória, quando tive contato com a dissertação de Eliane Bohr do MPCS, que trabalhou com autobiografias através da arte-terapia. A pesquisa me abriu perspectivas para discutir o corpo, articulando com questões que envolvem memória. A metodologia utilizada no trabalho da Eliane me provocou, a “fenomenologia” de que nunca tinha ouvido falar, despertando interesse de investigação.

Posteriormente, em conversas com minha orientadora, prof.<sup>a</sup> Nadja, objetivamos, a partir de inúmeras possibilidades e desejos, delimitamos o objeto da minha pesquisa que era também o lugar que me proporcionou diversas aprendizagens bem como não me afastava da Oceanografia pela EA, a *Trilha da Vida*. Mas o que escrever sobre a *Trilha*? As referências da *Trilha* permeiam diferentes campos da educação, como em sua importância na EA (MATAREZI, 2001; MATAREZI, 2006; MATAREZI, 2009; MATAREZI; KOEHNTOPP, 2017); na sua articulação com a Educação Patrimonial (EP) (MATAREZI, 2017); ou com a Arteterapia (HANSEL, 2011); enquanto ambiente de aprendizagem (SCHMIDT, 2003); e como espaço e estrutura educadora (MATAREZI, 2005). Cabe aqui ressaltar que a dissertação de Matarazi (2017) é um dos principais referenciais teóricos desta pesquisa. Assim, a convite da prof.<sup>a</sup> Nadja, produzi um texto sobre minha experiência como integrante da Equipe *Trilha da Vida* nas vivências, enquanto mediador de algumas etapas. Percebemos que, em meu texto, tínhamos uma questão chave, originada na percepção de que os participantes “entravam de um jeito e saíam de outro”.

Acredito que essas mudanças são decorrentes de uma abordagem teórico-metodológica que prioriza a construção do conhecimento sensível junto ao inteligível, a partir de experiências vivenciadas, rompem com os paradigmas da ciência moderna (MATAREZI; KOEHNTOPP, 2017). Pois, com base em experiências sensíveis os indivíduos são provocados para uma compreensão da totalidade, a partir da ativação de dimensões pessoais que superam a racionalização científica, e só assim é possível que a EP e EA emancipe e transforme os indivíduos, possibilitando a construção de um olhar crítico sobre contextos.

A compreensão da totalidade nos permite questionar as dicotomias sustentadas pela ciência cartesiana e ultraspecífica como alma e corpo, razão e emoção, racionalidade e sensibilidade, que contribuem para fragmentação de compreensão de corpo. Ao fragmentar, o corpo perde sua intencionalidade sensível, e por consequência, desencadeia uma desarmonização e mecanização de práticas básicas dos indivíduos como caminhar, conversar, comer, ver, cheirar, tocar (DUARTE JR., 2000). Na *Trilha da Vida* compreendemos o corpo em sua totalidade, como nas dimensões físicas, espirituais, sensíveis, objetivas/subjetivas e emocionais.

Cada vez mais, os estímulos para a percepção de um corpo íntegro são reduzidos, entrando em uma escassez de vida. Então, são necessárias experiências que proporcionem a percepção sensível do corpo, apreendidas ao longo desses anos de experiência na *Trilha*,

evidenciadas nas Rodas de Diálogo – após a vivência de olhos vendados – em que os participantes questionam a grande mecanização das práticas cotidianas, junto a um “enrijecimento” do próprio corpo.

A percepção corporal está ligada a uma autopercepção muito sutil e delicada ainda mais no cenário social e político em que nos encontramos. Cada vez mais são escassas as relações afetivas, e os graves problemas ambientais originados devido à não percepção do outro e do contexto. Entendo que, quanto melhor me percebo, mais me identifico com minhas relações culturais e ambientais e, conseqüentemente, maiores e melhores são os meus vínculos “comigo, com o outro e com o todo”. Só percebo quem está ao meu redor e suas individualidades, se me percebo no corpo que me permite ao mundo, assim tomo como pressuposto a sua totalidade, no que supera as dicotomias clássicas entre corpo-mente e corpo-alma.

Por isso, faz-se necessário discutir o corpo e a percepção na tentativa de romper com suas anestésias e fragmentações, suscitadas pela racionalização científica e pelas práticas da modernidade, que colaboram para um “progressivo afastamento do próprio corpo [...]” (DUARTE JR., 2000, p. 120).

Essas anestésias e fragmentações promovem a construção de mais couraças – conceito da terapia psicossomática, desenvolvida por Wilhelm Reich - em nossos corpos, resultando em bloqueios emocionais e mentais (MALUF JR., 2000). Essas couraças armazenam memórias individuais e servem de proteção para a identidade, na mesma proporção que resultam em maior rigidez corporal e, por consequência, os conteúdos emocionais ligados a cada couraça não se manifestam (MALUF JR., 2000). Assim, percebi que na *Trilha da Vida* a dimensão da memória é constantemente comentada nas Rodas de Diálogo. A memória, antes de se situar em suportes materiais, é corporal, e se modula a partir das condições externas do ambiente. Estudos recentes discutem sobre outras formas de inscrição das memórias no corpo, através de registros de estilos de vida. Neste sentido, e os estilos de vida condicionam os movimentos do corpo, esses registrados por suas memórias. Conseqüentemente, diversos processos históricos de acelerado avanço tecnológico têm proporcionado um afastamento do corpo e uma escassez de movimentos nos dias atuais, inferindo diretamente nas identidades e memórias dos sujeitos.

Por isso, sob a ótica da *Trilha da Vida*, vejo que a EA e EP têm papel importante nas transformações dos indivíduos para a construção de um olhar ético de cuidado e respeito<sup>3</sup> para o meio ambiente, para as memórias, e principalmente para o corpo.

Assim, surge um problema de pesquisa: **Quais são as contribuições da *Trilha da Vida* para uma redescoberta de si, através das percepções do corpo e da memória, a partir das provocações sensíveis de contato com a natureza?** Outras questões de pesquisa são levantadas a partir da primeira: como o corpo age e/ou reage às provocações sensíveis de contato com a natureza na *Trilha da Vida*? Quais as contribuições das vivências na *Trilha da Vida* para uma percepção do próprio corpo? E como as memórias autobiográficas se associam à percepção corporal?

A partir dos problemas levantados, objetivo minha pesquisa **investigar e compreender como se manifestam as possíveis evidências de transformação das pessoas, pela exaltação das dimensões sensíveis, quando experienciada a instalação *Trilha da Vida*, a partir dos fenômenos de percepção do corpo e da memória.** Do mesmo modo, traço os seguintes objetivos específicos: levantar e descrever os estudos realizados sobre a instalação *Trilha da Vida*; interpretar os dados coletados a partir da perspectiva fenomenológica; verificar as relações que os gestos dentro das performances têm nos processos de rememoração na *Trilha da Vida*; identificar e descrever os conteúdos das falas relacionadas às percepções corporais.

A presente pesquisa parte de metodologias qualitativas para o entendimento dos fenômenos de percepção das experiências vividas na *Trilha da Vida*. A escolha deste método se deu pela minha inserção no contexto da *Trilha da Vida*, assim, junto a necessidade de compor a Equipe *Trilha da Vida* nos dias da experiência, poderia também realizar minha pesquisa. Então, para a coleta de dados<sup>4</sup>, utilizo do método de observação participante que permite participar enquanto Equipe *Trilha da Vida* no acolhimento e mediação das etapas na experiência, e de pesquisador na observação dos fenômenos de percepção. Segundo Proença (2007, p.12) o método permite revelar sobre o tema de pesquisa “mais profundamente os mecanismos e as lógicas que regem seu funcionamento, atenuando desta forma a margem de

---

<sup>3</sup> O cuidado e o respeito são conceitos que contemplam um campo subjetivo. O cuidado e respeito para alguns, pode ser diferente para outros. Desta forma, no segundo capítulo são explicitados sob que ótica os conceitos estão localizados.

<sup>4</sup> A pesquisa tem autorização do comitê de ética para a realização da coleta de dados. Também foram autorizados por todos os sujeitos de pesquisa, o registro de imagem e voz no dia da experiência. Certificado de Apresentação para Apreciação Ética número 85674218.8.0000.5366 pela instituição proponente e, 85674218.8.3001.0120 pela instituição coparticipante.

interpretações precipitadas ou superficiais no trabalho investigativo”. Os comportamentos linguísticos e não verbais são descritos e registrados (VERGARA, 2012), permitindo a interpretação da totalidade, compreendida por aspectos objetivos e subjetivos (LENINGER, 1985 *apud* MARCON; ELSEEN, 2000). Aliado ao método de observação participante, uso de fotografias retiradas pela Equipe *Trilha da Vida* para uma descrição visual do vivido, e a ferramenta de Diário de Campo para sistematização e organização das observações no próprio local da vivência pois, proporciona o registro das informações não-formais, como o de conversas, gestos e expressões que digam respeito ao tema de pesquisa (MINAYO, 1993). Assim, com tais ferramentas e métodos, no dia da experiência, utilizo da cena fenomenológica, discutida por Detoni e Paulo (2000) para uma melhor descrição do vivido, possibilitando interpretações iniciais da experiência. A cena fenomenológica, é um método desenvolvido a partir de uma leitura crítica da histórica do teatro e da fenomenologia, onde descreve-se a ação dos sujeitos e o conjunto de significados articulados.

Entretanto, é utilizado do Banco de Dados da *Trilha da Vida*, textos, fotografias<sup>5</sup> de outras experiências na abordagem teórico-metodológica *Trilha da Vida*, no primeiro e segundo capítulo, que não se focam na apresentação dos dados de coleta. Essa investigação documental, serve de suporte e complementação para a resolução dos problemas de pesquisa, já que assumo uma postura fenomenológica para com a experiência vivida, e priorizo as quais participo recentemente a partir de minha pesquisa.

Para a investigação dos fenômenos relativos às experiências dos participantes, utilizo o método da hermenêutica fenomenológica proposta por Bicudo (2000). A análise no método, conduz das asserções individuais das experiências vividas, para categorias mais amplas, os invariantes do fenômeno. Aliado ao método, me embaso nos estudos do filósofo francês Merleau-Ponty, na obra intitulada *Fenomenologia da Percepção* (1974), outro referencial teórico da pesquisa, para melhor compreensão dos fenômenos. Sabe-se que esta não é a obra mais atual de Merleau-Ponty, e outras possivelmente poderiam sustentar ainda mais esta pesquisa, porém dadas as condições de espaços-tempos, objetivou-se a seleção da referência. Essa escolha foi a partir das disciplinas do mestrado, da leitura da dissertação da Eliane Bohr, e da tese da Elni Elisa Willms (2013) – intitulada *escrevivendo*. A pesquisa se sustenta pelo olhar fenomenológico no espaço educativo Te-Arte e ao realizar essa leitura em 2016, durante

---

<sup>5</sup> As fotografias utilizadas da *Trilha da Vida* estão disponíveis para pesquisa no Banco de Dados da *Trilha da Vida*, e autorizadas quanto aos seus usos, viabilizando o direito de uso das imagens.

a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Oceanografia, me deslumbrei com as possibilidades de uma escrita pessoal e científica na academia, e da aproximação das fronteiras da ciência vivenciada. A fenomenologia é pouco utilizada em campos fora da Filosofia, devido a sua complexidade e baixa difusão, contudo, percebi sua potência em desvelar, na *Trilha*, os fenômenos compreendidos, por mais subjetivos, ocultos e sensíveis que fossem.

A partir da delimitação teórica-metodológica, o foco das investigações passa a ser as etapas anteriores e posteriores à caminhada de olhos vendados. A *Trilha* inicia com recepção dos participantes que chegam ao Espaço Rural Clarear pelos proprietários, que esclarecem as regras e princípios do espaço e oferecem uma refeição. Após essa recepção inicial, é apresentada ao grupo a antiga casa da família Bauer e utensílios de recordação que marcam a história familiar (Figura 1).

Figura 1- Apresentação da antiga casa da família Gervásio e Bauer na *Trilha da Vida*.



Fonte- Fotografia retirada do Banco de Dados *Trilha da Vida*.

Posteriormente, é efetuado um convite para que os participantes realizem uma caminhada em silêncio até a trilha, exercendo a escuta-ativa durante caminho. Em seguida, os participantes desenvolvem dinâmicas corporais mediadas pela Equipe *Trilha da Vida*, que abordam a percepção dos sentidos individuais, do esforço para ampliação desses, além de movimentos de alongamento do corpo, levando aos poucos, um movimento coletivo e integrado

de maior sintonia. Ao chegar no início da trilha, é realizada uma conversa com todo o grupo, para o esclarecimento e orientações; em seguida, um a um, os participantes são vendados e iniciam o percurso às cegas (Figura 2).

Figura 2- Momento anterior a caminhada às cegas na *Trilha da Vida*.



Fonte- Fotografia retirada do Banco de Dados *Trilha da Vida*.

Na saída da trilha, os participantes realizam uma caminhada individual e quando encerram, são recepcionados com um abraço, uma das marcas identitárias da *Trilha da Vida*. Depois, são orientados a expressarem através de mapas mentais as suas experiências, os sentimentos e as percepções que tiveram ao longo da trilha vendados. Em seguida após uma refeição, todos são convidados a se reunirem em uma Roda de Diálogo, um espaço de fala-e-escuta conjunta, a fim de compartilharem os mapas mentais e as experiências na *Trilha* (Figura 3).

Figura 3- Roda de Diálogo na *Trilha da Vida*.



Fonte- Fotografia retirada do Banco de Dados *Trilha da Vida*.

A Roda de Diálogo funciona como uma entrevista em grupo, sendo que cada participante, após o relato da experiência do outro, pode contribuir em sua fala, acrescentar algo sobre sua experiência, relatar outras descobertas, ou qualquer outra questão que deseje socializar. Na Equipe *Trilha da Vida*, coloco-me como mediador da Roda de Diálogo nesta pesquisa, para melhor aprofundamento e investigação acerca da percepção corporal e das memórias ativadas durante a vivência na trilha. As entrevistas e a Roda de Diálogo são gravadas, filmadas e transcritas, para viabilizar a descrição e recortes interpretativos das percepções das experiências narradas pelos participantes, e para realizar cruzamentos com as observações de campo de pesquisa.

Porém, na presente pesquisa, uma etapa foi substituída na *Trilha da Vida* para auxílio na compreensão dos fenômenos de percepção do corpo. A alteração foi baseada em uma vivência e Maratona de *Biodanza* que realizei em 2016, em Santa Maria/RS com o padre e artista Dorli Signor. A *Biodanza* é um sistema criado por Rolando Toro, em 1960, o qual propõe, através de sessões semanais em grupo, a integração humana, renovação orgânica, reeducação afetiva, e reaprendizagem das funções originárias da vida. As maratonas são para alunos efetivos, e proporcionam aprofundamento nas vivências; logo, maiores níveis de vínculo humano. Na maratona promovida por Dorli, junto ao grupo, tive experiências incríveis com argila - matéria-prima de suas obras – que expressavam genuinamente as emoções e descobertas

que tive naquele fim de semana (Figura 4). Esse foi outro momento de grande descoberta, pois o ato de mexer na argila remeteu a uma visceralidade gestual, gestos esses que não são guiados pela racionalidade, abrindo espaços subjetivos e sensíveis pelo contato com um elemento, que me diluía minhas questões pessoais que carregava e ao mesmo tempo, me trazia uma força indescritível para futuros percursos em minha vida.

Figura 4- Expressões em argilas, sendo à direita obra de autoria de Dorli Signor presente na exposição *Amor em Terracota*; ao centro e esq. minhas expressões elaboradas durante a vivência na maratona de *Biodanza*.



Fonte- (A) imagem extraída do vídeo “92º TV Arte - Exposição Amor em Terracota”, disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=dED4vENZD80>>; (B) e (C) fotografias do autor.

Após a vivência com a argila, compartilhei com José Matarezi a experiência que tive, e durante o diálogo, percebemos que, ao substituir os mapas mentais para a expressão nas argilas, ganharíamos muito na pesquisa, pela materialidade da forma, a construção de um corpo na argila, além da sua potência terapêutica de expressão de vivências.

Nesses termos, a estrutura da presente dissertação inicia no primeiro capítulo com diálogos entre a fenomenologia e a *Trilha da Vida*, a partir de referências e de seu embasamento conceitual, sabendo que o objetivo deste capítulo não é discutir a fenomenologia, mas ter o pensamento de Merleau-Ponty como base de reflexão para a *Trilha da Vida*. No segundo capítulo, é discutida a relação do corpo e memória no quadro socioambiental atual, ressaltando processos dissociativos e as consequências na modernidade. E no terceiro capítulo, volta-se ao estudo de campo da *Trilha*, e à pesquisa das experiências com base nos acionamentos das

memórias, na percepção do corpo, na provocação estética que a vivência proporciona, nas dimensões sensíveis humanas, nos fenômenos em si.

### ***Os percursos das pesquisas sobre Educação Ambiental***

A pesquisa sobre EA tem sido desenvolvida ao longo do tempo, atravessada por processos, questões e problemas no campo. A exemplo disso, está o aumento das questões ecológicas na sociedade, as ambientalizações dos processos educativos por intermédio de propostas e práticas formais e não formais, e a carência de discussões sobre as políticas públicas voltadas à área. (CARVALHO et al., 2009). Esse ambiente fértil de problemáticas nos possibilita a interrogação e o atendimento de demandas, necessidades, e soluções nas pesquisas, o que contribui para um aumento dos trabalhos no Brasil.

Segundo Carvalho e colaboradores (2009), a EA é um tema recorrente em dissertações e teses, sendo a primeira defendida em 1989, na USP. Ao compararmos com outros campos de conhecimento, essa é uma área ainda recente de pesquisa, porque foi a partir da década de 90 que, de acordo com Reigota (2007, p. 34) “concretizou-se a institucionalização da educação ambiental em diferentes departamentos de pós-graduação. A informação sobre essa produção começou a circular, aumentando o interesse pela sua fundamentação política e pedagógica”. À medida que se avançou nos trabalhos acadêmicos, as políticas públicas evidenciaram outras urgências de pesquisa (REIGOTA, 2007).

Entretanto, o que se pesquisa no Brasil, representado pelas dissertações e teses produzidas na área, tem baixa circulação e apresenta dificuldades na difusão e acesso dessas pesquisas. Quando se trata de teses, o número de produção acadêmica ainda é pequeno: em 2009, somavam-se cerca de 10% quando comparadas às dissertações (CARVALHO et al., 2009). As profundidades de pesquisas teórico-metodológicas, e as discussões do campo ainda apresentam latentes avanços na pesquisa brasileira, porém a difusão das informações é o que dificulta o conhecimento do que foi falado/escrito e do que ainda não foi.

Por consequência, contribuiu para uma riqueza e diversidade de denominações que existem da EA e, junto a isso, diluiu-se a temática nos campos de busca nas plataformas de pesquisa, a exemplo das semelhanças teórico/práticas das ecopedagogias e a multiplicidade de EA existentes. Outra questão a ser trabalhada, são as representações da EA em nossos contextos, assim como atestado por Reigota (2007) que, em seu levantamento sobre a pesquisa

de EA no Brasil, muitos foram os relatos de pesquisadores que não situavam sua pesquisa no campo, porém seus trabalhos possuíam elementos que aproximavam da temática.

Quando a busca nas plataformas se foca nas bases epistemológicas, metodológicas e discursivas da EA, notam-se convergências entre os aportes teóricos que sustentam o entendimento e a identidade da EA. De acordo com Silva e Henning (2018) em seu mapeamento documental, realizado em cinco portais<sup>6</sup> de pesquisa, entre o período de 2003 e 2015, foram levantados 96 trabalhos, sendo que desses, os autores destacam a recorrência da mesma fundamentação teórica voltada às questões ambientais a partir da Teoria Crítica em Educação (SILVA; HENNING, 2018). Assim, notou-se que “tanto pela indicação do campo quanto pela abordagem teórica escolhida para compreender a Educação Ambiental, verificou-se que 70 (setenta) trabalhos assumem essa mesma base epistemológica” (SILVA; HENNING, 2018, p. 6) que incentiva a formação crítica e emancipatória dos sujeitos para transformações práticas e situacionais.

A posição da conscientização dos sujeitos, como capaz de superar as problemáticas sociais que afetam e são afetadas pelas questões ambientais, traduzem-se na premissa que adjetiva a Educação Ambiental como “crítica, emancipatória e transformadora”. Na maioria dos trabalhos mapeados, o campo da Educação Ambiental é tomado como potente meio de transformação, seja ela epistemológica, educacional ou socioambiental. Esta peculiaridade vê na conscientização do sujeito a possibilidade de alcançar a coletividade para a superação das problemáticas e conflitos ambientais.

Mas ainda se evidenciam, dada a abrangência do tema, inúmeras propostas e pesquisas que, de fato, poderiam efetuar profundas transformações na sociedade ou mesmo desvelar potências de trabalho, se elas se pautassem nas referências principais do campo da EA que nos mostram, nos processos históricos, singularidades do campo na sua articulação com a Teoria Crítica da Educação.

Assim, à medida que se expande a ciência na temática ambiental, diversas concepções surgem sobre EA, como já dito e, conseqüentemente, desdobram-se em outras pesquisas. Isso nos revela um cuidado epistemológico, ao olhar os percursos teóricos do campo, para que a não escolha das bases epistemológicas que sustentam esses entendimentos da EA sirvam de práticas despotencializadas e, por vezes, incoerentes no campo. Isso acontece quando as propostas estão completamente dissociadas, ou mesmo, não balizadas a esse campo teórico. As coerências, seja

---

<sup>6</sup> Estes portais são: Scielo, Portal de Periódicos da Capes, a Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Revista de Pesquisa em Educação Ambiental e a Revista Brasileira de Educação Ambiental (SILVA; HENNING, 2018).

em qualquer campo, devem ser pauta primeira para as pesquisas no Brasil, para que uma linha norteadora entre marcos conceituais e operacionais dê maior potência às práticas e propostas educacionais.

Outra dificuldade que o campo apresenta, segundo Fracalanza e colaboradores (2008, p. 4-5) é devido:

[...] ao fato de a produção acadêmica ser realizada em distintos programas de Pós-Graduação, torna-se difícil a recuperação, tanto das variadas informações sobre Educação Ambiental assentadas pelas pesquisas, quanto das controvérsias existentes nesse campo, bem como das reais configurações dos recortes teóricos, dos objetos, objetivos e procedimentos de investigação que constituem o âmago dos trabalhos.

Assim, o aumento do número de IES no Brasil e EA, sendo um tema transversal às mais diversas áreas, fez com que a busca do que se tem feito no campo, seja dificultada. Essa questão talvez seja um grande desafio da presente pesquisa inserida no Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade: por abordar os desafios e coerências da Educação Ambiental, articulado às discussões acerca do patrimônio, cultura e memórias, apresentando-se dificuldades de difusão desta pesquisa e inserção nas plataformas de busca.

À medida que o campo se evidencia dificuldades, apresenta também soluções criativas, a exemplo do Projeto EArte, que se destina à manutenção e disponibilização dos textos do Banco de Teses e Dissertações Brasileiras em Educação Ambiental (BT&D/EA). Esse banco possui, após um levantamento realizado sobre a temática desde 1981 até 2016, 4205 pesquisas acadêmicas. São quatro critérios de inclusão de pesquisas na plataforma:

1) Explicitam dentre as questões de pesquisa ou dentre um dos objetivos, geral ou específico, a intenção de investigar processos relacionados com a Educação Ambiental ou da relação entre temas ambientais e o processo educativo; 2) Exploram aspectos ou fundamentos da temática ambiental relacionando-os ao processo educativo em geral ou à educação ambiental em particular; 3) Exploram aspectos do processo educativo, relacionando-os à temática ambiental e/ou ao ideário ambientalista, incluindo aqueles que analisam e/ou apresentam propostas educativas, sequências de unidades didáticas, recursos didáticos ou de comunicação social que envolvem aspectos da temática ambiental; 4) Exploram concepções, representações, percepções, conhecimentos, visões, ideias, saberes e sentidos relacionados à temática ambiental, desenvolvidos em contextos educacionais ou apenas motivados pelo ou como subsídios para processos educativos, mesmo que não apresentem indícios de inserção do processo educativo na investigação (EARTE, 2018).

Percebe-se que, a partir dos critérios apresentados, a abrangência de busca contemplou as mais diversas pesquisas sobre a EA. Segundo Reigota (2007), a partir de um levantamento de teses e dissertações sobre EA, no período entre novembro de 2000 e novembro de 2002, existe um predomínio de trabalhos que estudam e analisam “percepções, signos, significados, representações, representações sociais, concepções e conceitos prévios de grupos”, além de

outros trabalhos que, sem apresentar a matriz teórico-metodológica adotada, estudam e analisam falas, perspectivas, valores, crenças, visões, pensamentos, e opiniões de grupos sociais” (REIGOTA, 2007).

Esse também é um dado percebido na pesquisa de Carvalho e colaboradores (2009) que, ao analisarem teses e dissertações de 2002 a 2006, verificaram que o estudo sobre as concepções, percepções, e representações sociais, concepções de alunos, professores e moradores, sobre meio ambiente, educação ambiental, sustentabilidade, qualidade de vida, entre outros, alcançaram cerca de 22% dos totais dos resumos lidos; os relatos de intervenção e as descrições de projetos de EA que acontecem em parques, escolas e reservas apresentaram 21%; e a dimensão de gestão e manejo de parques, reservas, praias turísticas, no que envolve a comunidade local, 12%. Outros trabalhos que relacionam “estudos culturais, perspectiva de gênero, complexidade, teoria sistêmica, memória cultural, transdisciplinaridade, epistemologia, ecofeminismo, teoria literária, semiótica” (REIGOTA, 2007) são encontrados em menor quantidade.

Apresentado esse contexto de pesquisa em EA no Brasil, percebo que a presente pesquisa circula entre as temáticas das mais diversas ordens, desde percepções de alunos, descrição de projeto, até através da articulação com grandes eixos como: estética e fenomenologia. Pensando nesses eixos, a proposta da *Trilha da Vida* (pautada na educação estética, e educação ambiental), e esta pesquisa (acerca da postura fenomenológica), como se apresenta a produção de teses e dissertações desses eixos na relação com EA? A partir de um levantamento no BT&D/EA, em uma aproximação quantitativa e qualitativa, busca-se apresentar um quadro das produções que discutem ou trazem as dimensões de estética e fenomenologia, no recorte temporal de 1981 até 2016, anos que contemplam o Banco de dados. Esse recorte não contempla a dissertação de Matarezi, produzida em 2017, no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, referencial desta pesquisa.

Esse mapeamento destina-se ao estudo do recorte temporal/conceitual escolhido, mas não traz a análise integral dos textos. Num primeiro momento, foram inseridas, no campo de busca, as palavras-chave “Educação Ambiental” e “estética” (EA&E), e em outra busca, “Educação Ambiental” e “fenomenologia” (EA&F). Ambos os mapeamentos tinham, como critério, a inserção dessas palavras-chave nos resumos das teses e dissertações. Entretanto, sabe-se que tais pesquisas podem conter elementos e aproximações do outro tema, ou seja, uma pesquisa fenomenológica utiliza discussões da estética, vice-versa.

Na busca EA&E, foram identificados 60 trabalhos acadêmicos, e na busca EA&F, 49 trabalhos, no total de 109, desconsiderando os trabalhos que apareciam em ambas as buscas. De forma geral, as dissertações contemplaram 79% do levantamento, e as teses 21%. Desde 2010 até 2016, é notável a grande e crescente produção acerca do recorte escolhido, totalizando 51% em EA&E e, 60% em EA&F, quando comparado ao período de 1981 a 2010.

Na busca EA&E, os programas de pós-graduação nos quais foram defendidos os trabalhos, foram os mais diversos, sendo os mais relevantes o programa de Educação com 25 trabalhos acadêmicos e Educação Ambiental com 15 (Tabela 1). Entretanto, o que mais se destaca nessa busca é o programa de Comunicação, o qual apresenta 2 dissertações que articulam EA e estética.

Tabela 1- Programas de Mestrado e Doutorado, e os trabalhos acadêmicos que defenderam acerca dos temas de EA e estética.

<b>EA&amp;E</b>		
<b>Programa</b>	<b>Dissertações</b>	<b>Teses</b>
Educação	21	4
Educação Ambiental	13	2
Ecologia e Recursos Naturais	-	2
Comunicação	2	-
Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional	1	-
Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável	1	-
Gestão Ambiental	1	-
Ensino, Filosofia e História das Ciências	1	-
Ensino de Ciências e Educação Matemática	-	1
Ensino das Ciências	1	-
Ensino Científico e Tecnológico	1	-
Engenharia Ambiental	-	1
Educação para a Ciência	1	-
Educação e Contemporaneidade	1	-
Ecologia	1	-
Direito, Democracia e Sustentabilidade	1	-
Direito	1	-
Desenvolvimento Regional	1	-
Ciências da Engenharia Ambiental	-	1
Ciências da Educação	1	-
<b>Totais</b>	<b>49</b>	<b>11</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já na busca de EA&F, o programa de Educação Ambiental não aparece no quadro de levantamento, e a programa de Educação ainda é o programa que também mais produz na articulação dos temas de Educação Ambiental e fenomenologia (Tabela 2). Destaca-se o programa de Cultura e Turismo, com uma dissertação desenvolvida, e o programa de Saúde e Meio Ambiente da UNIVILLE, com 1 dissertação em ambas. No Mestrado de Saúde e Meio Ambiente da UNIVILLE, mesma universidade da presente pesquisa, a dissertação desenvolvida em 2015, intitulada: “Representação social do uso popular de plantas medicinais - experiência em uma comunidade rural (Pirabeiraba, Joinville/SC) ”, teve a fenomenologia como matriz metodológica para a descrição de experiências.

Tabela 2- Programas de Mestrado e Doutorado, e os trabalhos acadêmicos que defenderam acerca dos temas de EA e fenomenologia.

<b>EA&amp;F</b>			
<b>Programa</b>	<b>Dissertações</b>	<b>Teses</b>	
Educação	18	8	
Geografia	4	1	
Ensino das Ciências	3	-	
Ciências Ambientais	2	1	
Desenvolvimento e Meio Ambiente	2	-	
Ecologia e Recursos Naturais	1	1	
Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente	1	-	
Engenharia Ambiental	1	-	
Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia	1	-	
Meio Ambiente e Desenvolvimento	-	1	
Saúde e Meio Ambiente	1	-	
Comunicação	1	-	
Cultura & Turismo	1	-	
não especificado	1	-	
	<b>Totais</b>	37	12

Fonte: Elaborado pelo autor.

Referente ao levantamento quantitativo das universidades envolvidas das teses e dissertações na busca EA&E, a Universidade Federal de Rio Grande/RS foi a que mais apresentou defesas em torno desses temas, com 17 trabalhos acadêmicos (Tabela 3). Isso porque a FURG tem um Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, e diversas discussões

acerca do tema, na relação com processos educativos, na perspectiva da educação estético-ambiental, e ainda um grupo de pesquisa voltado para os estudos do teatro na educação.

Tabela 3- Universidades onde foram defendidas teses e dissertações acerca dos temas de EA e estética.

<b>EA&amp;E</b>	
<b>Universidades</b>	<b>Dissertações e Teses</b>
Universidade Federal de Rio Grande	17
Universidade Estadual Paulista	4
Universidade Federal de Mato Grosso	3
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2
Universidade de Passo Fundo	2
Universidade Regional Integrada	2
Universidade de São Paulo	2
Universidade Federal do Paraná	2
Universidade Federal de Santa Catarina	2
Universidade Federal de São Carlos	2
Universidade Estadual de Ponta Grossa	2
Universidade Federal do Espírito Santo	2
outras universidades com apenas 1 publicação	18

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando levantadas as universidades envolvidas na busca envolvendo EA e fenomenologia, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) é a que mais se destaca com 12 trabalhos defendidos, três vezes mais do que a UFPR e UNISUL (Tabela 4). Essa rica contribuição na universidade é dada majoritariamente pela pesquisadora Michèle Tomoko Sato, que integra o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), e atua nas áreas de educação ambiental, ecofenomenologia, artes, direitos humanos.

Tabela 4- Universidades onde foram defendidas teses e dissertações acerca dos temas de EA e fenomenologia.

<b>EA&amp;F</b>	
<b>Universidades</b>	<b>Dissertações e Teses</b>
Universidade Federal de Mato Grosso	12
Universidade Federal do Paraná	4
Universidade do Sul de Santa Catarina	4
Universidade do Vale do Itajaí	3
Continua na próxima página	

Universidade Federal da Paraíba	3
Universidade de Brasília	2
Universidade Estadual de Santa Cruz	2
Universidade Federal de São Carlos	2
Universidade Federal Rural de Pernambuco	2
outras universidades com apenas 1 publicação	15

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após esse levantamento quantitativo, foi realizada uma busca qualitativa dos trabalhos que coincidem com as buscas EA&E e EA&F, ou seja, estética, fenomenologia, e Educação Ambiental (EA) nos resumos. Foram identificados 6 trabalhos acadêmicos, sendo 4 teses e 2 dissertações, produzidas, em sua maioria, nos últimos 2 anos do recorte temporal, e em sua maioria do programa de Educação (Quadro 1).

Quadro 1- Títulos, anos de defesa e cursos/universidades das teses e dissertações levantadas acerca dos temas de EA, estética e fenomenologia.

<b>Código</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Curso - Universidade</b>
EF1	Poética da rua: estética do meio ambiente urbano em imagens de cineastas negros	2016	Mestrado em Comunicação - UNB
EF2	Liu Arruda: a travessia de um bufão cuiabano, sob a inspiração de Augusto Boal	2015	Doutorado em Educação - UFMT
EF3	Transformações pessoais: no embalo das danças circulares sagradas o reencontro com a natureza do ser	2016	Doutorado em Educação - UPF
EF4	Educação estético-ambiental e fenomenologia: problemas filosóficos da educação estético-ambiental na modernidade	1997	Doutorado em Educação - UNICAMP
EF5	Educação Estética Ambiental e Teatro do Oprimido: fundamentos e práticas comuns	2009	Mestrado em Educação - UFPR
EF6	A experiência estética no cerrado para a formação de valores estéticos e éticos na Educação Ambiental	2015	Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais - UFSCAR

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto à análise qualitativa dos trabalhos, não foi possível identificar as principais referências e os objetivos em todos os resumos dessas teses e dissertações, dificultando o aprofundamento. Entretanto, as pesquisas em que não constam esses dados, foram melhor estudadas para uma posterior apresentação.

As principais referências mais utilizadas nesses trabalhos que articulam a fenomenologia com a EA são: Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, Mikel Dufrenne (Quadro 2). Mesmo ciente de que muitos dos autores listados não apresentam aprofundamentos nas discussões do campo, mas muitos desses utilizam a fenomenologia como chave de interpretação e crítica à ciência que produz um saber estático e fechado. Como exemplo, a pesquisa EF2 discute o descolamento do pesquisador para o encontro do outro através do teórico Gaston Bachelard. Merleau-Ponty e Mikel Dufrenne apresentam obras específicas sobre a fenomenologia, e também uma abordagem estética fenomenológica, tanto nas obras Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, quanto na Fenomenologia da Experiência Estética de Dufrenne. Os principais teóricos para a dimensão da estética, foram dos mais diversificados, e não apresentaram nenhuma predominância. Mas destaco o teórico, filósofo e poeta Friedrich Schiller que será citado em, pelo menos, dois trabalhos como o primeiro a introduzir o conceito de educação estética, e João Francisco Duarte Junior doutor em filosofia pela UNICAMP, que também trabalha com a educação estética para uma reversão do quadro de anestesia de sentidos na sociedade. Pode ser que a categoria da estética não teve nenhuma predominância teórica dada a amplitude de possíveis usos nas pesquisas, desde a discussão teórica dos processos educativos, quanto a descrição de experiências das mais diversas ordens. Outro ponto é que, quando verificados os objetivos dos trabalhos, percebe-se a grande inserção do campo artístico nas pesquisas levantadas, sendo que três trabalhos se relacionam diretamente ao teatro e ao cinema; assim, foram utilizados teóricos desse campo para discussão de estética.

Quadro 2- Principais referenciais teóricas e objetivos das teses e dissertações levantadas acerca dos temas de EA, estética e fenomenologia.

<b>Principais referenciais teóricos</b>			
<b>Código</b>	<b>Fenomenologia</b>	<b>Estética</b>	<b>Objetivo Geral</b>
EF1	Gaston Bachelard Michel Maffesoli	Gilles Deleuze Jacques Aumont Guy Debord	Investigar as imagens do espaço da rua em diferentes estéticas como música, poesia, artes gráficas, fotografia, deriva, e sua relação com imagens dos filmes que compõem o corpus da pesquisa: Cores e Botas, de Juliana Vicente; Carolina, de Jeferson De; e Faça a Coisa Certa, de Spike Lee.
Continua na próxima página			

EF2	Gaston Bachelard Merleau-Ponty	Augusto Boal	Estudar a década de 1980 em Cuiabá, abarcando particularmente as questões culturais, educacionais, ambientais e estéticas, por considerá-las indissociáveis e interligadas, inclusive ao global, tendo como ponto de referência o teatro praticado por Liu Arruda.
EF3	Amedeo Giorgi Mirian S. Comiotto	Friedrich Schiller João F. Duarte Jr. Michel Maffesoli Durand e Galeffi	Investigar o significado das Danças Circulares Sagradas (DCS) no processo educativo.
EF4	Edmund Husserl	Não específica	Promover a reflexão fenomenológica e hermenêutica para a construção de uma proposta teórico-metodológica de educação estético ambiental, a partir da compreensão da cultura como natureza humana do mundo de vida.
EF5	Mikel Dufrenne Merleau-Ponty	João F. Duarte Jr. Andreia A. Marin	Avaliar a inserção da dimensão sensível-crítica nas ações de educação ambiental pela arte e compreender as possíveis contribuições da teoria estética aliada ao teatro do oprimido para ações de educação ambiental.
EF6	Immanuel Kant Merleau-Ponty Gaston Bachelard Mikel Dufrenne Hans-Georg Gadamer Alfonso L. Quintas	Tim Ingold Sarah Pink M. Sheets- Johnstone	Compreender a natureza da experiência estética no Cerrado, devido ao seu histórico de ocupação e degradação.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante dos diversos teóricos apresentados tanto na área da fenomenologia quanto da estética, a presente pesquisa destina-se a um recorte, selecionando alguns desses autores. Na fenomenologia, os filósofos Merleau-Ponty e Michel Maffesoli são utilizados. Merleau-Ponty foi escolhido como referência devido ao contexto da *Trilha da Vida*, pois entende-se que as experiências estéticas são fundamentadas em um campo perceptivo, abordado fenomenologicamente como tema principal de sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1974). E Michel Maffesoli, por sua obra *O Elogio da Razão Sensível* (1998), discutida por Matarezi (2017), na relação com a *Trilha*. A obra de Maffesoli, na presente pesquisa, é principalmente retratada para traçar discussões e críticas ao racionalismo científico. Referente aos teóricos da estética, a presente pesquisa utiliza a obra de João Francisco Duarte Jr. (2000), também trabalhada por Matarezi (2017), para apresentação de uma educação estética que reverte um quadro de *anestesiamento* em nossa sociedade. Os outros autores citados no Quadro 2, que estruturaram o mapa teórico dos teóricos utilizados na pesquisa, não são utilizados nesta pesquisa.

Ao observar essas tabelas e quadros, surge uma pergunta que provoca os processos de investigação e pesquisa: quais são os desafios desta pesquisa frente aos contextos quantitativos e qualitativos apresentados? Como já descrito, existe uma preocupação na difusão desta pesquisa nas plataformas de busca, já que a pesquisa é realizada em um programa que, até 2016, não apresentou nenhuma dissertação ou tese acerca dos temas de busca (EA&E, EA&F). Os desafios das compreensões teóricas do campo da EA, aliados às discussões relativas ao programa, e as propostas discursivas desta pesquisa, devem ser tratados com extremo cuidado para alcançar uma discussão coerente e profunda dessas articulações. No contraponto, tem-se o desafio do tempo hábil da produção de uma dissertação, já que, conforme apresentado, as teses representam mais do que 66% desse tipo de produção e unem EA, estética e fenomenologia. Esse número é relativamente maior do que a busca geral da estética (EA&E) e fenomenologia (EA&F) separadas, sendo apenas 21% de teses defendidas. Para atender aos desafios e complexidades, no primeiro capítulo são discutidos os encontros fenomenológicos com a *Trilha da Vida* junto aos seus percursos de identidade e construção, compondo pela EA entrelaçamentos entre estas abordagens: fenomenológica e *Trilha da Vida* nos processos educativos.

## 1. Aproximações da *Trilha da Vida* à uma abordagem fenomenológica

[...] o monte de neve é uma outra coisa, completamente diferente da simples justaposição dos flocos de neve. Estes estão, por assim dizer, logicamente integrados e, por conseguinte, tornam-se algo de totalmente específicos.

Metáfora de Michel Maffesoli (1998, p. 89) sobre a compreensão na ciência.

Os trabalhos que abordam a *Trilha da Vida* atravessam diferentes campos da ciência, mas em todas as partes, as estruturas e bases conceituais que proporcionam o entendimento do que é a *Trilha da Vida* são mantidas e preservadas. Conforme Matarezi e Koehntopp (2017, p. 6), “ao longo do seu desenvolvimento a *Trilha da Vida* pode ser caracterizada e fundamentada de várias formas, dependendo do referencial teórico em que ela é analisada ou pesquisada”; assim, à medida que se avança na pesquisa com a *Trilha da Vida*, diferentes abordagens e referenciais conduzem a novos percursos de conhecimento.

Esses percursos, subsidiam a cada (re)descoberta nas pesquisas realizadas sobre a *Trilha*, bem como o reconhecimento de outras possibilidades de compreensão para além dos paradigmas da ciência, repletas de certezas, completudes e exatidões, como de acordo com Schmidt (2003, p. 94) que expressa sobre a “própria característica do conhecimento, sempre em aberto e incompleto”. Segundo Merleau-Ponty, “compreender é reapoderar-se de uma intenção total” (1974, p. 16), e para a captura dessa intenção, são necessárias aberturas para outros horizontes disciplinares, diversificando os métodos de investigação frente aos problemas interrogados nas pesquisas. Assim, a partir da necessidade de compreender e perceber a complexidade de relações existentes na *Trilha da Vida*, quais seriam as possíveis contribuições que a fenomenologia poderia trazer para esta abordagem teórico-metodológica?

A *Trilha da Vida* surge na proposta inter e transdisciplinar<sup>7</sup>, “possibilitando a integração de diversas áreas do conhecimento dentro de um objetivo comum” (MATAREZI, 2001, p. 2),

---

<sup>7</sup> Transdisciplinaridade é um conceito que surge vinculado às abordagens ecossistêmicas, que permite um olhar diferenciado a realidade em seus diversos níveis (TORRE, 2008). Segundo Sommerman (1999), a transdisciplinaridade é constituída por três pilares: o da *Complexidade* definido e explicitado por Edgar Morin; o *Terceiro Incluído*, criado em oposição a lógica aristotélica do Terceiro Excluído, que afirma “que não existe um terceiro termo que seja que não existe um terceiro termo que é ao mesmo tempo A e não-A” (SOMMERMAN, 1999, p. 5); e os *Diferentes Níveis de Realidade*, que sustenta a lógica de múltiplas realidades.

do qual, desde o princípio, um dos objetivos é possibilitar a reaproximação das pessoas com a natureza, para redescoberta crítica dos contextos socioambientais. A transdisciplinaridade, qualidade estruturante da *Trilha da Vida*, conduz à “compreensão efetiva das relações entre os conteúdos para além dos limites disciplinares, aproximando-se mais de uma percepção complexa” (MATAREZI, 2001, p. 97) da *Trilha da Vida*. Com isso, além das experiências que tive enquanto integrante da Equipe *Trilha da Vida*, as repercussões geradas a partir da abertura desses “horizontes científicos”, resultado dessa percepção complexa, culminaram nesta pesquisa e na escolha de meu repertório conceitual.

Ao longo desses anos como integrante da Equipe *Trilha da Vida*, foram percebidas as adaptações na metodologia, devido às transformações e aos acréscimos conceituais dados pelos trabalhos publicados e defendidos sobre o tema. Contribuições de diferentes campos da ciência, foram adentrando neste arcabouço conceitual e metodológico, resultando em refinamentos teórico-práticos da abordagem. As orientações das etapas na *Trilha* e as conversas principalmente na antiga casa mudaram devido as contribuições dos recentes trabalhos com a *Trilha da Vida* que agregaram dimensões e conceitos como “performance e participantes”<sup>8</sup>, educação patrimonial, memória e identidade, conhecimento sensível/inteligível, e objetos sociotransmissores, que hoje são fundamentais para o entendimento da *Trilha da Vida*, se tornando chave de compreensão e interpretação dos valores presentes na experiência.

Os aprimoramentos e calibragem da Equipe *Trilha da Vida*, reverteu em abordagens, novas propostas, acolhimentos que puderam suportar a dimensão de uma experiência na *Trilha*. Os refinamentos são significativos para um amadurecimento de qualquer equipe, principalmente aquelas que visam um olhar ampliado de contextos, e os que trabalham sobretudo com indivíduos. Mudanças teórico-práticas também foram desencadeadas desde a alteração do local onde estava situada, em 2012. Por se fundamentar na EA crítica, enraizada nas propostas de Educação de Paulo Freire, é necessário que a proposta educacional se ajuste ao contexto onde está localizada, repercutindo nas tomadas de decisão sobre o que fazer, colocar

---

<sup>8</sup> A instalação da Trilha da Vida pode ser performática, ao entendê-la, conforme Lopes (2003, p. 3), “no sentido de que o gesto artístico só se consubstancia pela experiência de uma pessoa que adentra o espaço e o traz à vida. Torna-o, portanto, expressivo com sua presença na obra, com sua vivência da obra.” A experiência na instalação e a realização de performances dentro dela, são conferidas aos participantes, termo fundamentado por Oiticica (1986) para designar os participantes que realizam performances. Assim, os participantes que entram no espaço, traçam os movimentos individualmente e coletivamente nesse ambiente que, proporciona provocações a partir de interações e relações através da estimulação dos sentidos humanos.

ou trazer na *Trilha da Vida*. A EA crítica tem como suporte de criação e funcionamento a pensamento crítico de Paulo Freire na educação, “convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos” (CARVALHO, 2004, p. 20), que associadas aos processos pedagógicos e educativos, tem como proposta o despertar da consciência crítica para uma efetiva transformação da sociedade (GUIMARÃES, 2006).

As pesquisas e trabalhos que têm como objeto de pesquisa a *Trilha da Vida*, somam atualmente cerca de sete<sup>9</sup> publicações, sendo duas dissertações e uma monografia de especialização. Em cada trabalho existe uma descrição contextual do que é a abordagem conceitual/metodológica. Assim, procuro não desenvolver a escrita da presente pesquisa, por mais que meu processo criativo e curioso me convide a adentrar novamente em cada conceito teórico que as pesquisas já realizadas descrevem; entretanto se faz importante uma breve contextualização das pesquisas da *Trilha*, e as discussões mais pertinentes.

O principal marco conceitual da *Trilha da Vida* é estruturado na dissertação escrita por José Matarezi em 2017, pelo Programa de MPCPS, devido aos mais recentes estudos associados à abordagem. Nesse trabalho, o autor destaca todo o percurso da *Trilha da Vida*, em uma narrativa autobiográfica, pelo método de bricolagem. Por seu trabalho agrupar todas as pesquisas vinculadas diretamente com a *Trilha*, poderia utilizar apenas sua dissertação como referencial para articular conceitos com a fenomenologia; porém, tendo em vista a importância de discorrer sobre os processos, assumo a postura de não me contentar apenas com uma perspectiva (a da publicação última sobre a *Trilha*), para capturar, desde o início, o percurso do pensamento, as nuances e subjetividades, para uma (re)descoberta sensível das trilhas da *Trilha*.

Como o foco desta dissertação é investigar os fenômenos acerca das experiências perceptivas da *Trilha da Vida*, são muitas as possíveis contribuições que a fenomenologia poderá trazer nesta abordagem simples e complexa, de trilhas e vidas. Pela fenomenologia, buscam-se as evidências para a compreensão dos fenômenos estudados, e como se revela para os sujeitos envolvidos na pesquisa, neste caso, o próprio pesquisador, a Equipe *Trilha da Vida*, os participantes da *Trilha da Vida*, e os proprietários do Espaço Rural Clarear.

A fenomenologia, como abordagem filosófica de compreensão dos fenômenos, foi desenvolvida no século XX, por Edmund Husserl (1859-1938) em sua obra *Investigações Lógicas*, publicada em duas versões, sendo a primeira em 1900, e a segunda em 1901. Porém o

---

<sup>9</sup> Não foram contados, as publicações e apresentações em eventos.

termo fenomenologia, segundo Moreira (2002) foi usado, pela primeira vez, por Johann Heinrich Lambert (1728-1777) e, em seguida, imbuído por um sentido diferente, na obra *Fenomenologia do Espírito* (obra original de 1807) de Hegel.

De acordo com Moreira (2002), etimologicamente, a palavra fenomenologia deriva do grego *phainomenon* e *logos* que significam “aquilo que se mostra a partir de si”, e “ciência ou estudo”, respectivamente. Entende-se que a fenomenologia é, então, o estudo, ciência, ou também descrito como um movimento filosófico para a compreensão dos fenômenos, daquilo que se evidencia a consciência.

Segundo Merleau-Ponty (1974), no início de sua obra *Fenomenologia da Percepção*, na qual interroga “o que é Fenomenologia”, responde como “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 1). De maneira resumida, a essência na fenomenologia diz sobre uma estrutura essencial pertencente a algo independente das infinitas variações possíveis e existentes, ou seja, o invariante, o que traz o sentido sempre em relações com a experiência. Ou seja, é “uma liga interna que assegura a coerência entre elementos que se mostram” (MAFFESOLI, 1998, p. 71), liga essa, que possui um caráter essencial.

A fenomenologia foi criada no contexto onde a ciência tinha percorrido caminhos que desvalorizavam e retiravam a significância da vida humana e os propósitos de viver de cada um. Então, pela filosofia, se deveria realizar uma reconexão com as preocupações profundas do ser humano. Outro problema era que a ciência estava voltada para o naturalismo, obstruindo as vias de questionamento da verdade e das validades absolutas (MOREIRA, 2002).

Merleau-Ponty, em sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1974), suspendeu e questionou as teorias sobre a percepção, principalmente, a partir de relatos clínicos, para uma postura fenomenológica que inicia das coisas mesmas, visando uma descrição radical dos fundamentos originários. A fenomenologia busca ater-se sobre o próprio fenômeno, sem uma busca indefinida sobre as causas dos fatos e das situações, em outras palavras, “o que que é, é” (MAFFESOLI, 1998, p. 82).

Para isso, é necessário fixar-se em uma das características essenciais da fenomenologia: colocar tudo entre parênteses, o que exige uma suspensão de opiniões, crenças e teorias. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1974, p. 1), explica que a fenomenologia é uma filosofia que:

[...] coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição

de uma filosofia que seja uma "ciência exata", mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vividos".

A fenomenologia para Merleau-Ponty (1974) tem como objetivo retornar às raízes do conhecimento, essa, função essencial da percepção. Esse retorno está localizado na consciência do sujeito, onde fenômenos se evidenciam, nos conduzindo para a captura de sua essência. Todo fenômeno possui uma essência, uma maneira característica que aparece a consciência. (MOREIRA, 2002). Cabe à fenomenologia apreender e descrever o fenômeno puro, assumindo um movimento de retorno às coisas mesmas, ou seja, "aquilo que aparece provê o ímpeto da experiência" (MOREIRA, 2002, p. 66) essencial para o entendimento dos conhecimentos.

O grande desafio é situar o sentido da palavra fenômeno na fenomenologia, já que o termo é imbuído de diferentes sentidos em diversas disciplinas. A exemplo da Oceanografia, que utiliza o conceito ao descrever as ocorrências naturais e físicas como as ondas, ventos, correntes, entre outros. O fenômeno é aquilo que aparece para a consciência a partir da apreensão pelos sentidos evidenciado no perceber, incluindo qualquer dimensão do sentimento humano (MOREIRA, 2002).

A apreensão da realidade, é atribuída, na consciência, a partir da experiência organizada da percepção, que aparece pela estimulação sensorial. Para Merleau-Ponty (1974), a apreensão do mundo pela percepção não é contemplada pelas explicações da fisiologia mecanicista e da psicologia clássica, mas se contrapõe a elas, baseando-se em pesquisas científicas para encontrar o objetivismo, para revelar um quadro mais profundo da experiência corporal (CARDIM, 2007). As qualidades do objeto, o mecanismo de recepção pelos sentidos, a percepção desses e as experiências organizadas na consciência são, antes de tudo, experiências vividas pelo corpo próprio.

Assim, a permanência do corpo próprio, se a psicologia clássica a tivesse analisado, podia conduzi-la ao corpo não mais como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, ao mundo não mais como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência, presente sem cessar, ele também, antes de todo pensamento determinante (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 136-137).

Foi pela postura crítica e a oposição de Merleau-Ponty frente às teorias idealistas da percepção e consciência, variando incessantes exemplos clínicos e experiências perceptivas pessoais (procurando a exceção de cada regra postulada), que o autor identificou a essência dos fenômenos perceptivos. Deste modo, Merleau-Ponty (1974, p. 253) descreve: "é por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo 'coisas'. Os estudos de

Merleau-Ponty contribuíram para a compreensão do corpo e da percepção para além das contribuições teóricas tradicionais pertinentes a aquele contexto em que a ciência se encontrava.

Assim como Merleau-Ponty fez em seus estudos, na fenomenologia o foco da investigação não é dado no pensamento determinante do objeto em si, mas da forma como ele se manifesta na consciência. Kunieda (2010, p. 27) explica que “toda a consciência é consciência de algo, intencionalmente significamos, percebemos, queremos ou agimos”, portanto, a realidade surge da intencionalidade da consciência. A intencionalidade “diz respeito ao incessante transcender de si mesmo, rompendo com o pressuposto de que é o sujeito que posiciona as coisas ou de que as coisas existem independentemente da consciência” (FEIJOO; MATTAR, 2014, p. 3).

A fenomenologia foi pesquisada posteriormente aos estudos de Husserl, por seus seguidores e estudiosos como Merleau-Ponty (1974), sendo que cada um se ocupava em desenvolver seus estudos a partir de seus focos de investigação (KUNIEDA, 2010). Muito se discute se os percursos estabelecidos por esses pesquisadores se afastaram da fenomenologia ou do método fenomenológico; contudo, segundo Capalbo (1983) existem aspectos comuns nos estudos desses filósofos, como A- o rompimento com a concepção clássica do racionalismo para uma descoberta dos fenômenos; B- a descrição das experiências vividas na busca de seus sentidos; C- e a aproximação das ciências humanas/sociais com as ciências compreensivas.

Segundo Lester Embree (*apud* MOREIRA, 2002, p. 73), derivam-se tendências filosóficas a partir da Fenomenologia Descritiva estruturada por Husserl, que, em sua obra *Investigações Lógicas*, de 1900, faz uma grande oposição ao psicologismo pela postura reflexiva, evidencial e descritiva das relações com os objetos e dos próprios objetos. De modo geral, são essas as tendências:

- Fenomenologia Realista, que busca as essências universais nos diferentes assuntos;
- Fenomenologia Constitutiva, derivada do texto de Husserl, de 1913, traz reflexões sobre o método fenomenológico, apresentando conceitos fundamentais como a redução fenomenológica e eidética;
- Fenomenologia Existencial, originada no trabalho de Heidegger, em 1927, no qual se encontram estudos de Merleau-Ponty, que considera que “a fenomenologia [...] uma filosofia que repõe as essências da existência” (1974, p. 1);

- Fenomenologia Hermenêutica, também no mesmo texto de Heidegger, que apresenta o método para uma interpretação da existência humana.

Com isso, nesta pesquisa, a proposta não é de aprofundar estritamente na fenomenologia e discutir as tensões e contribuições do campo filosófico, mas usar a fenomenologia principalmente presente na obra de Merleau-Ponty (1974), como instrumento de compreensão dos fenômenos da qual a pesquisa objetiva, e auxiliar sobretudo, para uma postura fenomenológica para com a vida e o vivido.

Assim, foram identificados incontáveis recortes das pesquisas realizadas sobre a *Trilha*, com trechos que aproximavam da fenomenologia. Porém, para melhor desenvolvimento da pesquisa, e sob a luz da fenomenologia, decidi realizar diálogos a partir dos fundamentos, das raízes conceituais que estruturam a abordagem. Esses fundamentos, foram desvelados pela identificação das semelhanças entre as pesquisas e, acima de tudo, a partir da trajetória pessoal e profissional de José Matarezi.

### **1.1. Os trajetos da *Trilha* e a fenomenologia**

Em sua dissertação de mestrado, José Matarezi possibilita-nos compreender as influências e referências ao longo de sua vida que contribuíram para a criação e entendimento do que é a *Trilha da Vida*. Como amigo, tive contato com muitos recortes de sua história no decorrer de minha trajetória acadêmica e profissional. As memórias que compartilhava sempre me traziam muito aconchego, pois, ao narrar-se, era quase impossível não comentar sobre a *Trilha*, como qualquer artista deslumbrado com a potência do seu trabalho, que também me encanta. Porém esses diálogos eram esporádicos, dadas as condições, lugares e espaços para se conversar em meio a tantos compromissos; além disso, eram, muitas das vezes, simplificados e muito bem recortados, por conta de sua tamanha complexidade.

As conversas com José Matarezi, aliadas ao meu envolvimento com o LEA, permitiram que eu compreendesse muito do que era e é a *Trilha*; entretanto, ler sua dissertação intitulada como “*Trilha da Vida*” – *Labirintos que se entretecem nos campos da Educação Ambiental e Patrimonial*, estruturada junto à metáfora do labirinto, me conduziu a conhecer as trajetórias de sua vida atrelada à *Trilha* com maior clareza e profundidade. Como descreve Jacques, “para desatar a complexidade do percurso, é necessário uma ausência de objetivo. É a vontade de sair

do labirinto que faz a pessoa se perder. O estado labiríntico é o estado de quem vaga, um estado errático” (JACQUES, 2001 *apud*. MATAREZI, 2017, p. 74).

Foi vagando no primeiro momento, que experienciei um momento de reflexão sobre um amigo e a *Trilha*, entre histórias e conceitos. Foi depois de algumas releituras, que pude identificar os percursos desse labirinto e, principalmente, o início - não descrito detalhadamente em outras publicações - da *Trilha*. Ao apresentar esse início, desejo articulá-lo com observações e experiências próprias, para elucidar um processo complexo e, acima de tudo, coerente com os princípios da *Trilha*, direcionando aos diálogos com a fenomenologia.

Antes de descrever os percursos, é necessário entender que a “Trilha da Vida: (Re)Descobrimo a Natureza com os Sentidos” é uma abordagem teórico metodológica que abarca três experimentos educacionais e instalações de arte: a *Trilha da Vida* (ou apenas *Trilha*, modo como é comumente retratada, leva o mesmo nome da abordagem), a Vida Secreta dos Objetos (ViSO), e os Caminhos de Encontros e Descobertas (CED). Essas instalações iniciam a abordagem teórico metodológica e se desdobram no processo formativo em outras atividades e etapas que, ao todo, somam cerca de 30 horas – no caso, as experiências na instalação da *Trilha*, duram cerca de 8 horas (MATAREZI, 2017). Outro ponto importante é que a abordagem surgiu a partir do experimento da *Trilha da Vida*, o primeiro a ser desenvolvido e objeto desta pesquisa, antes denominado como programa ou metodologia.

A abordagem não só proporciona experiências sensíveis, mas também busca por um movimento intencionado, processos de aprendizagem individual e coletiva. Após a experiência em uma dessas instalações, cada membro do grupo é convidado para escrever uma Carta ou um texto para alguém, representando nesta escrita processos marcantes das experiências acumuladas dentro da abordagem. Após redigir a Carta, o participante é convidado a elencar uma Palavra-Chave “que dê conta” do que está transmitindo em seu texto, junto com uma breve explicação do porquê da escolha deste conceito (MATAREZI, 2017). No final desse momento, cada participante terá em sua Palavra-Chave no grupo, assim, a partir de uma Rede Semântica, são convidados a estabelecer relações entre esses conceitos de forma individual/coletiva, integrando-as a um marco teórico coletivo, e compondo a Teoria Comum do Coletivo (MATAREZI, 2017, p. 298). Em seguida, o grupo é convidado elaborar um Mapa Simbólico a partir da Rede Semântica, possibilitando e oportunizando a experiência estética individual em um exercício de construção coletiva, muitas das vezes, através de metáforas.

Através da leitura e interpretação coletiva da representação simbólica e metafórica do grupo, surgem dados importantes sobre a realidade cotidiana resgatada através da

vivência na *Trilha da Vida*, e permite que todos possam se reconhecer e visualizar anseios, convergências e divergências sobre a origem dos problemas ambientais e suas possíveis alternativas de resolução, trazendo a tona através da interpretação, os temas pertinentes a sua realidade local e global (MATAREZI, 2017, p. 300)

Assim como no Projeto Babitonga Ativa, a abordagem teórico-metodológica pode ser utilizada para diversos propósitos que atendam como contribuição e fortalecimento na formação de coletivos educadores, na educação formal e informal, na construção e elaboração de Projetos Político Pedagógicos, entre outros. Segundo Matarezi (2017, p. 337):

Coletivos educadores e redes temáticas de educação ambiental (REABRI, REA-PR, Loanda/PR, Rede Meros do Brasil, Rede de Conhecimentos e Práticas Locais, Rede da Juventude pelo Meio Ambiente (REJUMA), Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis (RUPEA), p.ex. e salas verdes) têm demonstrado interesse em aplicar a abordagem da *Trilha da Vida*.

Apresentada brevemente a abordagem, cabe retornarmos para observar início deste complexo percurso. A ideia seminal da *Trilha*, em 1996, teve como referência experiências e percepções do Matarezi ao longo da sua trajetória acadêmica e profissional. Com isso, destaco os principais momentos que contribuíram para sua efetivação.

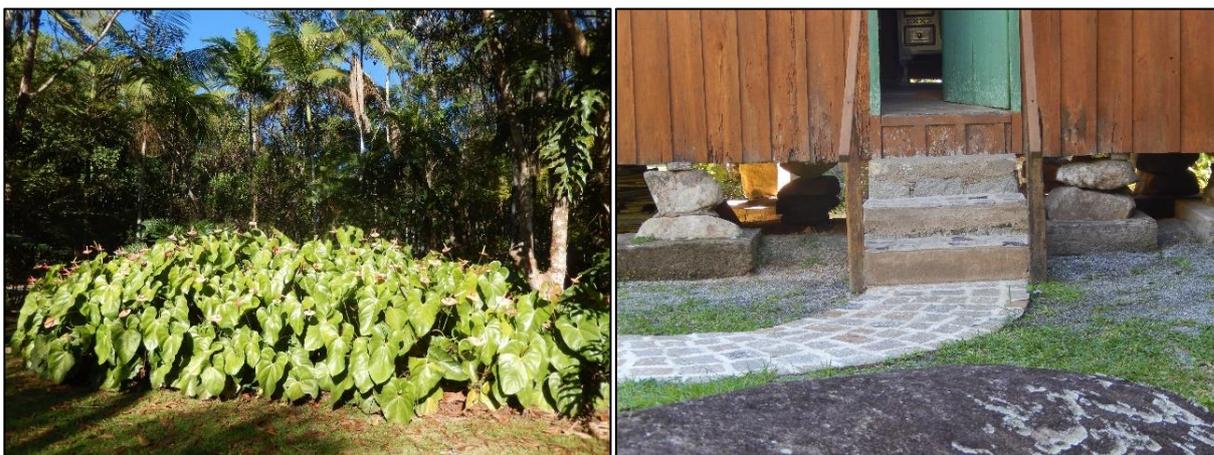
Sua trajetória acadêmica iniciou em 1985, no curso de Oceanologia da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) que, com características semelhantes ao curso de Oceanografia na UNIVALI que cursei, implementava o ensino técnico e muito específico ao longo das disciplinas. Durante a trajetória acadêmica, participou da Organização Não-Governamental do Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA) em Cassino/RS, onde se aproximou estritamente aos movimentos socioambientais, trabalhando de forma interdisciplinar com atividades ligadas à arte-educação. Matarezi (2017, p. 85) descreve sua experiência como: “algo que impactou minha identidade, trazendo a sensibilidade do “olhar” e do “ver”, desdobrando-se, até mesmo, pela preferência em trilhar o campo da percepção ambiental nas futuras pesquisas e atividades de Educação Ambiental. ”

Essa sensibilidade visual e sensorial foi discutida na roda de conversa, na orientação para a trilha de olhos vendados, na apresentação do Espaço Rural Clarear e nos diálogos sobre a antiga casa de madeira – referentes à saída a campo da turma da UFSC, sujeitos participantes da presente pesquisa. Matarezi, ao lado de Tereza, começa um diálogo, provocando os participantes a uma outra postura, mais perceptiva e sensível do espaço, das suas memórias e histórias. Para isso, ele chama atenção para os detalhes do espaço onde estávamos e do momento presente, convidando todos a olharem, pela sua sensibilidade, a iluminação no conjunto de antúrios ao lado da roda, e na estrutura de sustentação da casa antiga (Figura 5).

Esse olhar que lançamos pela sensibilidade do Matarezi, diz a respeito de uma consciência perceptiva, como colocada por Merleau-Ponty. Kunieda (2010) descreve que “a percepção – intencionalidade no corpo, pré-reflexiva – exprime uma situação dada: a visão do [...] *verde das folhas dos antúrios* reflete [...] sua sensibilidade a essa cor” (em itálico, texto acrescentado pelo autor, citação em Kunieda, 2010, p. 68).

[...] um chamamento primeiro é, começar a trazer esse momento presente, ampliar o olhar, o ouvido, os sentidos e a observação, para *tá* no momento presente, e entrar em comunicação com essa natureza e com essa cultura que temos aqui. Entrar mesmo, no sentido de começar a perceber e ver a beleza. Agora estou entrando lá no conjunto de antúrios (Figura 5) que tem lá naquela luz que está batendo nele e toda aquela beleza que quase me sequestra para lá e eu esqueço da roda, entendeu? Porque é uma experiência estética, uma experiência visual, uma experiência sensorial, e *pra* quem tem sensibilidade mínima, aquilo não passa indiferente. Então é chamar para a dimensão do sensível (MATAREZI, Camboriú/SC, 21 de maio de 2018, *Banco de dados Trilha da Vida*).

Figura 5- Na esquerda, o conjunto de antúrios que José Matarezi aponta para o grupo, convidando-os para um olhar sensível do ambiente, e na direita, a sustentação dada pelas pedras, por cerca de 100 anos, para a antiga casa da família.



Fonte - Fotografias de Jéssica Werner. Local: Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 21 de maio de 2018.

A sensibilidade despertada pela experiência no NEMA culminou no seu grande envolvimento com a produção de eventos culturais pelo Centro Acadêmico Livre de Oceanologia da FURG e, acima de tudo, com a fotografia, desde a produção de concursos e exposições, até quando formado, organizou e realizou uma exposição entorno da temática sobre o “Mar” através do vínculo com Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio de Janeiro (MATAREZI, 2017).

Durante o curso de Oceanologia, José Matarezi teve experiências como estagiário no Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios, mantido pela FURG, que o

aproximou com o campo do Patrimônio, e nas relações com natureza, cultura, história e educação (MATAREZI, 2017). As discussões e aprendizados que Matarezi teve ao longo do percurso no labirinto acadêmico, conduziu-o a muitas das propostas apresentadas na *Trilha da Vida*, enquanto ferramenta educacional no campo da arte-educação e do patrimônio. Ao articular o campo da EP com o da EA, a perspectiva socioambiental, caracterizada pelo olhar também do contexto sociocultural, é imbuído de valores patrimoniais nas relações do ser humano com a natureza, discussões imprescindíveis para uma compreensão histórica na educação frente à valorização dos intercâmbios de conhecimento.

Sua aproximação com a arte-educação também ocorreu após se formar, em 1991 e 1992, atuando profissionalmente, por anos, como educador ambiental, no projeto “Homem-Estuário-Oceano”, integrado ao programa “Asas Polares”, conduzido pela Dra. Judith Cortesão, no Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios. O projeto “Homem-Estuário-Oceano” mantinha parcerias com artistas, cientistas e arte-educadores que faziam parte do Projeto Utopias Concretizáveis Interculturais da FURG. O Projeto teve umas das principais contribuições metodológicas e aportes conceituais para a origem da *Trilha*, principalmente no que se refere à interdisciplinaridade com a Educação Ambiental, o conceito de Arte&Ciência, e experimentos educacionais transdisciplinares, conforme descreve Matarezi (2017, p. 98):

Em comparação ao “Fio de Ariadne”, a ideia-força do “Projeto Utopias Concretizáveis Interculturais” forneceu muitos dos fios necessários para que eu pudesse trilhar os caminhos da Educação Ambiental de forma autônoma e tecer algumas das bases teóricas e metodológicas para a criação da *Trilha da Vida: (Re)Descobrir a Natureza com os Sentidos*. Ao integrar Arte & Ciência, gerou-se um diálogo qualificado e produtivo entre Educação Estética e Educação Ambiental numa perspectiva crítica e emancipatória.

No ano de 1993, ingressou no curso de Especialização em Análise e Educação Ambiental pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná e, no âmbito profissional, no Programa de Integração à Infância (PIÁ AMBIENTAL) implementado pela Secretaria de Meio Ambiente de Curitiba (SMMA/PR), que desenvolvia atividades em comunidades periféricas e áreas de invasão, dentro de um programa de Educação Ambiental Popular. Mais tarde (entre 1995 e 1996), ingressou na Equipe de Educação Ambiental do Zoológico de Curitiba (MATAREZI, 2017). Essas inserções no campo da educação ambiental proporcionaram para Matarezi (2017, p. 114):

[...] o acesso a outro labirinto de possibilidades formadoras, especificamente em Educação Ambiental, pois a equipe pedagógica do Piá Ambiental participava do recém-criado Grupo de Estudos de Educação Ambiental da Universidade Livre do

Meio Ambiente (GEEA-UNILIVRE), que oferecia cursos, oficinas, visitas técnicas e palestras, além dos encontros de estudos mensais.

A partir do curso do prof. Daniel Silva, dentro do GEEA-UNILIVRE, Matarezi incorporou conceitos-chave e metodologias essenciais que repercutiram na criação e no modo de fazer a *Trilha*, conceitos esses que atravessam suas práticas, como: Eu-Outro-Lugar, Tempo-Espaço, História(s) de Vida(s), Identidades, Pertinências, Subjetividade/ Intersubjetividade, Alteridade, Legitimidade do Outro e Pertencimento (MATAREZI, 2017).

O interessante é que, ao reler esses conceitos em sua dissertação, relembro das aulas que tive de EA, principalmente as relativas ao conceito de legitimidade. A partir de um questionário inicial no primeiro dia de aula, José Matarezi utilizou meu desenho na prova da disciplina, com o objetivo de articular minha representação de “como vejo o mundo”, com os conceitos apresentados, essenciais na Educação e EA. A imagem era simples: um desenho de pessoas palito dentro de caixas; mas, quando encontrei a imagem na última folha da prova, aquilo repercutiu muito na minha vida, na legitimação da minha visão de mundo e, acima de tudo, da minha identidade. O papel do professor, no caso, foi proporcionar um meio de aprendizagem a partir do que cada um carregava; em outras palavras, é o “brotar de dentro”, característico de uma educação libertadora e emancipatória, e presente nos estudos sobre a *Trilha*.

Um aprendizado que adquiri na minha trajetória foi a importância de propiciar outros aprendizados e a construção de conhecimentos pertinentes, de “dentro” dos sujeitos, que se exteriorizam em ações conscientes plenas de sentidos. O ponto de partida é esse: uma provocação estética e sensível que se desdobre em diálogos críticos e criativos (MATAREZI, 2017, p. 123).

Matarezi (2017, p. 116) destaca a relevância da experiência em seu processo formativo, da visita técnica realizada no “Jardim dos Sentidos”, criado pela paisagista Regina Moreira Rodrigues; em Curitiba, pela equipe de educadores ambientais da Gerência de Educação Ambiental da SMMA de Curitiba e do GEEA-UNILIVRE, para a *Trilha da Vida*.

Dona Regina, como é comumente chamada, criou e coordena até hoje o Centro de Jardinagem Arte Floral do Paraná, sendo nos jardins de sua casa que pude participar pela primeira vez de uma vivência de olhos vendados de contato sensível com as plantas. Foi um evento de grande descoberta sensorial e imaginativa que se revelou de grande potencial. O local era muito bem cuidado e belo, inspirando uma sensação agradável e de tranquilidade. Havia um percurso guiado por um corrimão, ao longo do qual havia vasos com diferentes plantas e texturas, formas, cores e tamanhos variados, sendo algumas delas aromáticas. Até então, nada que extrapolasse o previsível e normal, a não ser pelo fato de estarmos às cegas nesse caminho.

Essa experiência culminou especialmente na criação da *Trilha* e nos possíveis elementos que agregariam no método como o uso de vendas, um corrimão, corda ou cabo-guia, e a posição

dos elementos dentro da trilha. Além disso, a experiência no Jardim dos Sentidos proporcionou o entendimento da potência do fato vivido na relação tempo e espaço, do agora e do aqui. Essa relação nos revela o fator principal e primordial de um experimento e de qualquer proposta educacional: dar prioridade às experiências vividas na educação para efetiva transformação do contexto socioambiental pela EA crítica e transformadora.

Assim, em 1996, ingressou como professor no curso de Oceanografia da UNIVALI, assumindo atividades do Programa de Orientação e Educação Ambiental da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, resultando na criação do LEA em 1997. A partir de demandas da sociedade em geral, para com a realização de ações e eventos comunitários, era necessário desenvolver metodologias vivenciais que atendessem tais finalidades com provocações estéticas e sensíveis, respeitando os *sentipensares*<sup>10</sup>, os movimentos de descoberta e priorizando o método ao invés do conteúdo/informação (MATAREZI, 2017).

Fundado neste grande aporte de experiências e percepções no campo da EA, na necessidade de uma atividade que desencadeasse profundas mudanças nos indivíduos, e a partir das demandas apresentadas, efetivou-se a criação de Linhas de Pesquisa do LEA, sendo uma dessas a “Trilha da Vida: (Re)Descobrimo a Natureza com os Sentidos”, concebida inicialmente de forma intuitiva (MATAREZI, 2017).

Nas primeiras publicações e trabalhos sobre a *Trilha da Vida*, Matarezi (2001) e Schmidt (2003), a situavam precisamente no campo da EA socioambiental, concebida “numa tentativa de reverter o quadro de degradação sócio-ambiental que se desenvolve em várias regiões do planeta” (SCHMIDT, 2003, p. 31). Ao demarcar a posição política da *Trilha*, as práticas se diferenciam de outras vertentes da EA que, segundo Schmidt (2003), sofreu inúmeras transformações de princípios e valores, resultando na diversificação, por vezes incoerente, de métodos e ações no campo.

Cientes da necessidade em trazer às claras quais os valores e anseios que estão por trás de metodologias e linhas de atuação, muitos pesquisadores elaboraram diversas classificações, vertentes e subdivisões para a EA. Na prática porém, nem sempre se encontra a mesma clareza na classificação dos tipos de EA. É possível identificar-se tanto os educadores que fazem uma leitura crítica das propostas que trabalham, lançando mão das reflexões desenvolvidas por estes pesquisadores ou de forma autônoma, como aqueles que seguem em frente tendo apenas uma visão superficial (SCHMIDT, 2003, p. 65).

---

<sup>10</sup> O termo, presente nos estudos da *Trilha*, diz a respeito de propostas educacionais que estimulem o diálogo do pensamento com o sentimento, para interpretação da realidade, convergindo no ato do conhecimento o pensar e o sentir (MORAES; TORRE, 2004).

A vertente em que a *Trilha* se enquadra, traz uma maior clareza para o campo da EA, a sua relação com sociedade, história, economia e cultura, que se desdobram em perspectivas de reflexão crítica de contextos nas práticas educativas. Foi apenas em 2005, em uma publicação no livro organizado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), intitulado *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*, que Matarezi, tendo como embasamento o livro *Identidades da Educação Ambiental Brasileira* (também do MMA), situou a abordagem teórico metodológica nas perspectivas da EA crítica, popular, emancipatória e transformadora, em decorrência dos movimentos socioambientais e das experiências citadas. Descreverei mais detalhadamente cada perspectiva da EA (crítica, emancipatória e transformadora), pois percebo uma aproximação e possíveis diálogos com a fenomenologia.

Na EA crítica, “a prática educativa é a formação do sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situado” (CARVALHO, 2004, p. 19). Os indivíduos por essa ótica, se constituem a partir de sua relação com o mundo e com os outros, e com isso são responsáveis pelas relações eu-outro-lugar. Inicialmente, repercute na *Trilha*, em um dos seus objetivos descritos: “despertar uma consciência crítica das inter-relações históricas entre a sociedade e a natureza” (MATAREZI, 2001, p. 1). Ao colocar, em seu objetivo, a consciência crítica, Matarezi se contrapõe às outras vertentes comuns na EA, com características rasas de aprendizagem significativa. Essas vertentes sustentam práticas chamadas “atividades de sensibilização”<sup>11</sup> que, mesmo que priorizem a dimensão sensível, marco importante para qualquer processo educativo, de modo geral, não estimulam reflexões críticas sobre as relações históricas (MATAREZI, 2017).

Entendendo que a abordagem teórico-metodológica está embasada pela EA crítica, seria difícil destacar e descrever apenas um Movimento (termo adotado por Matarezi (2017) ao designar as etapas) em que se façam evidentes as proposições dessa perspectiva da EA na *Trilha*, pois todos os momentos estão enraizados pela perspectiva; entretanto identifico um processo importante de grande relevância para as discussões. Esse, está ligado ao diálogo na *Trilha*, em que se provoca, a todo tempo, na abordagem, situações de comunicação e

---

<sup>11</sup> Segundo Matarezi (2017, p. 181), as *atividades de sensibilização* fruto de uma EA ecológico-preservacionista despotencializa processos críticos e de “engajamento político de transformação social e cultural. O que seria até contraditório com seus propósitos de quebrar a anestesia geral e despertar uma tomada de consciência crítica. Mas é preciso assumir que esse risco existe e se torna mais preocupante na medida em que existam também lacunas e fragilidades na formação profissional do educador ambiental. ”

interlocução de conhecimentos e experiências, culminando em uma postura crítica, em que a partilha é potencializada por exercícios de diálogo. Matarezi (2017), ao descrever o diálogo, embasa-se em Paulo Freire – educador que passou parte da sua vida dedicando seus estudos a uma educação crítica, se opunha ao sistema de opressão a partir de processos pedagógicos baseados no diálogo e problematização (MALAGODI, 2007) – e afirma que a comunicação e a interlocução são “formas de contraposição à dominação ideológica que se pratica com facilidade, permitindo a construção de uma educação através do pensamento crítico” (p. 285).

Nos diálogos em coletivo mediados pela Equipe *Trilha da Vida*, seja na conversa inicial com o Sr. Valdir Bauer, proprietário do local, na apresentação da antiga casa de madeira, na orientação para a trilha, ou na Roda de Diálogo (Figura 6), há uma postura assumida de acolhimento para com os participantes, de escuta ativa e mobilização de conhecimentos, percepções e experiências para se chegar no objetivo proposto de cada Movimento.

Figura 6- Movimentos de orientação e partilha entre os participantes dos cursos da UFSC. No canto sup. esquerdo, conversa inicial com o Sr. Valdir Bauer, proprietário do local; no canto sup. direito, apresentação da antiga casa de madeira; no canto inf. esquerdo, a orientação para a trilha; e no canto inf. direito, a Roda de Diálogo.



Fonte: Fotografias do autor, exceto a do canto inf. direito, de Jéssica Werner. Local: Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018.

Nesse momento é que se encontra a efetividade de uma EA crítica, pela reflexão sobre as relações “consigo, com o outro e com o todo” que surgem a partir de descobertas e

percepções individuais. Esse tipo de proposta também vai ao encontro de princípios da educação de Freire, que visava oportunizar espaços e tempos para se aprender, opondo-se à Educação Bancária, caracterizada pela transferência e deposição de conhecimentos na relação educador-educando, despontencializando, portanto, reflexões críticas, despertadas a partir dos contextos individuais.

Nesses termos, o encontro com a fenomenologia ocorre, principalmente, no entendimento de que o indivíduo se constitui na relação com o mundo. A fenomenologia da percepção merleau-pontyana, segundo Kunieda (2010, p.65) é mediada pela experiência corporal que estabelece a relação entre o sujeito e o corpo no mundo, ser-no-mundo<sup>12</sup> ou corpo próprio. [...] A experiência vivida pelo sujeito situado histórica e temporalmente no mundo é fundadora da nossa relação com o mundo” e, a partir disso se origina a reflexão.

Em outras palavras, situado histórico e temporalmente no mundo, o sujeito estabelece relações. Kunieda (2010), escrevendo sobre a fenomenologia, afirma que essa condição de ser e estar no mundo, o corpo próprio torna-se simultaneamente sujeito e objeto, superando as dicotomias clássicas da ciência. Segundo Merleau-Ponty (1974), no pensamento objetivo não há lugar para um outro ou para uma pluralidade de consciências, isso porque aquele com consciência não pode deslumbrar de um outro pois este é um objeto de minha consciência, e desta forma se evidencia uma ambiguidade, um sujeito/objeto. Merleau-Ponty (1974) assinala que há dois modos de ser:

[...] o ser em si, que é aquele dos objetos estendidos no espaço, e o ser para si, que é aquele da consciência. Ora, diante de mim outrem seria um em si, e todavia ele existiria para si, para ser percebido ele exigiria de mim uma operação contraditória, já que ao mesmo tempo eu deveria distingui-lo de mim, portanto situá-lo no mundo dos objetos, e pensa-lo como consciência, quer dizer, como essa espécie de ser sem exterior e sem partes ao qual só tenho acesso porque ele sou eu, e porque nele se confundem aquele que pensa e aquele que é pensado (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 468).

Então, o corpo além de ser um ponto de vista sobre o mundo, aquele subjetiva, é também um dos objetos desse mundo, aquele que é situado. E quando aquele vive em um mundo e o opera, está para um outro que também o faz, Merleau-Ponty (1974) retrata da coexistência de consciências, onde a relação passar a ser estruturada entre sujeitos-sujeitos. Assim, “o corpo

---

<sup>12</sup> Segundo Cardim (2007, p. 25-26), “a expressão ser-no-mundo designa a transcendência originária de um existente que vive sempre no exterior, ou melhor, no mundo (relação primeira e constitutiva). A existência humana não é uma interioridade presa em representações que não têm relação com o mundo.

próprio em sua relação com o mundo se comunica com outras consciências intersubjetivamente para revelar o vivido e suas significações ” (KUNIEDA, 2010, p. 70).

É no ato de significar e de nos situarmos no cenário histórico-cultural-social-político, a partir de uma experiência vivida na relação com o mundo, que nos aproximamos com a EA crítica e de um processo de formação sensível e vivencial da *Trilha da Vida*. Enfim, cabe ressaltar que só se poderá pensar em uma reflexão crítica, se antes tivermos experiências acumuladas, assimiladas e dialogadas sobre nossos próprios contextos. Nesse ponto, Matarezi (2006) reafirma os distanciamentos da *Trilha* com as atividades de sensibilização, por valorizar as diversidades culturais e ambientais, trabalhando com as relações “Eu-Meio Ambiente, Eu-Outro, Eu-Comigo Mesmo de forma vivencial e reflexiva” (MATAREZI, 2006, p. 6). Esta estrutura de relação “comigo, com o outro, e com o todo”, evidencia um ser no mundo da qual Merleau-Ponty (1974) retrata, constituído por relações que deflagram a existência.

Por isso, a *Trilha* diferenciou-se inicialmente, de outras trilhas interpretativas, comumente encontradas em parques, jardins e instituições, que visavam introduzir a EA em ambientes naturais. O caráter perceptivo, muito destacado nos trabalhos e pesquisas iniciais, foi ponto de partida para uma adequação conceitual da *Trilha da Vida*, que se denomina uma instalação heurística<sup>13</sup> de Arte&Ciência. Ao longo do processo de indentidade da Trilha da Vida, Matarezi (2017) comenta que:

[...] a *Trilha da Vida* fundamentou-se inicialmente, no fato das pessoas deixarem de utilizar momentaneamente o sentido da visão, despertando para o uso dos outros sentidos na experimentação de “Trilhas Perceptivas” e “Interpretativas” da natureza, evoluindo para se configurar como “instalação heurística de Arte&Ciência”, capaz de problematizar e metaforizar a nossa relação ambiente-cultura em contexto performático, sensível e inteligível (MATAREZI, 2017, p. 322).

A problematização originada por meio da experiência na *Trilha*, a partir da percepção da relação ambiente e cultura, no processo histórico da sociedade, está relacionada a um processo constante de transformação socioambiental e de relações com a natureza. Dessa forma,

---

<sup>13</sup> A heurística (do grego *heureka*, significa “encontrei”) do modo aqui utilizado, advém das propostas do Projeto Utopias Concretizáveis ao relacionar o processo mobilização perceptiva individual quando em relação com miniaturas, que provocam descobertas, em experimentos educacionais inter e transdisciplinares. A miniatura, conceituada nas pesquisas da *Trilha*, foi um termo criado por Walgenbach também sob influência do Projeto e Utopias Concretizáveis, que designa “um objeto ou um conjunto de elementos que, juntos, formam uma ideia-chave a ser vivenciada, simulada ou desenvolvida pelo grupo. Assim uma miniatura pode ser um ambiente, um cenário, ou um caminho a ser trilhado, que contém uma ideia-chave, que contém uma metáfora, uma provocação capaz de gerar descoberta (WALGENBACH, 1996 *apud* PERALTA, 2002, p. 122).

com princípios semelhantes à EA crítica, essas questões nos levam a uma EA transformadora, também balizadora da *Trilha*.

A EA transformadora foi estruturada nos anos de 1980, pela aproximação dos educadores populares e militantes de movimentos sociais e ambientalistas, que focavam em uma transformação societária, questionando os padrões industriais da sociedade de consumo (LOREIRO, 2004). Segundo Loreiro (2004, p. 81), a EA transformadora:

[...] enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida. Está focada nas pedagogias problematizadoras do concreto vivido, no reconhecimento das diferentes necessidades, interesses e modos de relações na natureza que definem os grupos sociais e o “lugar” ocupado por estes em sociedade, como meio para se buscar novas sínteses que indiquem caminhos democráticos, sustentáveis e justos para todos.

Tomando a educação como um processo permanente e não rígido, as práticas de EA transformadora compreendem a reflexão e efetiva transformação das realidades socioculturais no decorrer do tempo. Essa perspectiva é pautada no princípio de crítica e autocrítica constante da realidade, pois assume as certezas como relativas, ponto necessário para uma reestruturação social que visa “estabelecer movimentos emancipatórios e de transformação social que possibilitem o estabelecimento de novos patamares de relações na natureza” (LOREIRO, 2004, p. 81).

Esse pressuposto da EA transformadora de compreender que existe um fluxo de transformação constante, caracterizado pela impermanência e transformações das realidades, revela uma indeterminação ao mundo. Propostas transdisciplinares tomam como pressuposto essa característica, contrapondo-se às certezas de um saber fechado e completo da ciência moderna, contribuindo para o desenvolvimento de percepções de realidades a partir de suas constantes transformações. Schmidt (2003, p. 99) comenta que as pesquisas mudam o “foco de atenção dos ‘objetos’, para as relações e processos que estão constantemente ocorrendo, de forma entrelaçada, nos diversos níveis de realidade”, assim como a fenomenologia merleau-pontyana, que assume o princípio de indeterminação da existência em oposição ao mundo objetivo. O mundo objetivo, fruto do pensamento objetivo, forma-se a partir de pontos de vista advindos do senso comum e da ciência, que compreendem tudo como ideia, ou seja, representação, quando, na verdade, é consequência de uma experiência perceptiva (CARDIM, 2007). Oposto ao mundo objetivo, Merleau-Ponty (1974), retrata que:

[...] há na existência humana um princípio de indeterminação, e essa indeterminação não existe apenas para nós, ela não provém de alguma imperfeição de nosso conhecimento, não se deve acreditar que um Deus poderia sondar os corações e os

rins e delimitar aquilo que nos vem da natureza e aquilo que nos vem da liberdade. A existência é em si indeterminada por causa de sua estrutura fundamental, já que ela é a própria operação através da qual o que não tinha sentido adquire um sentido, o que só tinha um sentido [...] adquire uma significação mais geral, o acaso se faz razão enquanto ela é a retomada de uma situação de fato (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 234).

Segundo Cardim (2007, p. 29), o sentido que é “oferecido na experiência fenomenal encontra-se no mundo circundante, que é essencialmente prático, mundo do ser-no-mundo”, dos sujeitos perceptivos. No contexto da *Trilha*, as operações de sentido, resultado de suas experiências, evidenciam o ponto de vista de cada participante que percebe o espaço que o circunda individual coletivamente. Esse pressuposto evidencia uma educação que dá condições para os afloramentos das potencialidades humanas (MARIN, 2006), trata-se do “brotar de dentro”, importante para uma aprendizagem significativa que ocorre devido ao caráter aberto dos Movimentos na *Trilha*, e a não imposição de teorias e pressupostos antes da caminhada às cegas, “abrindo espaço para essa emergência de significados relevantes e imbricados com o histórico de cada participante” (SCHMIDT, 2003, p. 119).

A abertura dos Movimentos para a descoberta dos sentidos está relacionada a uma não imposição desses, no decorrer da abordagem por parte da Equipe da Trilha da Vida. Mesmo que a *Trilha* tenha objetivos específicos, não cabe a determinação de sentidos para os participantes, devido aos princípios de EA balizadores da proposta. Devido a experiência intencionada, os participantes minimamente se reaproximam com a natureza e, reaprendem com e pelos seus sentidos provocadores de potenciais reflexões críticas sobre o contexto histórico-sócio-ambiental em que estão situados.

Há um cuidado ético e estético na comunicação da *Trilha da Vida* para outras pessoas que ainda não a experienciaram, revelando uma postura fenomenológica para com o vivido, pois se compartilhadas teorias e pressupostos, não se priorizaria um mundo pré-reflexivo, entretanto, criou-se formas criativas e subjetivas de compartilhamento de experiências através de metáforas. Então, a fenomenologia no contexto da *Trilha*, depende de questões éticas para com a estética no respeito com as possibilidades de descoberta do outro. É fundamental a compreensão de que a experiência é dada pelo sujeito situado no aqui e no agora, e essa nunca é idêntica em duas pessoas, igualmente na mesma pessoa em diferentes tempos, o que a torna única (BONDÍA, 2002). As percepções poderão ser semelhantes, mas nunca as mesmas; por isso, deve-se priorizar uma consciência perceptiva à intelectual na comunicação da Trilha.

Essas características, nos aproximam de um mundo pré-reflexivo e pré-objetivo, ou mesmo, um mundo-da-vida descritos por Merleau-Ponty. O mundo-da-vida, é um mundo anterior aos processos objetivos e reflexivos passíveis de serem experienciados, mas onde os dados sensoriais se integram a existência (KUNIEDA, 2010).

Deste modo, volta-se para as expressões existenciais que condicionam um solo comum e originário a todos os indivíduos, em situações pré-lógicas e pré-científicas a partir da experiência da consciência. Deste solo originário perceptivo comum a todos, que os próprios participantes individualmente atingem os objetivos na medida em que seus processos individuais permitam, e também quando, coletivamente, em etapas que suscitam a intersubjetividade, a exemplo da Roda de Diálogo que traz um “campo concreto de inter-relações humanas” (MATAREZI, 2017, p. 157).

A partir da subjetividade (individual) é que se deflagra um pressuposto para uma EA emancipatória<sup>14</sup> que, de acordo com Schmidt (p. 106) “o aprendiz assume uma posição ativa e autônoma ante ao seu processo de aprendizagem, através da interação com elementos que potencializem este processo”, contribuindo para uma aprendizagem autoconstruída. Só é possível falarmos em emancipação, por se tratar de uma abordagem teórico metodológica vivencial, ou seja, a partir da experiência vivida do presente, que valorize “aspectos do sensível, do sutil, da fruição estética, do intuitivo, de intersubjetividade na construção de conhecimentos pertinentes pelo diálogo” (MATAREZI, KOEHNTOPP, 2017, p. 3).

Abordagens educativas que priorizem os pontos citados acima, em que o educando protagoniza seu próprio processo de aprendizagem, corroboram questões fundantes dos Ambientes de Aprendizagem<sup>15</sup> discutidos na dissertação de Schmidt (2003), que encontra evidências de que a *Trilha* pode ser considerada como tal. Segundo a autora, “tanto os

---

<sup>14</sup> Retirado de Matarezi (2017), a EA emancipatória, segundo Lima (2004, p. 93) “acompanha o movimento de complexificação e politização da educação ambiental ao introduzir no debate ingredientes e análises sociológicas, políticas e extrações de uma sociologia da educação de teor crítico e integrador, reunindo e pondo em diálogo uma diversidade de contribuições provenientes da teoria crítica, do pensamento ecológico, da teoria da complexidade, [...] da sociologia ambiental, da teoria da sociedade de risco, da educação popular, do socialismo utópico, da versão contemporânea da teoria da sociedade civil e dos movimentos sociais, do pós-estruturalismo e pós-modernismo, do ecodesenvolvimento e de uma educação ambiental crítica, entre outros”.

<sup>15</sup> Os ambientes de aprendizagem, segundo Schmidt (2003, p. 47) “representam circunstâncias onde, através da mediação pedagógica, são estimulados processos cognitivos que abrangem [...] dimensões referenciadas pelo Paradigma Eco-sistêmico”. Por fim, “traduz-se então na criação e transformação de circunstâncias onde o foco da atenção aponta tanto para o domínio das relações entre educadores e educandos, e destes com seu meio, como também para as relações interiores a cada sistema envolvido. O estabelecimento de um ambiente flexível, como um sistema estruturalmente aberto e organizacionalmente fechado, potencializa a fluência de processos criativos, auto-eco-organizadores, e autônomos” (SCHMIDT, 2003, p. 48).

ambientes de aprendizagem como a Trilha (*Trilha da Vida*), propõe a estruturação de circunstância que permitam o surgimento e o desenvolvimento de um processo de aprendizagem” (SCHMIDT, 2003, p. 128).

Várias são as características dos Ambientes de Aprendizagem que já foram descritas neste capítulo e outras que poderiam ser discutidas, ainda mais que algumas dessas características se aproximam da fenomenologia, percebidas em Schmidt (2003). Porém, necessitaria de um outro mergulho neste arcabouço conceitual na qual se encontram os Ambientes de Aprendizagem para um desvelamento dessas convergências, além daquelas já citadas que o termo compartilha: o sujeito/educando protagoniza o ato pedagógico, e a necessidade de uma experiência vivida significativa no processo de aprendizagem.

Essas também caracterizam conceito de Espaços e Estruturas Educadoras discutidas em Matarezi (2005), e trabalhadas por Kunieda (2010)<sup>16</sup> – que não desenvolveu sua pesquisa diretamente com a *Trilha*. Antes, Matarezi (2017, p. 28) contextualiza que o termo:

[...] é considerado como uma “ideia-força” e um conceito em construção no campo da Educação Ambiental Crítica, Transformadora, Popular e Emancipatória, a partir de um conjunto de políticas públicas estruturadas nos últimos 15 anos. [...] os espaços educadores são aqueles capazes de demonstrar alternativas viáveis para a sustentabilidade, estimulando as pessoas a desejarem realizar ações conjuntas em prol da coletividade e reconhecerem a necessidade de se educarem, nesse sentido. [...] os esforços para inserção da EA, em todos os níveis e esferas da sociedade, devem ocorrer também na perspectiva de que os espaços e/ou estruturas, com as quais convivemos e interagimos cotidianamente, sejam dotados de características educadoras e emancipatórias.

Os espaços e as estruturas são dotados de características educadoras e emancipatórias, quando planejados para tais propriedades, em outras palavras, que seja dotado de intencionalidade. Alguns são os espaços/estruturas com que nos relacionamos no cotidiano, que não apresentam intencionalidade educativa, a exemplo das faixas de pedestres que, segundo Matarezi (2005), poderiam apresentar e despertar questionamentos éticos e estéticos com os indivíduos com quem interage, a partir de uma intenção de se propiciar aprendizagem.

Matarezi (2005) afirma que no contexto da *Trilha*, o espaço/estrutura se torna educador/educadora, já assumindo sua propriedade educativa enquanto experimento educacional, porque contém essencialidades e miniaturas que provocam eventos de descobertas

---

<sup>16</sup> A autora em sua tese de doutorado, traça encontros com o conceito de Espaço e Estrutura Educadora com a fenomenologia, onde o entendimento de corpo próprio seria um preâmbulo para compreensão do conceito. Além disso, percebe-se que a tese dá sugestões de convergências de um espaço vivido e existencial de Merleau-Ponty para o Espaço e Estrutura Educadora, discussões essas que não serão abordadas nessa pesquisa.

e reflexões individuais e coletivas, igualmente ao “poder provocador e até transformador de uma obra de arte, como são caracterizadas as instalações de Arte&Ciência da *Trilha da Vida*” (MATAREZI, 2017, p. 28). Desse modo, entende-se que a qualidade educadora associada ao espaço e estrutura na *Trilha* se dá por meio das miniaturas e outras essencialidades que representam parte da intencionalidade para com os objetivos propostos, quando em relação com “experiências vividas de sujeitos situados” – pontos convergentes entre Espaço e Estrutura Educadora e fenomenologia (KUNIEDA, 2010). Mas essas miniaturas e essencialidades só são possíveis porque existe um espaço, não esse espaço ambiente lógico em que as coisas se dispõem, mas sim, um espaço que proporciona essa relação intencionada (MERLEAU-PONTY, 1974).

A consciência é a própria intencionalidade na fenomenologia; como já citado anteriormente, “toda consciência é consciência de algo” (KUNIEDA, 2010, p. 27), portanto, é pela intencionalidade de um corpo fenomenal irreduzível a sua existência que nos dirigimos a um ser-no-mundo; nesse sentido, corrobora-se com Merleau-Ponty (1974, p. 122) que descreve: “o corpo é o veículo do ser-no-mundo”. A intencionalidade no corpo é anterior à intencionalidade do ato; desse modo, é pré-reflexiva, ou seja, o corpo “toma por adquirido um saber latente que tem sobre si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 310). Assim, o corpo habita no mundo familiar a ele orientado pela consciência. Nesse sentido, derivam-se tipos de consciência desenvolvidos tanto no ato perceptivo quanto da reflexão, ou seja, uma consciência perceptiva, outra intelectual (KUNIEDA, 2010). Conforme Cardim (2007) coloca, a intencionalidade da consciência perceptiva habita o sujeito perceptivo, e “é o corpo o sujeito da percepção [...] é através dele que se dá o movimento de transcendência ativa, pelo qual o interior vive no exterior; ou melhor, o meio através do qual a consciência se relaciona com o mundo” (p. 31).

Ao afirmar que o corpo é o sujeito perceptivo, a fenomenologia distancia-se das outras filosofias – que afirmavam que essa percepção era realizada pela alma, ego ou o cogito – e a *Trilha da Vida* se aproxima do campo fenomenológico pela educação estética. O encontro acontece na relação da experiência vivida a partir de um corpo sensível que nos permite nos relacionarmos com o mundo pela nossa capacidade de sentir, perceber e nos mover, possibilitando a construção e articulação de um conhecimento inteligível junto ao sensível (MATAREZI, KOEHNTOPP, 2017). A percepção sensível, e a não racionalização são elementos continuamente relatados na Roda de Diálogo:

Uma coisa que pensei agora é que não pensei muito ao longo do processo. É... foi uma coisa bem sensível mesmo...de sensorial. No caso mesmo, não foi muito racionalizado (L.M., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

A fenomenologia e a *Trilha da Vida* partem do mesmo pressuposto, do protagonismo e emancipação do sujeito situado, na qual revela diante de si um mundo pré-objetivo e pré-reflexivo. Assumir abordagens fenomenológicas em propostas educacionais, neste caso a Educação Ambiental, permitem a valorização de um conhecimento sensível pertinente ao corpo perceptivo e fenomenal, possibilitando reflexões críticas e aprendizagens intencionadas a partir de uma experiência vivida, de um ser-no-mundo, ainda mais quando aplicadas a propostas vivenciais pautadas na educação estética. Para Marin (2006), a fenomenologia fundamenta a educação ambiental, “na medida em que o ato criador ou contemplativo e a experiência de interação ser humano-mundo se dão com base em uma experiência que pressupõe a intencionalidade, a diluição do sujeito no objeto” (p. 280).

Alguns diálogos foram possíveis entre a *Trilha* e a fenomenologia, porém, ao assumir o desafio de adentrar no campo filosófico, tendo como base meus caminhos percorridos na ciência, compreendo que talvez inúmeros outros encontros poderiam ser realizados entre os dois campos. A interdisciplinaridade, nesta pesquisa, despertada durante minha trajetória acadêmica, revelou caminhos de possibilidade pessoal para procurar outros meios de uma compreensão sensível e efetiva do “objeto de estudo”.

## 2. (A)fluências: corpo, patrimônio e memória

Existem poucos pensadores capazes de realizar a aventura de elevar-se à irresistível beleza do ser humano.

Rolando Toro (2001, p. 45)

Como já descrito, cada rio é um afluente que chega ao oceano. Ao chegar no oceano, são *integradas* suas características, porque o oceano é o receptáculo de toda a água no mundo. Utilizando de metáforas, a ciência é esse oceano que recebe todos os afluentes em suas diversidades, mesmo que esses estejam íntegros em sua saúde, ou não, em poluição; Poluição essa não gerada por resistências e impedimentos, mas sim, por estruturas *dissociativas* que não mais reconhece, no oceano, sua matriz integradora. Assim, este capítulo tem como objetivo apresentar discussões e entrelaçamentos da ciência, cultura, saúde, meio ambiente e educação a partir de suas (a)fluências, que ora se evidenciam processos integrativos, no sentido de fluir, de afluentes; ora dissociativos, quando o “a” revela o prefixo de negação, o de não fluxo, ou diversidades não complementares, ou seja, (a)fluências. Nesse sentido, primeiramente é realizada uma contextualização das situações emergentes em nossa sociedade.

Schmidt (2003, p. 21) comenta que “o planeta vem nos dando claros indícios de que alguma coisa parece não andar muito bem. A degradação ambiental tem crescido de forma, muitas vezes, irreversível, desde os locais mais urbanos até os confins mais distantes”. Assim como Schmidt, Leonardo Boff nos alerta para uma emergência ecológica em que nos encontramos, frente a uma alarmante falta de percepção para a complexidade das inter-relações existentes. Em sua obra “Ecologia: grito da terra, grito dos pobres”, Boff (1995) apresenta o contexto planetário em que estamos, que carece da construção de uma nova ética de respeito e cuidado para com o meio ambiente, e os seres vivos e não vivos. São cada vez mais evidentes os progressivos processos de desertificação, desmatamento, extinção massiva de espécies, exploração de recursos desenfreada e insustentável, em que florestas e mares se tornaram moedas de troca, requisitos de uma sociedade de consumo, e crimes ambientais com consequências irreparáveis, como no rompimento da barragem do Fundão, ocorrido em Mariana-MG, em novembro de 2015, assim como são evidentes e recentes também as várias políticas e medidas de proteção da natureza sendo descartadas e acordos climáticos mundiais, negados.

À medida que nos deparamos com situações de decadência frente ao valor socioambiental, outras propostas e tentativas vêm para suprir uma demanda de atenção para valorização da vida. Assim é a Carta da Terra, uma declaração de princípios éticos para uma nova civilização, criada durante a Rio'92, que claramente se posiciona frente às injustiças sociais e ambientais existentes, e coloca que “devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global, baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz” (BRASIL, 2000, p. 1).

Além de uma crise socioambiental instaurada em nossas sociedades, Schmidt (2003) traz que, assim como na percepção das relações com a degradação do meio ambiente, é cada vez mais evidente uma forma de degradação da vida humana. Existe um progressivo afastamento das fontes de sustentação da vida, junto a relações saudáveis de cuidado, reciprocidade e solidariedade (MATAREZI, 2006). Essas fontes de sustentação da vida transcendem o nível da materialidade, como o alimento, mas perpassam outras dimensões que nos constituem como “afetividade (*pathos*), desejo (*eros*), paixão, comoção, comunicação [...]” (BOFF, 1998, p. 31).

Duarte Jr. (2000) traz reflexões sobre os problemas verificados nas bases da vida cotidiana da maioria da população mundial, como morar, caminhar, conversar, trabalhar, e nos atos de ver, cheirar e tocar. Existe um fechamento para uma experiência de contato próximo com o mundo que, muitas vezes, culminam em um fechamento também para o outro.

Hilman e Ventura (1995), após se depararem com situações predominadas pela escassez de empatia, relatam que “as casas estão doentes, as instituições estão doentes, o sistema bancário está doente, as escolas, as ruas... a doença está aqui fora” (1995, p. 14). Essa doença à que se referem, é resultado de um processo de individuação intensificada e estimulada em nossa sociedade, desde nossas relações a atitudes diárias, quanto aquelas instituídas e reforçadas por um contexto pautado em necessidades individuais. É urgente uma mudança na ordem da relação humana para um outro caminho ético, em que a sociedade seja baseada no modo de se estar no mundo da ordem do *ser*, e não do *ter* (FROMM, 1976).

O *ter* que Fromm (1976) discute é consequência desta cultura do individualismo, egocêntrica, autocentrada, e completamente dissociada do outro. Assim, é possível compreender que não mais estamos apenas diante de uma crise socioambiental, mas também fundamental, pertencente a uma capacidade inata do ser humano, a percepção. Retomando o pensamento de Merleau-Ponty (1974), que diz que é por nosso corpo que percebemos o mundo;

se não percebemos sensivelmente este mundo e as relações que dele se exprimem, seríamos capazes de nos percebermos sensivelmente? À medida que, sensivelmente me percebo, mais percebo esse outro e, conseqüentemente, este mundo. Isso está integrado às relações da percepção e da existência, composta pela tríade “eu-outro-todo”. Sendo indissociável, seria impossível à cultura do individualismo, entender esse outro como fundamental para sua vida.

Rolando Toro (1991), criador do sistema *Biodanza*, coloca em um dos seus poemas: “quando te vejo, recebo notícias de mim”. Essa afirmação só é possível a partir de uma percepção estética do outro, pois ele acaba sendo uma extensão de minha existência. Essa percepção estética – “*aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado” (DUARTE JR., 2000, p 15) não está ligada a uma forma de dominação da realidade, mas de “entrar em comunhão com as coisas” (BOFF, 1998, p. 31).

A percepção de si também está acarretada; estudos nos provam que nossos estilos de vida nos conduziram à especificação de cerca de 1500 enfermidades, das 2000 listadas, existentes no reino Animal (JORES, 1961 *apud*. TORO, 1991). Segundo o Jores (1961, *apud*. TORO, 1991), das 500 enfermidades em comum entre os animais, estão as carências nutricionais, os traumas físicos, e enfermidades produzidas por vírus, bactérias e parasitas; as específicas aos humanos são enfermidades como doenças mentais, psicossomáticas, neuroses, entre outras, também conhecidas como as “doenças da civilização”. É cada vez mais comum naturalizarmos distúrbios orgânicos e doenças, e não associarmos ao nosso modo de viver, comer e nos relacionar.

Principalmente ao modo de nos relacionarmos, a percepção é sustentada por *feedbacks*, à medida que me integro a este ambiente, mas sinto/penso suas respostas a minhas ações. O mesmo acontece na relação sujeito/sujeito. Esse tipo de pensamento resulta na ciência, a aproximação entre o observador e o observado, também retratado por Merleau-Ponty (1974) quanto a sua indissociabilidade. Compreendendo essa percepção sensível de forma integrada, não só o outro, mas tudo aquilo que nos constitui enquanto indivíduos situados em nossos contextos, não teríamos atravessado, muitas vezes, o descaso com o campo patrimonial.

Recentemente, no dia 02 de setembro de 2018, ocorreu um incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro, do qual cerca de 20 milhões de itens catalogados foram incinerados. Esses itens estavam ligados ao acervo histórico e científico produzido no Brasil, e na América Latina, por mais de 200 anos. A causa do incêndio foi dada por um descaso público na manutenção do

espaço contra esse tipo de ocorrência. Baseado na dissociação indivíduo/sociedade, como perceberemos a importância do ocorrido para com as nossas histórias e memórias? Este é mais um episódio que evidencia insensibilidades sociais, e percepções individuais dissociadas da totalidade, que culminam, muitas vezes, em distorções e fragilidades em nossas histórias de vida, memórias e identidades, porque, segundo Maffesoli (1998):

Somos, antes de mais nada, de um lugar. De um lugar que nos ultrapassa e cuja forma nos forma. De um lugar que se constituiu por sedimentações sucessivas e que conserva a marca das gerações que a modelaram e, com isso, se torna patrimônio. Todas as coisas pelas quais o lugar se torna lugar. Ele nos une aos outros e provê a informação necessária a toda vida em sociedade (MAFFESOLI, 1998, p. 101).

É necessário um nosso outro jeito de se pensar nossos modos de perceber, pois, à medida que se desenvolve a percepção, ajustamos conhecimento sobre as “coisas” (MERLEAU-PONTY, 1974). Devemos nos basear em diferentes preposições para nos reconduzirmos e nos afastarmos de catástrofes e descasos sociais, patrimoniais, e ambientais retratadas em nossos cotidianos, nos conduzindo a um olhar ético para com os lugares. Boff (1998) propõe a construção de um paradigma baseado em 10 conceitos, ou figuras de pensamento. Os paradigmas, quaisquer que sejam, nos conduzem a exatidões e certezas, justamente, a contraproposta do olhar fenomenológico. A fenomenologia foi criada justamente para questionar tais vias de verdades absolutas criadas pela ciência moderna. Isso porque, o indivíduo tem um mundo pré-reflexivo e pré-objetivo para traçar suas experiências e desenvolver seu conhecimento sobre as coisas.

Entretanto, Boff (1998) estrutura em seu paradigma, 10 conceitos que servem como chave de experimentação de uma mínima abertura para com o vivido, mesmo que predeterminado. Paradigma que possibilita, até certo ponto, apreender um mundo de relações invisíveis e dinâmicas que aceita o incapturável, em um movimento distinto de outros paradigmas da ciência moderna. Quanto ao paradigma, os conceitos são (descrições adaptadas de Boff, 1998, p. 59-62): **1) Totalidade e Diversidade:** o universo, a Terra, e o fenômeno humano são totalidades orgânicas e dinâmicas feitas de diversidades interligadas. O ser humano é um ser biocósmico<sup>17</sup>; **2) Interdependência, religação e autonomia:** todos os seres são interligados, um precisa do outro para existir, mas cada um usufrui de sua autonomia e possui

---

<sup>17</sup> Biocósmico porque há ligação entre todas as esferas vivas. Segundo Maffesoli (1998, p. 67) “o universo aparece como um organismo vivo que, graças aos astros, estabelece correspondências entre todas as coisas, repousa sobre coincidências que animam ao mesmo tempo os indivíduos, as plantas, os animais e até a matéria insensível.”

sentido e valor em si mesmo; **3) Relação:** todos os seres compõem uma teia de relações, cada um entra na constituição do universo; **4) Complexidade e interioridade:** tudo vem carregado de energias condensadas em diversos graus de intensidade, gerando uma complexidade maior nos seres, pois estes são dotados de informações cumulativas. Tal dinamismo faz com que o universo seja visto como uma totalidade auto-organizante; **5) Complementaridade/reciprocidade:** toda realidade se dá sob forma de partícula e onda, energia e matéria, caos e cosmos. Esse princípio complementar é pautado no dinamismo do universo; **6) Seta do tempo:** tudo o que existe, preexiste e coexiste, nada pode ser compreendido sem a sua referência temporal, e este percurso está aberto, pois nenhum ser está pronto e acabado; **7) Destino comum e pessoal:** por estarmos interligados, todos temos um destino em comum em um futuro aberto, e é dentro desse comum que devemos situar nosso destino pessoal; **8) Bem comum cósmico e particular:** o bem comum não é apenas do humano, mas da comunidade cósmica. O bem comum particular deve surgir a partir da sintonia com o bem comum cósmico; **9) Criatividade e destrutividade:** o ser humano é complexo e *cocriativo*, está sempre interagindo com tudo, tem capacidade de criar e destruir. Pode reforçar as potencialidades latentes, preservando e expandindo o sistema-Terra; **10) Holística-ecológica:** atitude de abertura e inclusão irrestrita, propicia a cosmovisão radicalmente ecológica.

Esses conceitos são apresentados de forma abrangente, pois esse não é o foco da pesquisa e não é viável adentrar em tais temas pela tamanha complexidade; eles se constituem como índices para estruturar o entendimento e a compreensão de como é uma ecologia pautada na percepção da totalidade. Esses temas coincidem e sustentam os pressupostos da Carta da Terra (BRASIL, 2000), que tem como princípios o respeito e o cuidado da comunidade da vida, a partir de uma integridade ecológica, da justiça social e econômica, da democracia, da não violência e da paz.

Sobretudo, devemos sair do campo abstrato/ideológico e vivenciar tais temas para uma efetiva transformação ética. Este é um pressuposto básico que visa unir as dicotomias criadas como razão/emoção, racionalidade/sensibilidade. Assim, para a construção de seres éticos para com a vida, são necessárias vivências afetivas, e não mais apenas experiências que propiciem acesso a uma sensibilidade, como as atividades de sensibilização na EA caracterizadas por aprendizagens rasas.

Segundo Rolando Toro (1991), isso acontece porque, nos seres humanos, a dimensão sensível e a afetividade estão separadas - como a exemplo de artistas assassinos, corruptos que amam música - sendo assim, a afetividade é a principal responsável para o desenvolvimento das capacidades de escuta, valorização e qualificação do outro, através de vínculos empáticos, e talvez só assim, teremos a percepção estética do outro e o respeito com sua subjetividade, as vivências afetivas, sobretudo para o autor, o caminho que une a estética da ética.

Na *Trilha da Vida*, existem 7 marcas identitárias<sup>18</sup> que definem e estruturam a abordagem e diferenciam de outras trilhas interpretativas, sendo uma dessas “um simples e sincero abraço” (Figura 7). Essa é umas das maiores aproximações da *Trilha da Vida* com as vivências afetivas que Toro (1991) propõe. Segundo Matarezi (2017), o abraço – realizado no momento seguinte da caminhada às cegas – é um gesto amoroso de abertura sincera de doação/recebimento, carregado por sua dimensão sensível e afetiva na relação de cuidado com o outro<sup>19</sup>.

Figura 7- Momento do “simples e sincero abraço” após a caminhada às cegas na Trilha da Vida.



---

<sup>18</sup> Conforme descreve Matarezi (2017, p. 347) “no processo de subjetivação, constituição de identidade da abordagem Trilha da Vida, foi possível encontrar sete marcas de identitárias associadas aos meios heurísticos que são a 1) Linha do Tempo, 2) Acolhida de Boas Vindas e as Histórias do Lugar, 3) Tempo da espera por sua vez... (Um Tempo “Perdido” em Caminhadas “não intencionais”), 4) A descoberta do “Outro Ser Humano”: Alteridade e Questões de Gênero, 5) A Descoberta do “EU” (O Espelho enquanto meio heurístico), 6) Qual Caminho Seguir? Alternativas, Escolhas e Tomadas de Decisão, e 7) Um Simples e Sincero Abraço. ”

<sup>19</sup> Matarezi (2017) traz um relato capturado na Roda de Diálogo de uma vivência na *Trilha da Vida* expressa o profundo sentimento de acolhimento proporcionado pelo abraço: “Uma das melhores sensações do dia também foi caminhar até onde estava o pessoal e ter uma pessoa me esperando para abraçá-la, acredito que essa experiência pede isso no final, essa necessidade de ter outro coração batendo junto ao teu” (CL, Camboriú/SC, 2016).

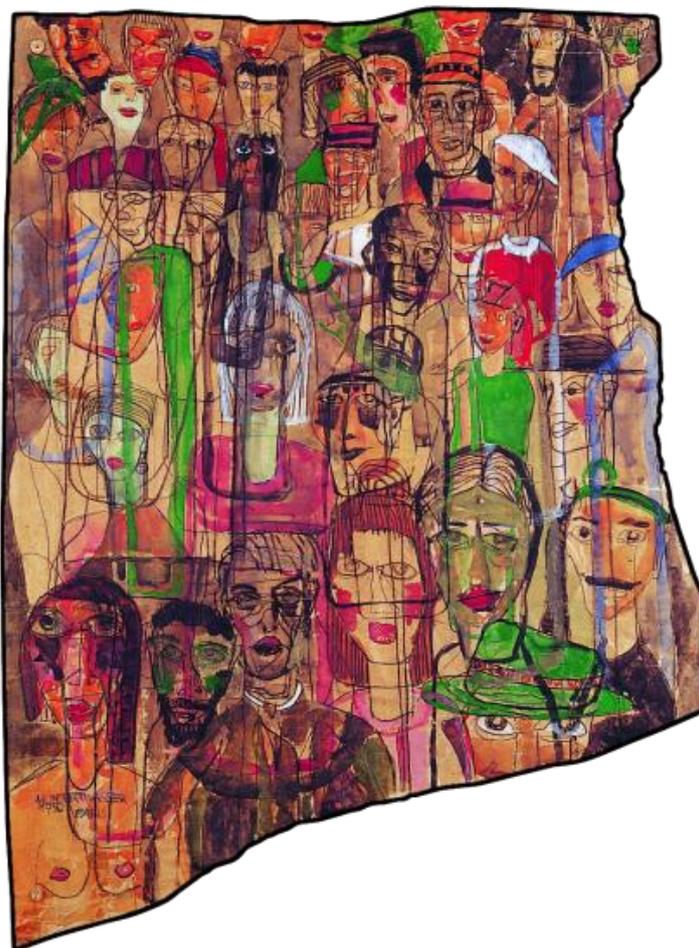
Fonte- Fotografias disponíveis no Banco de Dados da Trilha da Vida, e retiradas de Matarezi (2017).

Rolando Toro (1991) refere-se ao abraço como um ato político, um “continente afetivo” que devia ser continuamente experimentado, não só em datas festivas, mas em nossos cotidianos. Para o autor, o abraço de profunda entrega é um ato supremo de percepção do outro como semelhante, de sustentação do outro em toda sua humanidade, assumindo-o espiritual e corporalmente. A experiência que Rolando teve com o abraço revela, através de sua escrita, um caminho ainda pouco desvelado pela maioria das pessoas no mundo, mas que conspira para a reconstrução de uma ética unida a estética, pois:

O sentimento de íntima vinculação com a natureza e com o próximo, é uma experiência culminante que se tem raras vezes na vida. Experimentá-la apenas uma vez permite iniciar uma mudança na atitude frente a si mesmo e frente aos demais. O saber com “certeza” que não somos seres isolados, mas que participamos do movimento unificante do cosmos, basta para mudar nossa escala de valores (TORO, 1991, p. 292).

São essas vivências, de modo geral, que irão nos despertar este sentimento de vínculo com a humanidade, a natureza para uma compreensão da totalidade. Friedensreich Hundertwasser (1928-2000), ativista, arquiteto e pintor austríaco, cujas obras inspiraram e serviram de referência conceitual para a abordagem teórico-metodológica Trilha da Vida (MATAREZI, 2017), retrata uma realidade de vínculo e semelhança entre humano/natureza em sua obra “Pessoas (Complemento as Árvores)” (Figura 8).

Figura 8- Representação da obra “Pessoas (Complemento as Árvores)” de Friedensreich Hundertwasser, pintada em 1950. Aquarela e carvão em papel irregular amarelo - 59 x 44 cm.



Fonte- <http://hundertwasser.com/oeuvre/67-paintings/741-people-complement-to-trees>. Acesso em: 23 out. 2018.

Hundertwasser, sobre sua obra, escreve<sup>20</sup>: “árvores e pessoas estão intimamente relacionadas. Ambos têm raízes e pés como um sinal de seu apego à terra, ambos se esforçam para cima com folhagem e saudade. Quando eles estão juntos, o resultado é uma floresta ou uma multidão.” A partir dessa obra e sua descrição, Hundertwasser rompe com as fronteiras da dissociação humano e natureza, e traça semelhanças pelas formas de viver: ambos se atêm à terra, se lançam acima e se agrupam. Essa dissociação para Marin (2006) é consequência de um mundo dominado pela razão, deixando de lado, dimensões e necessidades da natureza humana.

---

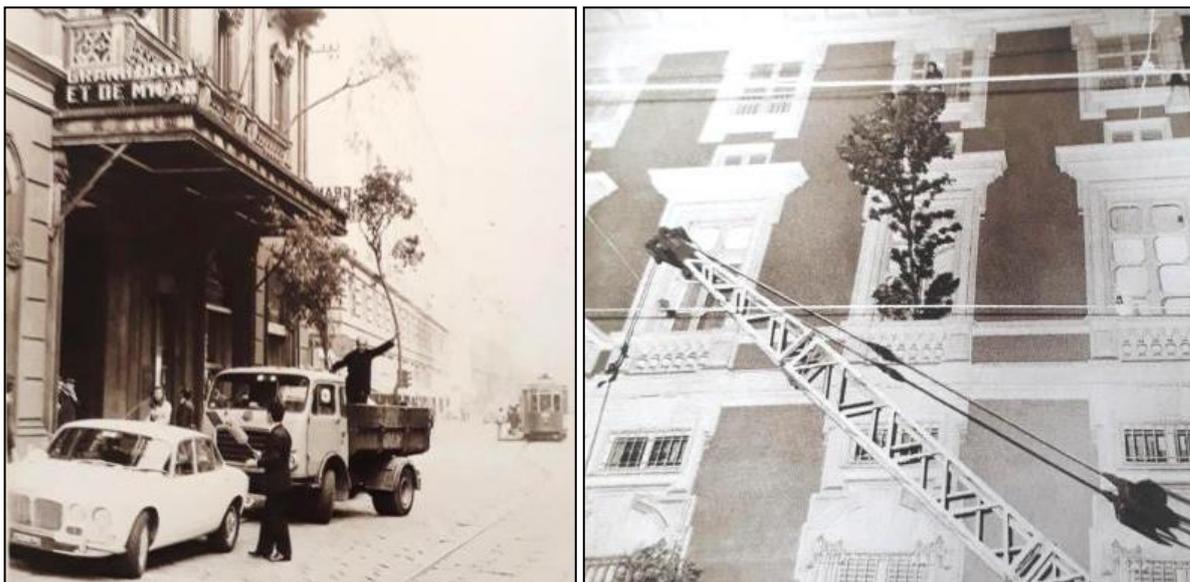
<sup>20</sup> Disponível em <http://hundertwasser.com/oeuvre/67-paintings/741-people-complement-to-trees>. Acesso em: 23 out. 2018.

A partir da experiência estética na natureza, o ser humano perpassa relações de domínio e retorna para uma condição de co-naturalidade com seu espaço (MARIN, 2006). Isso, para a autora, é um encontro com ele mesmo, pois “lá está ele, com todas as suas dimensões fluidas em potência” (MARIN, 2006, p. 286), e assim se reencontrando nas coisas, na natureza, o ser humano irá se integrar a essa unidade, e então a valorizará. Segundo Maffesoli (1998), existe uma harmonia que se funda através de vínculos entre o interior da natureza e o interior do ser humano. Na Roda de Diálogo, um participante comenta sua experiência de proximidade com a natureza ao longo de sua educação, e mostra caminhos que são conexão íntima e emocional com a natureza:

É só mais uma experiência, eu já fiz muita trilha. Já fiz uma trilha de 12km na Amazônia. É a primeira vez que eu faço de olhos vendados de dia, porque já fiz de noite também. Eu achei bem bacana, no decorrer da trilha. Em relação as coisas que senti: eu abracei muito as árvores! *Tipo..* é forte isso pra mim (nesse momento I.F. para de falar e com as mãos entrelaçadas e de olhos fechados, faz uma longa respiração, seguida de uma pausa. Inspira novamente e continua). É porque assim, é... desculpa! (I.F. começa a chorar, apertando com suas mãos o nariz. Com os olhos cerrados, balança sua cabeça e se esconde atrás das mãos. Após um momento, continua sua fala com a voz embargada de seu recém choro). Ao decorrer da trilha eu vi várias coisas, vários objetos e eu abracei muito as árvores, porque tipo assim, tem muita pouca árvore hoje em dia. (I.F., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Semelhante a esse pensamento que nos conduz ao direito às árvores, Hundertwasser pauta-se na crítica do afastamento dos indivíduos à natureza, e da natureza nos centros urbanos, e repensa a cidade a partir da relação arquitetura e ecologia. Dessa forma, coloca que “a natureza livre deve crescer por todo o lado onde cai a neve e a chuva. [...] Aquilo que é paralelo ao céu pertence à natureza – as ruas e os telhados devem ser cobertos de madeira – na cidade deverá poder respirar-se novamente o ar da floresta”. (em Restany, 2003). Na Trienal de Milão, em 1973, o artista avança em seus princípios arquitetônicos ecológicos e desenvolve o projeto árvore-locatária (Figura 9), plantando doze árvores nas janelas de um dos edifícios mais nobres da via Manzoni (RESTANY, 2003).

Figura 9- Projeto árvore-locatária de Hundertwasser na Trienal de Milão, em 1973.



Fonte: Restany (2003).

Esse projeto de “higienização arquitetônica”<sup>21</sup> expresso nos projetos artísticos de Hundertwasser, questionava as estruturas da cidade e das residências, onde todos que tinham direito à janela, que para Garcia (2009) serve para conectar o corpo ao mundo, vice-versa, tinham dever às árvores, no sentido de uma habitação ecológica (RESTANY, 2003). Em aproximação com a epistemologia ecológica<sup>22</sup>, Ingold (2012) no desenvolvimento de uma antropologia dos objetos, continuamente se interroga sobre as distinções e definições das coisas, e constrói um novo olhar de valorização e reconhecimento para as coisas. No caso de uma árvore, Ingold (2012) questiona seus possíveis limites e como essa poderia ser definida.

A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. Se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galhos balançam e suas folhas

---

<sup>21</sup> Esse termo pode ser confundido com processos de “gentrificação”, e também, e políticas e ações injustas e antiéticas de “limpeza social” e exclusão de minorias. No sentido aqui utilizado, refere-se a devolver à cidade seu caráter ecológico, garantindo ar limpo e beleza a todos.

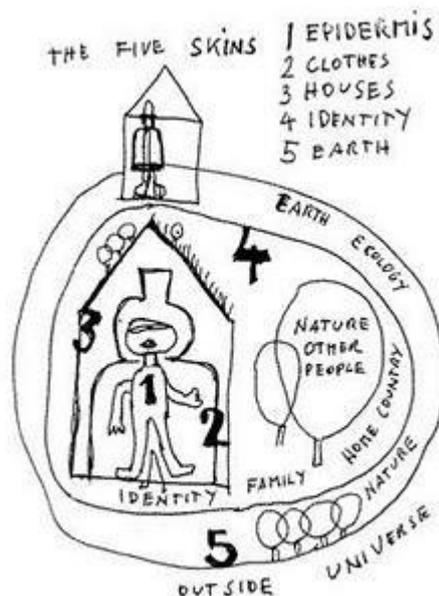
<sup>22</sup> Para Carvalho (2013) o termo “delimita uma região do debate teórico-filosófico contemporâneo que compreende autores de diversas origens disciplinares e diferentes opções teóricas, cujo ponto em comum é o esforço para a superação de dualidades modernas, tais como natureza e cultura, sujeito e sociedade, corpo e mente, artifício e natureza, sujeito e objeto”.

farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar (INGOLD, 2012, p. 28-29).

Ingold (2012), em uma perspectiva ecológica complexa, traça encontros com a relação que Hundertwasser estruturava entre moradias vivas de casas e árvores. Ao retirar a concepção objetificada de uma árvore, tornando-a como “coisa”, ou mesmo “um agregado de fios vitais” (INGOLD, 2012, p. 29), mudamos nossa relação de domínio para convívio.

Além das obras de Hundertwasser, o conceito de “5 peles” criado também pelo artista inspirou Matarezi na criação da *Trilha da Vida*. De acordo com Matarezi (2017, p. 161), é por essa teoria que se apresenta uma “forma consistente de compreender a unidade dialética entre o natural e o cultural, superando e rupturando com as limitações epistemológicas e as fragmentações, tanto do ser como do conhecimento, próprias da modernidade.” A teoria toma como princípio que o ser humano não tem apenas uma pele, mas cinco: a epiderme, o vestuário, a casa, a identidade e a Terra.

Figura 10- Representação gráfica elaborada por Hundertwasser de sua teoria das “5 peles”.



Fonte: Restany (2003).

Pela representação da teoria, compreende-se uma realidade da totalidade, em que o corpo está para além da uma limitação física e perpassa diversas camadas culturais/naturais. Outro ponto de reflexão que a teoria revela é a consequência de um movimento individual em outras escalas sociais e naturais, já que todas são peles do mesmo organismo, aproximando-nos

de uma compreensão dos conceitos de interdependência, religação e autonomia que Boff (1998) estrutura na proposta apresentada. Uma sugestão alternativa a presente representação das 5 peles, seja incluir uma sexta camada, a do universo, pois somos seres biocósmicos.

De qualquer forma, há uma desconexão com essas estruturas e camadas. A percepção dos *biofeedbacks* do meio está defasada devido ao processo lento de degradação dos instintos, desconectando-nos da vida. Segundo Toro (1991), não há reflexos vitais, o que resulta na incapacidade de estabelecer os *biofeedbacks* com o que está vivo. Possivelmente, na modernidade, a ruptura com essa estrutura da totalidade, é devido a um empobrecimento das formas sensíveis de relação com a vida (DUARTE JR., 2000). Para Duarte Jr. (2000), o afastamento do próprio corpo e grande parte de nossa perda de sensibilidade, de uma anestesia contemporânea, é resultado do consumo acelerado de simulacros<sup>23</sup> que, assim, nos afastam da nossa experiência corporal de contato direto com as realidades do mundo.

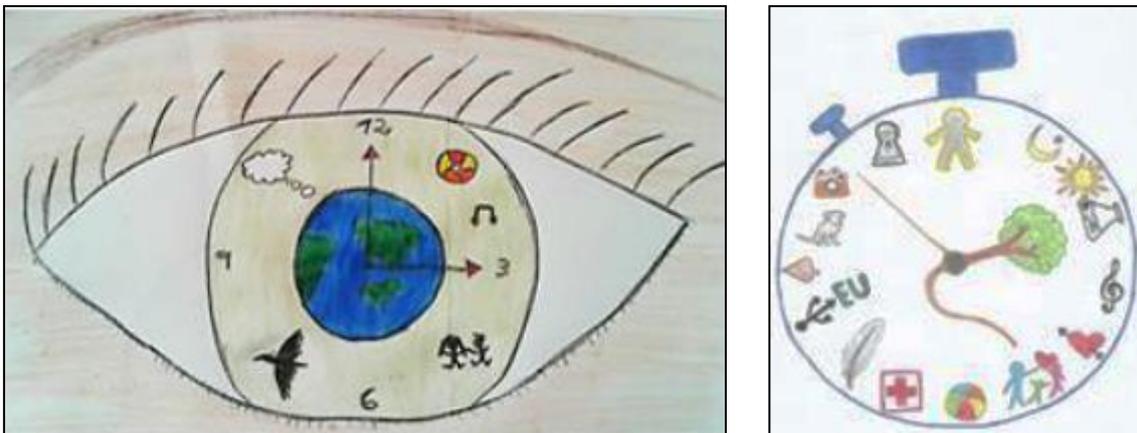
Segundo o autor, muitas de nossas práticas, costumes e hábitos diários foram alterados devido à Revolução Industrial, no século XVIII, junto à lógica da produtividade, a exemplo dos artesãos, que se transformaram em operários, deixando uma vida “regida organicamente pelo próprio corpo e em concordância com as alterações sazonais do mundo” (DUARTE JR., 2000, p. 51), ou seja, antes trabalhavam baseados em seus ritmos orgânico e vital, decidindo os tempos e as horas em que iriam atender suas necessidades básicas como dormir e comer.

Com o surgimento de indústrias, esse artesão teve que atender a uma lógica, não mais interna, mas externa, obrigando-lhe a atender horários e tempos totalmente diferentes das suas demandas corporais (DUARTE JR., 2000). Esse é um embate que se revela continuamente na *Trilha da Vida*, do Cronos com o Kairós da filosofia greco-romana, muito evidenciado nos Mapas Mentais produzidos a partir da experiência na *Trilha da Vida* (Figura 11). Cronos representa o tempo mensurável e Kairós, o imensurável, o momento certo. Assumindo uma postura de ir contra o mensurável, o marcado e determinado, Matarezi (2017, p. 80) comenta que “tempo é vida que deve ser vivida e experienciada com todos os sentidos”.

---

<sup>23</sup> Para Duarte Jr. (2000, p. 121) simular é “fazer de conta, fingir, aparentar. Verbo do qual se deriva o conceito de simulacro, fundamental à análise de certas características de nossa modernidade tardia. Assim, o que se veio afirmando até aqui foi que os meios de comunicação constroem, atualmente, simulacros da realidade, através de imagens que intentam não só representar o mundo, mas, quase num passe de mágica, substituí-lo. O simulacro, pois, é colocado no lugar da própria coisa, repousando, sua aparente vantagem, no fato de possuir mais atrativos do que ela.”

Figura 11- Mapas mentais produzidos após a experiência sob as vendas na *Trilha da Vida*, que representam a disputa entre Cronos e Kairós, o tempo medido e o orgânico.



Fonte- Fotografias disponíveis no Banco de Dados da Trilha da Vida, e retiradas de Matarezi (2017).

Devido a predominância do Cronos determinado, o que resultou da Revolução Industrial foi um processo de reeducação do corpo humano, ou seja, os modos de relação, os movimentos e práticas a partir do corpo foram alterados e, conseqüentemente, desencadeando diversos desequilíbrios psíquicos e físicos (DUARTE JR., 2000). Mesmo rompendo com a lógica de causa/conseqüência, já que os resultados são dados por uma complexidade de fatores, é impossível não conceder a responsabilidade de grande parte da nossa anestesia de sentidos, e perda de relação orgânica com o mundo, após esses processos históricos de desconexão com a vida. Para Matarezi (2017, p. 153), a anestesia dos sentidos:

[...] evidencia a urgência em dar a devida atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que pode muito bem ser chamada de educação estética. Destaca que vivemos anestesiados, sob o efeito de nossa educação e da mídia. A anestesia paralisaria nossos sentidos, como para receber uma intervenção cirúrgica, ao passo que uma educação estética devolveria a nossa consciência e a nossa sensibilidade.

É pela ausência de uma educação estética cuidadosa e o predomínio de uma educação que parte da crença de que o conhecimento mais importante é aquele unicamente racionalizado, o abstrato e não vivido com os sentidos, que nossos sentidos vão se obliterando (DUARTE JR., 2000). Dar conta de um mundo sensível através dos processos de aprendizagem é um dos pressupostos em que Duarte Jr. pauta a educação estética.

[...] é preciso, agora, que se reflita um pouco sobre a nossa capacidade tátil, sobre a apreensão da realidade que a pele nos permite, especialmente a que recobre as nossas mãos. Tocar as coisas que nos deslumbram parece ser um impulso quase irresistível, especialmente para as crianças, das quais cuidamos para manter afastados aqueles objetos mais frágeis ou perigosos. Sendo esse mesmo impulso, presente em nós ao longo da vida, o que muitas vezes leva administradores de museus e curadores de exposições de artes plásticas a espalhar pelos salões o indefectível cartaz que solicita: “não toque nas obras”. Deste modo, as mãos parecem ser a extensão natural de nossos

olhos, completando com o toque o conhecimento iniciado pelo olhar. O tato se compraz com a descoberta de formas e texturas, num complemento da visão, estabelecendo, de certo modo, uma relação “amorosa” com o objeto — e é neste sentido talvez que se diferencie o “amor platônico”, o qual, no meio do caminho, fica preso apenas à dimensão visual, daquele amor mais “pleno”, que só atinge a sua inteireza por meio do contato físico, vindo a saber o outro também através da pele (DUARTE JR., 2000, p. 105).

A educação estética, discutida por Friedrich Schiller (1759-1805) a partir de questionamentos à Revolução Francesa (1789-1799), aponta para uma formação estética no que auxilia em uma harmonização interior orgânica e natural, conduzida por meio da educação (MALADÓZ, 2016). A harmonização refere-se à reunificação do corpo e mente, reconhecendo, na natureza dúbia do ser humano, a subjetividade e racionalidade, sua totalidade (MOREIRA, 2007). Segundo Moreira (2007), seus pensamentos são demarcados principalmente pelo romantismo alemão. O romantismo alemão, movimento artístico/cultural que nasce no fim do século XVIII, surge como oposição ao iluminismo francês, para criticar o racionalismo cartesiano, e a forma materialista e reducionista da concepção de humano, soerguendo sua dimensão estética e sensível. Assim como Schiller, Johann Wolfgang von Goethe, uma das principais referências na época, explorou a relação da mente humana com o ambiente, retratando em suas obras a dimensão estética, usando elementos artísticos “como forma de ampliação do conhecimento num universo científico de análise” (VITTE; SILVEIRA, 2010).

Educação estética, para Marin (2006, p. 278), pressupõe “trabalhar com as sensibilidades, afetividades, capacidades imagética e criadora e, ao fazê-lo, despertar para a verdadeira essência ética do ser humano”. Essa educação, mesmo que minimizada na educação formal, é antes de tudo, assim como descrito por Matarezi (2017), uma urgência em nossa sociedade (MARIN, 2006). A educação estética é uma grande referência nas propostas da *Trilha da Vida*. Convida a quem experiencia, aos participantes<sup>24</sup>, abusarem de seus outros sentidos, aguçando o paladar, olfato, audição, e principalmente o tato, deixando a visão de lado. Estar sob o uso de vendas é um ato inteligente, quando se quer priorizar o uso de outros sentidos, já que, em nosso cotidiano, é imprescindível o uso da visão frente a uma avassaladora estimulação visual que, segundo Duarte Jr. (2000), não desenvolve uma visão sensível, mas nos condiciona a uma restrita percepção de mundo, deslocando nosso olhar apenas para as representações, desviando, assim, nossa atenção da realidade em que vivemos.

---

<sup>24</sup> Ver nota de rodapé 8, p. 40.

Segundo Toro (1991), nós nos tornamos doentes de civilização, justamente, porque priorizamos a visão e perdemos as outras sensibilidades, como a tátil, do gosto e do olfato. Assim, Toro (1991, p. 101) comenta que “há milhares de anos, nos esquecemos de que a pele serve não só para ‘separar’, mas para ‘unir’. O gosto é um sentido menosprezado e, por isso mesmo, nos escapa o sabor da vida.” Assim como a visão, o sabor da vida está para todos os sentidos, e necessitamos resgatar a dimensão sensível desses sentidos, para sairmos de uma anestesia e chegarmos a uma estesia.

A visão é também retratada na etapa inicial da *Trilha da Vida*. Toda experiência na *Trilha da Vida* inicia com a fala do Sr. Valdir Bauer (proprietário do Espaço junto à Tereza Gilda Gervásio Bauer), apresentando os cinco princípios do Espaço Rural Clarear: cuidado, simplicidade, cooperação, sustentabilidade, e o quinto elemento. Segundo Sr. Valdir Bauer<sup>25</sup>:

O quinto elemento, é o elemento que a gente tem falado muito: sobre o olhar. Acho que nós temos que começar a olhar, no sentido de estar olhando, e de *tá* enxergando. Ou que está me ouvindo, mas não está me escutando. O que a gente vê assim, que nós estamos vivendo um caos com isso aí, *né?! [...]* O nosso quinto elemento é que a gente posso *tá* olhando *pras* coisas e *tá* enxergando, *tá* observando, e *tá* sentindo (VALDIR, Camboriú/SC, 2018).

O que Sr. Valdir Bauer coloca: “de olhar, mas não ver, de ouvir, mas não escutar”, diz muito sobre uma intencionalidade em nossas práticas diárias. Intencionar a atenção na escuta para o outro, e de olhar para o outro é uma estrutura para um bom convívio em nossas sociedades. Essa situação experienciada pelo Sr. Valdir Bauer e presente em suas falas, atribuindo-a como princípio do Espaço Rural Clarear, remete à mesma anestesia dos sentidos à qual Duarte Jr. (2000) se refere. Nossa relação com o mundo, as coisas, e com nós mesmos tem sido modificada ao longo do tempo. Cabe às propostas como a *Trilha da Vida*, promover uma educação estésica que integre, cada vez mais, nosso modo de viver a partir da experiência do corpo. Integrar o corpo em suas dimensões sensíveis/inteligíveis é uma das tarefas mais árduas para uma nova educação que nos conduza a um movimento de reverência à vida.

Se compreendêssemos a vida em toda a sua grandeza, não estaríamos sob efeito de um paradigma que tira a sacralidade da vida, ou seja, que não compreende a vida como sagrada, significada por ela mesma (TORO, 2001); dessa forma, não poderíamos externalizá-la, nem retirar dela seus significados mais intrínsecos. Esse paradigma a que me refiro é, a partir da separação do corpo para a alma, derivado de uma linha de pensamento reforçada por tensões

---

<sup>25</sup> Esta fala foi gravada em uma experiência na *Trilha da Vida*, na apresentação do Espaço Rural Clarear.

político-religiosas, científicas e, sobretudo, filosóficas, como apresentadas por Cardim (2009) em sua obra *O Corpo*.

De acordo com Cardim (2009)<sup>26</sup>, o gesto teórico que fundou a cisão, e o antagonismo existente entre corpo e alma foi proveniente do platonismo, que defendia que a alma preexiste o corpo, sendo assim, imaterial e imortal. Para Toro (1991), essa é uma das catástrofes da humanidade, “teria que chegar, no século XX, Einstein, para dizer: energia e matéria são uma mesma realidade. Não existe a energia separada da matéria. Assim, não existe o corpo separado da alma” (TORO, 1991, p. 70). Essas questões se enquadram aos conceitos de reciprocidade/complementaridade que Boff (1998) discute, reconhecendo a natureza dual dos elementos naturais e suas respectivas complementaridades.

Para Platão, o corpo é uma “espécie de prisão, o lugar onde nós, homens, vivemos, e é dever não libertar-se a si mesmo nem evadir-se” (em Cardim, 2009), sendo assim uma espécie de encarceramento da alma, do divino. Quando a alma é aliada a um divino em uma visão platônica, e o corpo uma espécie de prisão, associam-se dois níveis de relevância, e assim, dois tipos de cuidados diferentes. Como resultado, o corpo perdeu a importância:

[...] pode ser massacrado, o corpo pode ser torturado, o corpo pode ser submetido à fome, à miséria. Podem morrer povos inteiros com uma bomba de nêutrons, construída com a colaboração das mais brilhantes inteligências, porque ao final, são os princípios, a alma, o que importa. O corpo não importa. Chegamos a tal situação de civilização patológica - por esta dissociação corpo-alma - que talvez a única esperança sejam todas aquelas disciplinas, todas aquelas ações que tendem a unificar o ser humano, quer dizer, que seu corpo seja a expressão mesma de tudo que ele é, de toda sua existência (TORO, 1991, p. 63).

Existem diversas práticas religiosas que implementam, através de seus rituais e tradições, meios “punitivos” ao corpo, como alusão a uma libertação da alma, ou mesmo, iluminação. A exemplo do jainismo, umas das religiões mais antigas da Índia, as mulheres, para se tornarem monjas devem “desapegar do mundo material”, provando suas devoções em rituais em que são retirados todos os fios de seus couros cabeludos à mão, até ficarem carecas e, após suas práticas enquanto monjas, conseguem a libertação de suas almas.

Entretanto, outros movimentos de valorização dos cuidados com o corpo vêm ganhando força nos últimos tempos. Segundo Carvalho e Steil (2008), o anseio por saúde “tem se tornado

---

<sup>26</sup> Esta obra serve para uma breve contextualização do processo histórico de dicotomização do corpo e da alma, tendo ciência de que não foi realizada uma imersão teórico-filosófica nas obras dos autores citados. Cardim (2009) em suas entrelinhas explica que o projeto desta obra é apresentar um recorte histórico, e que se debruçar apenas nesta leitura, possivelmente seria insuficiente a apresentação deste rico quadro teórico dada a complexidade dos percursos de pensamento.

constitutivo de várias práticas ecológicas, tais como caminhadas, montanhismo, trilhas, turismo ecológico, assim como de práticas religiosas de peregrinações, vivências, meditação [...]”, fazendo com que esses hábitos ecológicos de contato próximo da natureza, pautados em experiências do sagrado, constituam um sistema de crenças ecológicas.

Para Carvalho e Steil (2008), existem práticas de cultivo do ambiente a partir de preocupações ecológicas e sustentáveis, e de cultivos de si: na dimensão corpórea, a partir da alimentação, exercício físico, medicina alternativas e espirituais; e na espiritual, com as outras formas de prática da espiritualidade, terapias alternativas, meditações. Principalmente na dimensão espiritual, há uma mudança nos rituais institucionalizados e um deslocamento da sacralidade, do “externo” ao “interno” do indivíduo. Esse desvio não deve ser confundido com a subjetivação excessiva das verdades, uma das características da pós-modernidade, mas sim, de reverência à vida. Nesse sentido, os cultivos de si e do ambiente através das mais diversas práticas de proximidade com a natureza, encaminham para uma formação de “sujeitos religiosos por natureza”, que desejam aliar uma conexão profunda com a natureza para uma compreensão da totalidade, a uma integração pessoal a partir de descobertas íntimas de si (CARVALHO; STEIL, 2008).

Entretanto, há práticas que mais conduzem a um culto insensível do corpo e desassociadas de seus sentidos, do que de fato, uma reconexão sensível à sua existência e ao desfrute dos sentidos. Atualmente, percebem-se inúmeras formas de supostos desenvolvimentos corporais como terapias, massagens, ginásticas e usos de produtos destinados ao corpo, que são estimuladas por simulacros veiculados pela mídia, criando modelos de idealização de diversão, beleza, entre outros (DUARTE JR., 2000). Para Duarte Jr. (2000), o presente culto ao corpo:

[...] parece fazer parte bem mais de uma estratégia do sistema industrial moderno, em busca de novos produtos a serem consumidos, do que constituir uma verdadeira revalorização da sensibilidade humana. Ao criar modelos ideais para os corpos de homens e mulheres (em geral no modo do simulacro), na verdade a mídia contribui para que as pessoas se afastem mais de sua real corporeidade, para que percam o contato consigo mesmas. Desta maneira, grande parte do que passa por libertação e desenvolvimento corporal, nos dias que correm, consiste exatamente no seu oposto: numa prisão erigida por ideais frequentemente inatingíveis (DUARTE JR., 2000, p. 121).

A valorização da dimensão corpórea, quando não é pautada nas críticas dos modelos de consumo e na transformação desenfreada de mercadoria pelo sistema industrial moderno, faz com que o corpo adquira outras cargas de sentido a partir da relação da exposição e

competitividade. Por essa lógica, o contato consigo mesmo tornou-se escasso, ao ponto de o corpo perder em suas expressões sensíveis, subjetivas e emocionais nas mais diversas práticas diárias.

Nos dias atuais, devido ao incrível avanço tecnológico e aos usos das mídias sociais no século XXI, outras mudanças ocorreram na relação do e com o corpo. Estudos contemporâneos evidenciam caminhos em que o corpo atual pode se tornar virtual. Quando se torna virtual, o corpo não desaparece na cibercultura; ele atua em representação e não se torna mais presente, ocupa um não-lugar, desterritorializa-se (GARCIA, 2009). Pensando na educação estética, a relação consigo mesmo, altera-se quando a experiência é baseada na virtualidade<sup>27</sup>, sendo possível estar frente a imagens de paisagens inóspitas e países afastados em alguns cliques. A relação com o outro também se alterou; a partir de aplicativos e mídias sociais, não é mais preciso olhar nos olhos, tocar na pele, ouvir a voz, e sentir a outra pessoa, mas sim, olhar telas, tocar telas, e ouvir o outro por autofalantes.

Inúmeras são as contribuições que a cibercultura proporciona na modernidade; porém outras questões nos alertam para outras possibilidades de *anestesiamento*, justamente pela ausência de diversidade de estímulos percebidos pelo corpo próprio a partir de uma experiência vivida, quando essa, desenvolve sensivelmente e complexamente os sentidos. Ocupar um não-lugar vai na contramão do que Maffesoli (1998, p. 101) retrata: “somos, antes de mais nada, de um lugar”, e dessa forma, mesmo anacronicamente, estar em lugar nenhum ou em mais de um, desloca-nos do aqui e agora e mobiliza fortemente questões como pertencimento e identidade.

Permeado por questões contemporâneas, diversos e complexos serão os desafios para as futuras pesquisas, quando adentrarem em discussões que possivelmente separam realidades. Refletindo, a partir dos sentidos e da educação estética, quais serão as consequências na relação e formação humana pelos pontos apresentados? Em quais princípios, movimentos e teorias essas pesquisas se basearão na tentativa de estabelecer discussões contemporâneas? Serão pesquisas que reforçarão afluências ou (a)fluências? Segundo Lago e Vani (2015, p. 462-463, grifo acrescentado pelo autor) “à medida que a contemporaneidade se apresenta com os desafios [...] da efemeridade, da liquidez [...] *tem-se a* necessidade de rever os valores, referenciais, ideais e métodos, a própria condição humana como temporalidade. ”

---

<sup>27</sup> Este fértil tema de pesquisa, a experiência, a virtualidade e suas relações, ultimamente são analisadas por estudos na área de desing, que contribuem novos tipos de compreensões da experiência corpórea.

Questões como essas atravessam minimamente esta pesquisa, no cuidado ético e estético para as junções e separações. Maffesoli (1998, p. 65), baseado na perspectiva fenomenológica, coloca que “o próprio da separação, aquilo que se fragmenta é, sempre, potencialmente, mortífero, enquanto o que vive tende a se reunir, a conjugar os elementos díspares. É quando ‘o conjunto todo se sustenta’ que há vida. ” Enfim, a vida, traduzida em sua potência unificadora, integra concepções e definições.

As dissociações ideológicas, como corpo e alma, retiraram a integralidade da existência, abrindo caminhos para outras dissociações que fragmentam realidades, adentrando nesse campo em que a ciência investe, em um largo processo histórico de tempos e espaços, no desenvolvimento de pesquisas que mais separam do que unem dimensões da totalidade. O que se criam são distinções cada vez mais fortalecidas e extremamente racionalizadas, que marcam, entre si, diferenças não complementares, pouco porosas que não se inter-relacionam, que não se veem mais como parte integrante do todo, podendo citar as dicotomias: sujeito/objeto, alma/corpo, sagrado/profano. Segundo Toro (1991), a “cultura dissociativa desqualifica a vida presente, dessacraliza-a e sabota seu valor e significado intrínsecos”. Assim, se o corpo é prisão em uma concepção platônica, é também um objeto no qual a alma reside e é aprisionada; por consequência, é também profano, já que ascensão e iluminação só se dá a partir do cultivo da alma que anima o corpo. A relação entre sujeito/alma/sagrado e objeto/corpo/profano, funda-se em uma dimensão de domínio e superioridade (MAFFESOLI, 1998).

Esses rastros que derivam dessas dicotomias são, para Maffesoli (1998), o constituinte do racionalismo científico, tema recorrente desde o século XVII, o qual, à medida que se origina traça também seus limites e desconexões com a vida. A razão não estabelece, nesse quadro, diálogos com a emoção e sensibilidade, e seu predomínio implementa uma doutrina de pensamento lógico, chegando ao racionalismo. Interessante frisar que o sufixo *ismo* exprime significados de ideologia, religião, esporte, doença, entre outros. Dessa forma, destaco as doenças, que se originam a partir de disfunções e desequilíbrios orgânicos e, se aplicadas a contexto da ciência, a racionalidade sem sua contrabalança, seria também um prejuízo para a humanidade.

Seguindo essa linha de pensamento, a ciência dedica-se aos aprofundamentos teóricos dissociativos, em que o pesquisador, sujeito dominante, investiga sobre o objeto de estudo, mesmo quando esse é envolvido por pessoas. Nessa concepção, o pesquisador tem domínio das distâncias do objeto, estabelece controles, quando deveria, de fato, realizar uma descrição

empática do estudado, permitindo adentrar no “próprio coração de nosso objeto de estudo, vibrar com suas emoções, participar de seus afetos, compreender o complexo arabesco dos sentimentos e das interações de que ele está impregnado” (MAFFESOLI, 1998, p. 47).

A descrição teórica rigorosa e a criticidade não surgem da operação dos distanciamentos para com o objeto de estudo, mas sim, da capacidade empática, da postura crítica e fenomenológica do pesquisador ao adentrar no mundo e no contexto do pesquisado. Para Maffesoli (1998), o observador tem que se tornar parte integrante do objeto estudado, saber colocar-se no lugar do que estuda, uma espécie de alteridade, deixando aflorar os fenômenos que aparecerem sem nenhuma discriminação e negligência.

Compreendendo as dinâmicas do objeto de estudo em sua proximidade, diversas são as possibilidades criativas de “integrar, em doses variáveis, o zelo estético no próprio seio da progressão intelectual” (MAFFESOLI, 1998, p. 21); dessa forma, a postura crítica e cuidadosa, o sensível e inteligível caminham lado a lado. Para o autor, é preciso retomar a vida com humildade, sem buscar as causas que a engendram em um movimento puramente analítico, característico da progressão intelectual analítica e ultratecnicista da ciência moderna.

Esses distanciamentos que nos afastam do objeto de estudo, e sobretudo as imparcialidades e objetividades, para o autor, culminam nas pesquisas sociais, quando não em mentiras, em incompetências. Pois, quando o pesquisador se pauta no racionalismo e na objetividade, não se abre para as potências vitais que surgem a partir da dinâmica de pesquisa, “vai direto ao alvo, segue essa via *recta* cuja eficácia é conhecida” (MAFFESOLI, 1998, p. 21). Esses distanciamentos, operados e controlados, são decorrentes de uma racionalidade discriminativa que, para Maffesoli (1998), negam à existência sua constante participação mística que entra em sintonia quando em diálogo, entre o invisível e o visível, o material e o imaterial. Revela-se uma incapacidade de reconhecimento do potente vitalismo que movimenta toda vida social (MAFFESOLI, 1998), quando essa é inconstante, impermanente e age através de pulsos. Quando os pulsos são capturados por um caminho incerto, para Maffesoli, culminam em um saber raro:

[...] que, ao mesmo tempo, revela e oculta a própria coisa descrita por ele, um saber que encerra, para os espíritos finos, verdades múltiplas sob os arabescos das metáforas, um saber que deixa a cada um o cuidado de desvelar, isto é, de compreender por si mesmo e para si mesmo o que convém descobrir; um saber, de certa forma, iniciático (MAFFESOLI, 1998, p. 21).

A aproximação fenomenológica com o estudado, junto a uma contemplação ao que se revela, é a postura emergente na ciência, voltando para as coisas mesmas, uma compreensão *a*

*priori*. Quando não se assume essa postura, o que se tem à disposição do pesquisador, que parte da relação de domínio, é um horizonte de seres-em-si prontos a serem observados. Atualmente, sabe-se sobre as possíveis interferências que o observador tem sobre o observado e vice-versa: a) principalmente e mais perceptível nas ciências sociais e humanas, em que na presença de um observador, as condições do observado alteram, mesmo que minimamente; b) pela fenomenologia da percepção, entende-se que “todo ponto de vista, é a vista de um ponto” e, mesmo observando o mesmo ponto, ele é diferente em diferentes tempos, justamente por outras variáveis que o alteram, como no jogo de luzes e sombras; c) também se compreende, a partir da fenomenologia merleau-pontyana, que o observador não está dissociado do observado; os dois se inter-relacionam e agem sobre si.

A partir de tais aspectos, se teria uma ciência heterogênea e diversificada diante das complexidades; porém, quando um observador/pesquisador se fecha às potências da vida, e não se desdobra nas possibilidades imagéticas, acaba por analisar e catalogar os fenômenos a partir de uma racionalização impeditiva. Para Maffesoli (1998), ao nomear aquilo que se apreende com intensa precisão, acaba-se “por matar aquilo que é nomeado” (p. 47); entretanto, não se deve negar as categorias de análise, mas conferir-lhes maiores abrangências, possibilitando-lhes um maior campo de ação.

Outros pesquisadores, a partir dessa categorização explicativa e totalizante, constroem uma ciência hegemônica, homogênea e pouco criativa, pautada em uma crítica fragmentada e pouco próxima da realidade estudada. Desse modo, “o humano enrijeceu-se, na medida em que enrijecia o mundo com o exercício da homogeneização e da análise conceitual e formalizante” (MARIN, 2006, p. 278). Quando homogeneizado e fragmentado, o pesquisador enfatiza apenas uma realidade, quando, na verdade, existem realidades amputando “uma parte, essencial, de si mesmo, a da criação, a da dimensão imagética” (MAFFESOLI, 1998, p. 42).

Assim, é preciso restaurar nosso olhar para a sacralidade da vida no reconhecimento de conexões biocósmicas, em uma educação estética que possibilite a integração dos processos vitais frente a nossos sentidos; em uma ciência na qual o(a) pesquisador(a) se abra às possibilidades, esteja mais encarnado(a), atento(a) “ao sensível, à criação natural, e que se empenhe, o mais possível, em evitar a separação.” (MAFFESOLI, 1998, p. 40-41).

## 2.1. Movimentos e Memórias

Separar requer atitudes isoladas e incoerentes frente à vida; já a junção parte de um movimento unificador e coerente às inter-relações dos sistemas ecológicos vivos, dos ecossistemas. A vida é expressa por movimentos cíclicos e pulsantes, como as ondas na praia. Na zona de inter-relação entre o mar e a praia, as ondas agem num constante fluxo de ir e vir. Independente da duração desses ciclos, os movimentos estão sempre presentes, sejam esses em durações extensas como o do sistema solar, das estações, dos dias, das placas tectônicas, ou curtos, como no desabrochar das flores, na respiração, nas transformações das lagartas, nas gotas d'água da chuva que caem até o solo. Se estendido para os seres humanos, o movimento é o alicerce da saúde, uma consonância estruturada por *biofeedbacks* com o ambiente, a partir de circuitos fisiológicos. Assim, o movimento tem papel fundamental no desenvolvimento humano, nos aspectos cognitivos, justamente, porque, segundo Merleau-Ponty (1974, p. 283) “o ‘lado perceptivo’ e o ‘lado motor’ do comportamento se comunicam.”

Muitas são as consequências que o ser humano carrega no processo histórico da Revolução Industrial, principalmente referentes ao trabalho e ao movimento. O artesão transformado em operário perde o controle da produção e da totalidade, e acaba por executar funções traduzidas pela “subordinação a uma racionalidade operativa preestabelecida” (DUARTE JR., 2000, p. 108), elaborada por outrem. Houve uma repreensão criativa e sobretudo, existencial desses artesãos que não se viam mais conectados aos seus desejos e habilidades. Assim, os movimentos corporais também tiveram consequências que, de uma lógica individual à industrial, as diversidades dos movimentos foram substituídas por suas objetividades, quantidades e repetições.

Dois sistemas de produção em massa cooperaram para o desenvolvimento da produção na Revolução Industrial. O *fordismo* desenvolvido por Henry Ford, que implementava um sistema em que o operário executava apenas uma tarefa, fez com que esse artesão que tinha noção da totalidade de seu produto, a perdesse; e o *taylorismo*, denominação derivada de Frederick W. Taylor, que otimizou a produção em larga escala, a partir da diminuição dos movimentos corporais dos operários (DUARTE JR., 2000). Ambos os sistemas colaboraram para uma restrição e escassez de movimentos, contribuindo para o desenvolvimento de fadigas e neurastenia, exaustões físicas e morais que, segundo Ugarte (2004), tornaram-se epidemias, principalmente quando havia resistências a essas inovações.

Além desse marco histórico relativo à diminuição e à escassez de movimentos, destaco o fenômeno de *hiperconforto*<sup>28</sup> na atualidade, que, segundo Duarte Jr. (2000), contribui para anestésias dos seres humanos e uma deseducação corporal. A busca por facilidades proporcionadas pela tecnologia moderna faz com que muitas pessoas entrem em um estado de letargia e inação que “as faz considerar incômodos e excessivos os mínimos movimentos e exercícios corporais diários, os quais, inclusive, constituem uma fonte fundamental de saúde e bem-estar orgânico” (DUARTE JR., 2000, p. 112). Assim, o valor do conforto tornou-se nicho de mercado e, conseqüentemente, economicamente explorável.

Para Duarte Jr. (2000), esse fenômeno de procura e aquisição de tecnologias, serviços e aparelhos sofisticados que facilitem as atividades diárias da população, tem relação direta com a obesidade e a preguiça excessiva. Quando relacionado a atividades físicas, notam-se as crescentes ofertas televisivas de aparelhos vibratórios usados para fins corporais, na tentativa de se adquirir tônus muscular, ou mesmo, o uso demorado de esteiras elétricas que desconectam da experiência próxima com a cidade e os parques. Dessa forma, o mínimo esforço proporcionado pelas tecnologias que produzem *hiperconfortos* compõe a larga dimensão anestésica da humanidade que, ao invés de facilitar a vida humana, revela-se como “autênticos ‘inutensílios’” (DUARTE JR., 2000, p. 114). Entretanto, Duarte Jr. (2000) coloca que:

Não que devamos colocar de lado toda e qualquer inovação tecnológica que nos chegue para facilitar a vida, regredindo a um estágio pré-moderno com seus lampiões, carruagens e banhos na tina com sabões de sebo, mas uma percepção mais acurada e alguma reflexão adicional por certo são capazes de nos mostrar o quanto determinadas aquisições nossas podem nos tornar mais inermes e preguiçosos sem qualquer vantagem adicional [...] (DUARTE JR., 2000, p. 114).

Tanto o fenômeno de *hiperconforto* quanto as estratégias de produção industrial em massa, fizeram com que os movimentos se deslocassem das verdadeiras necessidades corporais essenciais à saúde, como atividades físicas afetivas, e das relações afetivo-motoras – este é um outro tipo de dissociação característica em nossa sociedade, pautada no afastamento do prazer com o movimento, em que o sentimento e a vontade de fazer algo não são contemplados pelo ato.

Esses fenômenos têm relação estreita com a experiência direta do patrimônio. As cidades, por exemplo, são, de alguma forma, esvaziadas pelas facilidades tecnológicas citadas. Tais facilidades, como exemplo “pedir comida pelo telefone”, ou “mandar uma mensagem ao

---

<sup>28</sup> Conceito criado por Regis de Moraes em sua obra *Estudos de filosofia da cultura* de 1992.

invés de se visitar”, modificam a movimentação dos indivíduos, portanto, ocorre uma diminuição da motricidade, essencial para o desenvolvimento cognitivo humano. Além disto, reduzindo os meios de relação estreita com o patrimônio e seu vínculo, mobiliza fortemente o sentimento de pertença nos territórios de moradia.

Diferentes são as relações e significados produzidos pelas experiências do patrimônio, quando este faz parte de um cotidiano, de tradições e costumes, ou quando não. A relação da experiência com o patrimônio pode ser facilmente observada a partir do exemplo de Meneses (2009), quando retoma um cartum publicado em uma revista francesa:

Nessa imagem, no interior hierático, solene e penumbroso de uma catedral gótica (Chartres), aparece uma velhinha encarquilhada, de joelhos diante do altar-mor, profundamente imersa em oração. Em torno dela, a contemplá-la interrogativamente, dispõe-se um magote de orientais, talvez japoneses. A presença de um guia francês nos permite considerar que se trata de turistas em visita à catedral. O guia toca os ombros da anciã e lhe diz: – “Minha senhora, a senhora está perturbando a visitação”. Eis um retrato impressionante da perversidade de certa noção de patrimônio cultural vigente entre nós (MENESES, 2009, p. 26).

De acordo com Meneses (2009), a relação da velhinha com a catedral e seus costumes é existencial, qualificada pelo sentido da ação, e para os turistas, a fruição é dada pela contemplação de um lugar de culto. Assim, para o autor, os turistas apreendem a cena através da visão e da audição, conduzidos pelo guia francês; já para a velhinha há um hábito, uma habitualidade, que “expressam bem essa noção de constância, continuidade. Trata-se, portanto, de uma relação de pertencimento – mecanismo nos processos de identidade que nos situa no espaço, assim como a memória nos situa no tempo: são as duas coordenadas que balizam nossa existência” (MENESES, 2009, p. 27). Esse hábito é apreendido por todos os sentidos a partir da situação vivida, e entrelaçado na identidade daquela senhora. Desse modo, evidenciam-se dois tipos de cuidados com o patrimônio, produzidos por dois movimentos no tempo e espaço, em decorrência de dois sentidos diferentes: um da moradia, outro da “passagem”.

Nas tensões geradas entre aproximações e afastamentos com o patrimônio, o que se enfatiza nesta discussão, são os vínculos possíveis, de “moradia”, mesmo quando em “passagem”, que podemos estabelecer com as pessoas e os lugares através de movimentos intencionados, despertando uma percepção sensível para com o patrimônio. De outra forma, são os sentidos produzidos a partir da experiência direta, que os valores internos alteraram.

Essa preocupação intensifica-se quando considerado que o patrimônio é substrato de memórias que, segundo Rouchou (2009), não está nos suportes convencionais materiais, e sim, no corpo; e de identidade que, para Toro (1991), é corporal e perpassa através de nosso

organismo. Segundo Pierre Nora (1993), as memórias não estão apenas em um lugar de memória (*lieux de mémoire*) – como em bibliotecas, arquivos, museus – mas também nos ambientes de memória (*milieux de mémoire*), ou seja, nos “repertórios orais e corporais” (MARTINS, 2003, p. 67).

Segundo Britto e Jacques (2008), a cidade e o corpo se inter-relacionam através da experiência urbana e, assim, o corpo expressa em sua corporalidade uma *corpografia urbana*<sup>29</sup>, ou seja, inscrições no corpo da memória urbana. Para as autoras, o registro da experiência na cidade é uma espécie de grafia urbana dada por relações vividas de seus habitantes, que “revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, [...] explicitando as micropráticas cotidianas do espaço vivido [...]” (BRITTO; JACQUES, 2008, p. 80).

Segundo Nascimento (2016), independente da ideia de que *corpografia* se enquadre no enfoque político, contribui para uma compreensão de sentir sensivelmente a cidade ao invés de apenas vê-la. O termo também introduz a um movimento unificador de consequências inter-relacionadas no corpo e na cidade pelas suas memórias, ou seja, a forma e onde se movimenta na cidade, expressam nos indivíduos diversos aspectos que são inscritos em seus corpos. Para Certeau *et al.* (1996, p. 199), os gestos são os arquivos da cidade e fazem dela “uma imensa memória em que prolifera a poética”. Se extrapolados da paisagem urbana, os gestos também poderiam ser arquivos de paisagens, nos quais a movimentação e o saber-fazer são reflexos e consequências das características do contexto local em que se está inserido. Assim, refletindo sobre a possibilidade da natureza ou mesmo de paisagens culturais inscreverem no corpo as memórias, seria interessante pensar em uma *corpografia ecológica*, em que biomas, ecossistemas e paisagens narram suas histórias e denunciam seus descasos pelos seus habitantes.

Outras formas de inscrição das memórias no corpo são estudadas pela psicossomática, a partir dos conceitos de corações estruturados por Wilhelm Reich. Nesse sentido, o corpo se torna uma espécie de registradora, capaz de armazenar dados sobre nossas vidas, atos e emoções. Para Toro (1991, p. 153), a “repressão crônica de emoções (afeto, hostilidade, desejo sexual, alegria, tristeza, etc.) criam corações musculares, rigidez motora, transtorno do movimento”, que servem como formas de proteção do meio. Os sete segmentos definidos por

---

<sup>29</sup> Segundo Nascimento (2016, p. 2), “a *corpografia* é um conceito elaborado por Paola Jacques e Fabiana Britto, por meio de Referências da Dança e da Arquitetura, [...] e se traduz num modo diferenciado de sentir a cidade por meio de intervenções e performances estéticas e artísticas que provocam, rechaçam, questionam a espetacularização das metrópoles contemporâneas.”

Reich são: ocular, oral, cervical, torácico, diafragma, abdominal e pélvico (MALUF, 2000). Para além desses segmentos, mas sob enfoque da psicossomática, Toro (1991) comenta que as culpas se registram na musculatura, trazendo como consequência rigidez no segmento dorsal; já a repressão sexual projeta-se na pélvis sob tensões crônicas musculares, trazendo consequências no ato de caminhar, que para o autor:

O caminhar é, em síntese, uma expressão existencial. É a expressão corporal de “ir pelo mundo”. Uma qualidade inerente ao ser humano é o caminhar e ser o caminho. A análise do caminhar revela profundos estados internos: esses passos através do fio abismal do destino podem mostrar o adiamento infinito de um projeto existencial jamais cumprido ou a triunfante qualidade de uma existência que avança sem pressa (TORO, 1991, p. 348)

Assim, alterando a expressão corporal pelo caminhar através de tensões musculares, têm-se outras formas de “ir para o mundo”. Por fim, essas tensões e rigidezes contribuem para a inibição e contenção dos potenciais da vida, como o movimento livre e criativo; por isso se fazem importantes movimentos físicos afetivos intencionados para a diluição dessas couraças caracterológicas.

A memória também pode agir sob forma de relevos no corpo. Diversas são as inscrições físicas da memória no corpo, a exemplo das rugas e outras marcas do tempo. Essas marcas são, sobretudo, registros de vida, de memórias acumuladas e expressas na pele. As memórias compartilhadas por seus narradores, sempre contêm seus objetivos, algo a se chegar, uma direção narrativa a seguir (MERLEAU-PONTY, 1974). Narrar memórias está estritamente ligado à intencionalidade, porque, para Merleau-Ponty (1974, p. 127), “não seria memória se o objeto que ela constrói não se prendesse ainda, por alguns fios intencionais, ao horizonte do passado vivido e a esse próprio passado tal como nós o reencontraríamos, enveredando nesses horizontes e reabrindo o tempo”. Na *Trilha da Vida*, as memórias são narradas continuamente através das conversas com a Dona Tereza Gilda Gervásio Bauer e o Sr. Valdir Bauer no grupo. Relatam sobre as mais diversas experiências com o bairro, de experiências vividas, de suas inquietações e alegrias. Na Roda de Diálogo, em uma experiência na *Trilha da Vida*, em 2017, uma participante conta da significância em ouvir experiências da Dona Tereza G. Gervásio Bauer (Figura 12):

Antes da troca de experiências voltamos a casa que citei no início, lá ficamos por algum tempo ouvindo a psicóloga Dona Tereza G. Gervásio Bauer contar seus projetos de Educação Ambiental, projetos esses que mudaram a vida de muitos moradores da região. Essa foi parte do meu dia incrível (L.M., 2016 em MATAREZI, 2017, p. 238).

Figura 12- Momento da conversa inicial na Trilha da Vida com Dona Tereza G. Gervásio Bauer que apresenta uma fotografia de sua família. O rosto de Dona Tereza, explicita um tipo de cartografia da vida, onde cada marca conta histórias de espaços e tempos entrelaçados, registrados no corpo.



Fonte: fotografia de Jéssica Werner, 2018.

Outros momentos que contribuem e enriquecem a experiência na *Trilha da Vida*, são as falas de Sr. Valdir Bauer. Na apresentação dos cinco princípios do Espaço Rural Clarear, assim como na preparação das refeições até as organizações posteriores da *Trilha*, Sr. Valdir Bauer (Figura 13) compartilha as experiências de sua vida, sempre em um tom aviso. Ensinos e visões de mundo são pontos aos quais se deve prestar atenção. São memórias que certamente aproximam, num primeiro momento, os participantes da experiência na *Trilha da Vida*, uma espécie de aquecimento e alongamento do porvir.

Figura 13- Sr. Valdir em frente à casa onde ocorrem as refeições da Trilha e usando uma touca higiênica, lugar que continuamente procura a Equipe *Trilha da Vida* para uma rápida conversa. Sempre atento aos Movimentos da experiência, circula cuidadosamente no Espaço, alinhando o tempo das refeições e, quando possível, fica para conversar sobre situações vividas, ou para contar uma de suas inúmeras piadas.



Fonte: fotografia retirada do Banco de Dados Trilha da Vida, 2018.

Segundo Esposito e Gonçalves (2015), as memórias de pessoas idosas devem ser valorizadas, pois, quando socializadas, trazem maneiras de pensar e agir de um outro tempo, desvendando os antepassados e as experiências vividas. Conforme Critelli (2013, p. 77), “a memória é um fato importante da existência humana”, pois nela se preserva a história. Entre o jogo de lembranças e esquecimentos, entre a Mnemosyne e Lesmosyne (respectivas deusas gregas), a existência humana é moldada por acontecimentos que se preservam ou não. Assim, a ordenação dos vestígios de um passado compartilhado, permite também suas releituras e modulações a partir das significações do presente; deste modo, do processo de lembrança “[..] fica o que significa [..] às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado (BOSI, 1987, p. 66). A narrativa, nesse contexto, “captura a personagem que temos sido, fomos e podemos ser. É a narrativa que descortina os fios de sentido que nos conduziram e motivaram e não os havíamos percebido ” (CRITELLI, 2013, p. 39).

As memórias têm relação direta com o tempo que, para Merleau-Ponty (1974), não se versa sobre uma sucessão de *agoras*. A contínua presença de presentes não é o que constitui o tempo, mas sim, além da presença do presente, uma presença do passado e uma presença do porvir” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 552). Existe, então, um “campo de presença” constituído por um presente, passado imediato, e um porvir próximo, e não pode ser mais representado “por uma série de *agoras* dos quais eu conservaria a imagem e que, postos lado a lado, formariam uma linha” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 558). Assim, Cardim (2007) explica que o presente se evidencia através de seus horizontes de passado e futuro, e deve ser representado por uma “rede temporal de diversas intencionalidades” (CARDIM, 2007, p. 135).

É pela intencionalidade que o tempo é subjetivo, pois o tempo está sempre associado a uma perspectiva de um sujeito perceptivo em um mundo. Essa é a crítica que Merleau-Ponty (1974) faz ao tempo objetivo, e justifica que ele não poderá ser uma sucessão de *agoras* e nunca deve estar desvinculado de um sujeito. Cardim (2007, p. 126) coloca que “o próprio tempo objetivo se constitui no tempo subjetivo, como na percepção, o objeto se constitui pela multiplicidade de perfis pelos quais ele aparece. ” Desta forma, como o tempo subjetivo é consequência de uma percepção, esta é uma perspectiva deste mundo. “O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 576).

Considerando que o mundo está em relação contínua com o sujeito perceptivo, e este é composto por seus pontos de vista, isso faz com que o tempo então seja indissociável de alguém que o perceba (CARDIM, 2007). O tempo nasce da relação de alguém com as coisas; não há acontecimento sem alguém a quem eles advenham, e do qual a perspectiva finita funda sua individualidade” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 551). A memória portanto, é resultado dessa relação indissociável do sujeito com o tempo, de sua subjetividade e individualidade. Enfim, o tempo, para Cardim (2007, p. 141), “instala o sujeito na realidade e forma a unidade e a significação de sua experiência. ”

Por formar a unidade de significação, que o tempo é para Merleau-Ponty (1974), o sentido de nossas vidas, proporcionado a partir de uma experiência vivida. As evocações das memórias, assim, são consequências dessa experiência no tempo subjetivo que, diversas vezes,

compartilha seus sentidos na “rede temporal” de sua vida. Na Roda de Diálogo<sup>30</sup>, um participante comenta sua experiência na antiga casa da família Gervásio e Bauer:

[...] exploramos a casa, e o que mais me emocionou, foi quando vi a cozinha, onde estava um fogão a lenha e ao lado um pilão antigo, não me contive, e a emoção falou mais alto, então as lágrimas marcaram meu rosto, que saudade eu sinto do senhor, me lembro chegando no sítio, e o senhor com aquele chapéu de palha me recebendo com o maior sorriso que já vi, com aquele abraço carinhoso (AS, 2016 em Matarezi, 2017, p. 238).

Segundo Bosi (2003), quando relembramos e evocamos o fluxo da memória, as memórias autobiográficas aparecem “como força subjetiva, ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 2003, p. 36). Para a autora, nossas lembranças evocadas por alguma situação que remete a familiares e pessoas próximas, aparecem em maior quantidade. Quando evocadas tais memórias, e essas fortemente associadas à identidade, temos uma outra postura para com a vida atual (BOSI, 1987).

No *Trilha*, Matarezi (2017) retrata a existência de uma relação de proximidade das experiências perceptivas com as memórias e identidades dos participantes. Em contexto performático, Lopes (2009) retrata a relação da memória com as mais diversas expressões de arte. Segundo a autora, o corpo é a morada das memórias, mas também de esquecimentos. Quando em performance, o corpo do *performer* torna-se uma espécie de “[...] trânsito de ideias e sentimentos, um lugar de subjetividades [...]” (LOPES, 2009, p. 137). Assim, para a autora, o *performer* pode ser invadido por sensações e pertencimentos, apreendidos da relação com seu mundo familiar, trazendo um caráter autobiográfico que se inscreve em sua corporeidade. Quando acionadas memórias, o *performer* movimenta-se diferente, “o prazer ou o infortúnio que as recordações pessoais provocam despertam emoções que vão impregnar de batimentos rítmicos os corpos, singularizando a sua expressão” (LOPES, 2009, p. 139).

Por isso, na *Trilha*, as experiências estéticas traçam encontros com questões pertinentes ao campo patrimonial (dimensões de memória e identidade), e associam-se a subjetividades e histórias de vida dos participantes, como retratadas nos Mapas Mentais (Figura 14).

---

<sup>30</sup> Última etapa da *Trilha da Vida* realizada após a expressão dos Mapas Mentais.

Figura 14- Mapas Mentais produzidos a partir de experiências de participantes na Trilha da Vida, que possivelmente contam memórias, identidades e histórias de vida dos participantes. À esquerda, um senhor observa atentamente os objetos e evoca lembranças, e à direita, um abraço de despedida e memórias de outros tempos na relação com o “filho”.



Fonte- Fotografias disponíveis no Banco de Dados da Trilha da Vida, e retiradas de Matarezi (2017).

Ao longo da experiência na *Trilha da Vida*, percebo que essas memórias são acionadas das mais diversas formas. Elas podem ser evocadas pelo olfato (odor), paladar (gosto), audição (som), ou mesmo por percepções mais refinadas, como pela cenestesia (sensação), cinestesia (movimento), sinestesia ou pela combinação de vários outros fatores. A sinestesia é quando a percepção é capturada por um sentido, como um ruído, e aparece a consciência não através da imagem do som, e sim, por uma outra imagem, como uma cor, um acontecimento. Nesses termos, ocorre um entrelaçamento de sentidos e significados. Merleau-Ponty (1974) aponta *anestesiamentos*, quando retrata a ausência da experiência sinestésica nos sujeitos, por um processo de *desaprendizagem* de sentir, ver e ouvir.

Em uma perspectiva fenomenológica, sabe-se que as memórias são frutos de uma experiência temporal do corpo próprio, este, indivisível de sua totalidade. Quando reflito a elucidação do quadro de evocações de memórias no contexto da *Trilha da Vida*, ou seja, descrevendo os processos de evocação a partir de determinadas ativações sensoriais e corporais, não desejo caminhar para o objetivismo, pensamento que conduz a problemáticas já apresentadas neste texto. No decorrer desses anos, como integrante da Equipe *Trilha da Vida*, percebo que essas “determinações” foram, sobretudo, narradas pelos participantes que, em suas falas, acabaram por delimitar sentidos e experiências perceptivas para socializarem na Roda de Diálogo. Ao mesmo tempo, não se descartam possíveis predominâncias e protagonismos de tais

sentidos nas evocações dessas memórias, pois elas são relativas ao tempo, e assim acabam sendo subjetivas a partir das perspectivas dos participantes. Entretanto, se um fenômeno só aparece a um dos sentidos, conforme Merleau-Ponty (1974) retrata, trata-se de um fenômeno fantasma, e é por isso que uso o termo protagonismo, pois independente da intersensorialidade e a comunicação desses sentidos, há um que se destaca, que provoca, e nos faz focar na experiência dele.

É importante colocar que a *Trilha da Vida* se apresenta em um contexto sensorial diferente do cotidiano; conseqüentemente, a relação com a percepção também se alterará. Nesse sentido, a obra de Merleau-Ponty (1974) auxilia na decomposição e descrição do quadro perceptivo da *Trilha da Vida*, principalmente a partir de suas discussões acerca do tema espaço. Merleau-Ponty (1974) critica a noção de espaço objetivo real e lógico que, para Cardim (2007, p. 82) “não é um meio real (relação de continente e conteúdo que só existe entre objetos), nem lógico (inclusão lógica), onde as coisas se disporiam. Se o espaço é anterior às suas partes, as quais são recortadas nele, é porque ele é o meio através do qual a própria percepção se torna possível”, ou seja, “o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 328).

Segundo o autor, a experiência do espaço requer orientação espacial que é balizada principalmente por uma experiência visual. A experiência visual nos possibilita estar em todos os lugares; assim, distâncias, grandezas, aparências são facilmente ancoradas em uma orientação do espaço, mas também fazem com que nos situemos em lugar algum. “Podemos, à primeira vista, gabar-nos de constituir o mundo, porque ela nos apresenta um espetáculo exposto a distância diante de nós, nos dá a ilusão de estarmos imediatamente presentes em todas as partes e de não estarmos situados em parte alguma” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 424).

Quando a orientação se altera em relação à perspectiva do sujeito perceptivo, haverá diferentes significações do objeto, ou mesmo do espaço. Se a experiência do espaço requer orientação espacial, retirá-la, possibilitaria outras espacialidades. Segundo Merleau-Ponty (1974, p. 377), “quando, por exemplo, o mundo dos objetos claros e articulados encontra-se abolido, nosso ser perceptivo, amputado de seu mundo, desenha uma espacialidade sem coisas. É isso que acontece à noite. Ela não é um objeto diante de mim, ela me envolve, penetra por todos os meus sentidos, sufoca minhas recordações, quase apaga minha identidade pessoal.” Analogicamente, a noite que Merleau-Ponty discursa e o uso de vendas na *Trilha* têm propriedades parecidas, pois o escuro proporcionado pela ausência de luz é predominante. A

iluminação é para a visão, aquilo que o movimento é para o corpo-próprio. De certa forma, permite e provoca um imaginário, que:

[...] sem profundidade, não corresponde aos nossos esforços para variar nossos pontos de vista, não se presta à nossa observação. Nunca temos poder sobre ele. Ao contrário, na percepção é a própria matéria que adquire sentido e forma. Se espero alguém à porta de uma casa, em uma rua mal iluminada, cada pessoa que transpõe a porta aparece um instante sob uma forma confusa” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 434).

A venda, como na noite, retira as grandezas, as formas aparentes, as aparências dos objetos e do caminho, desconstrói uma orientação espacial visual. A partir, de uma intersensorialidade na *Trilha*, o participante constrói um fundo perceptivo, um espaço constituído pela experiência sensorial, e constituinte à medida que reordena uma nova concepção de espaço fora de uma experiência visual. Para se movimentar em um espaço, é preciso uma relação visual e motora interligadas, constituintes principais da orientação espacial. Na *Trilha*, a ausência de visão acaba por não fixar pontos de ancoragem na orientação espacial, e esses são facilmente perdidos. A noção do espaço é lentamente constituída principalmente pela amplitude tátil e sonora que se esvaem no tempo, à medida que esse estímulo se encerra, ora pelo movimento, ora pelo fim do ruído. Tudo que constitui uma espacialidade sem a visão, necessita de uma transposição de sentidos, intersensorialidades e, sobretudo, intuições.

A visão é a principal referência de domínio do espaço; sendo assim, a sua ausência faz com que os participantes “se percam” em suas espacialidades. Possivelmente, a ausência da visão esteja relacionada ao contínuo uso da metáfora de “labirinto” (lugar em que se perde) pelos participantes da *Trilha*. Segundo Matarezi (2017, p. 70) a metáfora do labirinto “[...] se manifestou nas rodas de diálogo, mapas mentais e mapas simbólicos da maioria das vivências já realizadas até hoje, tornando-se comum essa analogia da Trilha da Vida ou do contexto da vivência como um labirinto – cujos mistérios e segredos se descobrem ao caminhar [...]”. No contexto da *Trilha*, existem, predominantemente, duas referências de ancoragem: o som do rio e a corda guia. Ambos são a matriz de segurança num escuro em que as possibilidades são múltiplas. O som do rio intermitente e a corda guia disponível são fundamentais para essa experiência nesse espaço vivido. Diversos são os Mapas Mentais produzidos que trazem a representação do rio, e a corda guia (Figura 15).

Figura 15- Mapas Mentais produzidos na Trilha da Vida que trazem como elemento a representação do rio e da corda guia.



Fonte- Fotografias disponíveis no Banco de Dados da Trilha da Vida, e retiradas de Matarazi (2017).

Dentro desse quadro perceptivo, quando um participante se aproxima de alguma miniatura, a ausência da visão não traça suas qualidades sensoriais a partir de suas aparências, permitindo adentrar em um campo fenomenal. Se reconhecida a miniatura pela sua função, se desenvolveria um arcabouço gestual que contemplaria tal função. Pensando a partir de uma antropologia dos objetos que Ingold (2012) estabelece, o uso de vendas possivelmente permite uma compreensão das miniaturas como ‘coisas’. Para o autor, se reconhecidas as ‘coisas’ pelas suas funções, ocorreria uma redução que tira seu princípio que dá sua ‘vida’. Dessa forma, se não é reconhecido a partir de sua função, o participante não busca um arcabouço gestual e adentra no fluxo da experiência perceptiva com a ‘coisa’, desenvolvendo gestos singulares e criativos para animá-la. Segundo Ingold (2012), quando seguimos os fluxos, compreendemos a vida e toda sua efervescência.

A experiência estética proporcionada pelo uso de vendas na *Trilha da Vida*, em contexto performático, permite aos seus participantes imergirem em inúmeras potências educativas. Entrelaçado aos contextos educacionais (ambiental, patrimonial e estético), a partir de movimentos dentro da abordagem, as memórias são acionadas, culminando em mobilizações da identidade e aproximações com histórias de vida, além dos aspectos e situações que circundam a vida de cada um. Ter acesso a um campo fenomenal nos abre para as possibilidades da vida, e permite ressignificações perceptivas frente aos objetos, a natureza, e a si mesmo. E dessa forma, desperta compreensões que resultam em um olhar ético para com o contexto ambiental e patrimonial, e suas pertinências.

### 3. Experiência Estética na *Trilha da Vida*

Ser pesquisador é ser viajante em oceano  
sem bússola que indique direções.  
É ser distraído e alerta no mundo;  
é ser capaz de tropeçar em obstáculos  
e ter coragem de se levantar.  
Pesquisar é ser capaz de apreender o imprevisito  
porque dele nascem  
os insights criativos e dinâmicos.

Alvino Moser (1992, p. 224)

A grande maioria das pesquisas e trabalhos realizados acerca da abordagem teórico-metodológica “Trilha da Vida: (Re)Descobrimo a Natureza com os Sentidos” debatem questões teóricas e epistemológicas, principalmente referentes à educação ambiental e estética. Na dissertação de Matarezi (2017) há uma primeira aproximação com o campo patrimonial. Em outras pesquisas, as discussões construídas baseiam-se no encontro de duas disciplinas, campos da ciência, ou mesmo, conceitos, como esta pesquisa que também objetiva a discussão de aproximações fenomenológicas à *Trilha da Vida*.

A exemplo dessas outras pesquisas, Hansel (2011) discutiu encontros metodológicos e conceituais da Arteterapia com a *Trilha*, e Schmidt (2003) trabalha com o conceito de ambientes de aprendizagem e verifica, através de suas discussões, se a *Trilha* poderia ser considerada como tal. Em todas as pesquisas, há uma investigação documental no Banco de Dados da *Trilha da Vida* e revisão dos trabalhos já realizados, resgatando princípios, falas, teorias e descrições que descrevem a *Trilha da Vida* como abordagem teórico-metodológica. Entretanto, apenas Schmidt (2003) utiliza a coleta de dados para uma descrição mais profunda e focada em apenas uma experiência na *Trilha*. Isso não significa que se tem resultados mais apurados ou mais precisos, dados pela presencialidade nas experiências, já que todos os que desenvolveram suas pesquisas na área, participam ou participaram da Equipe *Trilha da Vida* e possuem anos de experiência, como Matarezi (2017), criador da abordagem teórico-metodológica, que presencia as experiências em sua totalidade, com proximidade e rigor junto à Equipe *Trilha da Vida*. Em sua dissertação, Matarezi (2017) revela, em um período de mais de 18 anos de *Trilha*, Mapas Mentais, falas na Roda de Diálogo, descrições de Redes Semânticas e Mapas Simbólicos e fotografias que contam sua trajetória e marcam processos identitários da abordagem. A

complexidade do período amostral disponível no Banco de Dados da *Trilha*, é atendida por sua intensa proximidade com a *Trilha da Vida*; por isso, têm-se descrições que demarcam bem suas histórias de vida e encontros com a educação ambiental, educação estética e patrimonial.

Sob enfoque da pesquisa que realizou a coleta de dados, Schmidt (2003) busca evidências da possibilidade de como e por que a *Trilha da Vida* aproxima-se do conceito de ambientes de aprendizagem, a partir da análise de uma experiência na *Trilha*, pelas contribuições dos sujeitos de pesquisa, incluindo os professores da Escola Estadual Dom Jaime, em Florianópolis. Schmidt (2003) verificou a ocorrência de falas dentro de cinco categorias-chave elencadas a partir dos referenciais teóricos utilizados. As cinco categorias (autonomia, emergência, interatividade, cooperação e mudança) traziam indícios que possibilitam a consideração da *Trilha* como um ambiente de aprendizagem.

Inúmeros são os pontos do contexto de pesquisa que se distanciam desta; assim, destacarei os pertinentes para uma diferenciação contextual. A primeira diferença contextual demarcada ocorre devido a localização da *Trilha*. Antes de se mudar, em 2011, para o Espaço Rural Clarear (localizado no bairro da Limeira, zona rural de Camboriú/SC), a *Trilha da Vida* situava-se, desde a sua criação, como instalação de Arte&Ciência no Parque Natura das Pedras Vivas (PNPV) em Florianópolis-SC. Segundo Matarezi (2017):

Situa-se nesse território [**Florianópolis**] o Parque Natural das Pedras Vivas (PNPV), uma propriedade particular, que funciona na prática como uma Reserva Particular de Patrimônio Natural, embora não o seja de lei. Com mais de cento e cinquenta anos, a propriedade é conhecida como “Estaleiro da Barra do Sul”, pois ali atracavam os barcos para serem reparados. O local contém elementos do patrimônio histórico e arquitetônico imersos num fragmento relativamente conservado de Mata Atlântica, com nascente e riacho adjacentes ao mar abrigado da porção interna do sul da Ilha de Santa Catarina (MATAREZI, 2017, p. 130, grifo acrescentado pelo autor).

O Parque continha fatores determinantes para a implementação da *Trilha*: a) “ser um ambiente natural e cultural representativo da Floresta Atlântica, com nascentes ou riacho”; b) “ter qualidade e cuidados ambientais de conservação; c) ter espaços diferenciados com elementos característicos da cultura e história local” (no caso, o engenho de farinha e açúcar); e d) “ter ou permitir a implantação de trilhas com certo isolamento visual natural, criando dois ambientes: um externo, de convívio do grupo (coletividade), e outro interno, para a experiência de olhos vendados (individual)”. (MATAREZI, 2017, p. 130-131). Assim, Schmidt (2003) desenvolve sua pesquisa em outro local, imbuído por outros contextos locais registrados pelo e no espaço, como na presença dos engenhos de farinha e açúcar, em vez da casa histórica da família Gervásio e Bauer.

O segundo fator de diferenciação contextual é o lugar de fala e o ano em que foi realizada. A dissertação de Schmidt (2003) foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação na PUC/SP em 2003; enquanto que esta pesquisa, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação de Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE, finalizada em 2019. As discussões realizadas durante o Mestrado Interdisciplinar em Patrimônio Cultural e Sociedade, tem aportes diversos de diferentes disciplinas para o desenvolvimento de ideias e narrativas para a pesquisa, assim como no Programa de Pós-Graduação em Educação na PUC/SP, nas discussões pertinentes do curso. As contribuições teóricas infligem diretamente e diferentemente em ambas as pesquisas na escolha do repertório conceitual e nos sujeitos de pesquisa envolvidos (no caso da dissertação de Schmidt (2003), ela convidou os professores e a coordenadora da Escola Estadual Dom Jaime para a experiência na *Trilha*). Além disso, é importante frisar que o ano em que foi realizada esta pesquisa, apresentava outro contexto político, diferentes incentivos à pesquisa e à ciência, e toda complexidade que é envolvida na dinâmica socioambiental.

Outra questão é o referencial teórico disponível da *Trilha da Vida*: a dissertação de Matarezi concluída em 2017. Dessa forma, o ano de realização de ambas as pesquisas demarcam diferenças dos principais referenciais teóricos acionados, e assim, se desdobram em inúmeros conceitos e teorias que enriquecem a abordagem teórico-metodológica.

Há um terceiro e último fator que devo destacar, pois marca a principal diferença entre coletas e pesquisas: a experiência. Ao mesmo tempo que é um marco diferencial, é também influenciada pelos outros pontos colocados neste texto. A experiência é única, independente de quem a vivencia e quando a vivencia (BONDÍA, 2002). Assim, em qualquer coleta de dados haverá diferentes percepções, assinaladas tanto pelos contextos (espaço, lugar de fala, repertório conceitual, ano etc.), quanto pelos sujeitos participantes. A experiência estética nesta instalação de Arte&Ciência é entendida pela possibilidade de experimentação dos próprios sentidos, por meio de uma instalação que provoca, pela educação estética, vivências do corpo-próprio com potente caráter autoformativo (crítico, emancipatório e transformador). Segundo Lago (2011, p. 108 *apud* MATAREZI, 2017, p. 330):

[...] a experiência estética promove a autoformação, na medida em que possibilita a experiência profunda de si, de quem a realiza, na relação consigo, com o outro e com o mundo. Acontece dessa forma, por pressupor uma certa abertura e receptividade de novas ideias, de novas possibilidades. [...] Contudo, é importante destacar que plenitude da experiência estética como autoformação, somente é possível de ser atingida no jogo intersubjetivo que ocorre com o viger do outro. É na experiência que fazemos com a obra, mas também que fazemos entre nós que pode se efetivar a

formação como autoformação, na sua mais alta acepção. Por isso, tematizamos a experiência estética desde o encontro entre os homens, com forma de evidenciar seu alcance formativo.

Devido a experiência estética apresentar características autoformativas, ela é alvo de projetos, propostas, abordagens e vivências na educação ambiental, patrimonial e estética. Segundo Lago e Vani (2015), a experiência estética possivelmente possibilita a configuração/reconfiguração dos valores humanos, e a formação/reformação ética dos sujeitos, já que estes são incompletos e inacabados, e estão em processo aberto. Para os autores, é importante repensar o papel da arte nos contextos formativos, “na medida da emergência da esteticização do mundo da vida, do cotidiano das ações humanas” (LAGO; VANI, 2015, p. 462). As pesquisas sobre a *Trilha*, traçam apontamentos para este novo *ethos* civilizatório, em ruptura do paradigma anestesiador da “crise estética” (LAGO; VANI, 2015).

A experiência estética, na *Trilha da Vida*, ocorre em sua totalidade, desde os “Movimentos da Vivência” até os “Movimentos seguintes à Vivência” (MATAREZI, 2017, p. 234). Há um recorte amostral nesta pesquisa, que se dedica à descrição e análise dos Movimentos da Vivência, expressos desde a acolhida até a despedida do Espaço Rural Clarear, excluindo etapas como produção de narrativas, Rede Semântica e Mapas Simbólicos. Esse recorte foi efetuado a partir do imbricamento do problema de pesquisa ao objetivo do estudo, ou seja, descobrir quais as contribuições da *Trilha da Vida* para uma redescoberta de si, manifestadas pelas evidências de transformação das pessoas, a partir dos fenômenos de percepção do corpo e fenômenos da memória, escolhidos via história e interesse como pesquisador, e suas relevâncias científicas.

Contudo, há uma singularidade nesta pesquisa: a substituição de uma das etapas posteriores à caminhada às cegas, na trilha, que também é fruto de experiências individuais originadas em outros espaços/tempos e contextos<sup>31</sup>. A alteração de uma etapa metodológica é sustentada por um princípio da *Trilha*, no que se refere a experimentos educacionais. Segundo Matarezi (2017, p. 49):

Para evitar a confusão de experiência com experimento. O termo “experimentos educacionais”, [...] é entendido e aplicado à metodologia Trilha da Vida mais no sentido de “experiência” dado por Bondía (2002). É importante esclarecer que ambos os termos assumem sentido similar embora haja distinção e confusões aos seus significados e usos. [...] E o que se pretende com a Trilha da Vida não é esse tipo de

---

<sup>31</sup> A alteração foi baseada em uma vivência na Maratona de *Biodanza* que realizei em 2016, em Santa Maria/RS com o padre e artista Dorli Signor, conforme melhor ilustrado na Figura 4.

experimento científico, mas sim experiências inter e transdisciplinares singulares, únicas, impossíveis de seres replicadas embora possam ser compartilhadas.

O termo experimento não é utilizado aqui no sentido laboratorial de execução de testes, mas sim, de uma nova possibilidade experiencial, desencadeadora de autodescobertas e refinamentos/adaptações da abordagem. Nesse sentido, foi alterada a etapa de elaboração dos Mapas Mentais referentes à expressão estética da experiência de olhos vendados, para o manuseio e expressão em argila. Quais seriam, então, as contribuições geradas a partir dessa alteração metodológica, quanto ao uso da argila como expressão da experiência na abordagem? Antes de discutir possíveis potenciais e perdas, é necessário contextualizar minimamente a argila e seus usos.

A argila que se utiliza para esculturas, por exemplo, é resultado da união entre dois elementos: minerais específicos e água. Em sua estrutura, nota-se a presença de microfibras profundamente entrelaçadas, que garantem sua flexibilidade e rigidez<sup>32</sup>. Por sua singularidade estrutural, a argila é utilizada de diversas formas, desde casas às esculturas, em um extenso processo histórico da humanidade. O filme “Do Pó da Terra” (2016) de Maurício Nahas, traz as relações afetivas dos moradores e artesãos do Vale de Jequitinhonha com o barro, marcando processos de pertencimento e conseqüentemente, identidade. O artesão Amaury Aparecido Ferreira Silva, na região de Minas Novas/MG expressa poeticamente sua proximidade com o barro, apontando para inter-relações do sujeito com a argila, e *feedbacks* da argila para o sujeito:

Esse aqui *pra* mim é muito mais que o simples contato com a matéria, é uma coisa muito mais além, sabe?! O barro tem muita energia, quando se entra em contato com essa matéria aqui, é... *tá* conectando com o universo. O ser humano hoje da capital mexe com o papel, computador, e nós mexemos com barro, entendeu?! Nós guardamos esse conhecimento milenar *né*?! [...] O lance da água, a questão com a água, é quando você põe a água no barro, todo ser vivo, de microrganismo, de microalgas que estão ali, ela desperta. Começa a fazer contato com a gente através dos poros. [...] Esse é o contato com a matéria, na hora que você põe a água, o barro parece que fica vivo, você *tá* recebendo energia e *tá* passando energia, entendeu?! No pedacinho do barro que se pegue (DO PÓ, 2016).

Para o artesão, o contato com a argila revela conexões biocósmicas, ou seja, do sujeito com o universo. Essa conexão é reflexo de uma ancestralidade, um “conhecimento milenar” adquirido. A argila, ainda para o artesão, é uma matéria/energia viva: em contato com ela, entra-se em comunicação através dos poros do corpo. De fato, o ato de mexer na argila é um conhecimento expresso pelos gestos. Há indícios de que, no período Neolítico (10.000 a.C.), já

---

<sup>32</sup> Há um documentário chamado “As Formas do Invisível: Argila”, que ilustra o que é citado no texto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gJTaYyxnQR4>.

se usava a argila para a construção de casas, um considerável avanço tecnológico para a época (NAVARRO, 2006); por conseguinte, diversos usos estreitaram a relação do barro com o patrimônio. Vasos indígenas, bonecas de Jequitinhonha, grandes construções (cidade de Bam no Irã e cidade de Djénné na África), e inúmeras outras expressões que se utilizam, ou utilizavam do barro como matéria-prima principal. No Japão, país de muita tradição cerâmica, Pellegrini (2005) relata o costume de famílias de ceramistas armazenarem argilas por anos, passando-as entre gerações.

Há um certo gesto muito antigo na relação com o barro, uma corporeidade em movimento, atravessada por populações, por suas culturas e tradições. Esse gesto, ou mesmo o “amassar do barro” e dar sua forma que envolve o corpo todo, é uma performance histórica que deve ser considerada nesta pesquisa, uma espécie de comunicação de memórias gestuais e do barro, pois este apresenta, em sua configuração, registros de usos armazenados ao longo de um processo histórico. Para Pellegrini (2005, p. 27), “ao se deixar ser levado pela brincadeira do barro, é como se algo nascesse nas próprias mãos, numa mistura de sentimentos e emoções que, acredito, não são somente pessoais mas se ligam à humanidade como um todo.” Além desta comunhão com a humanidade, há também uma interiorização que a argila proporciona”. Segundo a autora, mexer na argila e se expressar por ela possibilita o contato do indivíduo consigo mesmo, um processo de individuação.

A argila remete a uma região onde a consciência do indivíduo se liga ao inconsciente da argila (PELLEGRINI, 2005). Assim, o ato de mexer na argila para a autora, retrata uma experiência tátil corpórea deflagradora de processos imaginativos e criativos. À medida que a argila se transforma, transforma também o sujeito que a opera. A argila, quando utilizada para expressões estéticas, e essas, quando priorizam diálogos com a matéria, resulta em mobilizações de identidades e memórias. Ou seja, o sujeito que constrói sua narrativa gestual com a argila, prioriza um diálogo com a matéria, que segundo Pellegrini (2005, p. 39) na “argila não se impõe, se propõe”, permitindo deflagrar tais processos. O uso da argila na abordagem e suas experiências sensoriais possíveis, enquadra-se em propostas de educação estética das quais os indivíduos, a partir da experiência do corpo-próprio, configuram suas emoções na argila pelo diálogo sensível com o elemento. Outro ponto é que o Mapa Mental exige um raciocínio, uma elaboração logo após vivido. Já a argila, pelo convite dialógico, permite permanecer na sensibilidade, não elaborando ou significando o vivido. Trata-se, então, de uma continuidade sensível da trilha de olhos vendados.

Inúmeras são as contribuições que o uso da argila possibilita à abordagem relativa à expressão de si; entretanto, tal alteração poderia resultar em prejuízos. Três questões foram originadas antes e durante a coleta piloto de dados<sup>33</sup> desta pesquisa. A primeira referente ao estranhamento, em que os sujeitos participantes poderiam, por algum motivo, rejeitar o manuseio da argila. Desde um musicista que estava presente, que possuía unhas grandes para lhe servir de palhetas nas cordas do violão, ou por outra pessoa que poderia ter cargas emocionais não positivas relativamente ao manuseio da argila; então, era necessário viabilizar formas de compreender as particularidades. Por esse motivo, antes da orientação, foi perguntado aos participantes se estavam de acordo e se estava *tudo bem* em mexer na argila, respeitando assim, suas individualidades. Caso alguém não desejasse mexer na argila, tínhamos disponíveis materiais para a elaboração de Mapas Mentais.

Durante a coleta piloto, tínhamos disponíveis também palitos com cerca de 30 cm para servir como possibilidade aos participantes de conferir maiores detalhes a argilas. Ao final do dia, alguns participantes achataram a argila. Como era desejada uma experiência tátil com a argila para permitir um contato expressivo e próximo a ela, retiramos os palitos, já que eles os afastavam da matéria-prima. Outro ponto foi quanto à quantidade de argila disponibilizada por participante. Na coleta piloto, foram disponibilizados 40 kg de argila para cerca de 40 participantes, ou seja, 1 kg por participante. Quando disponibilizada de forma livre, notou-se que a maioria dos participantes pegava um punhado de argila, talvez um quarto do desejado. Nesse experimento, era orientado que os participantes primeiramente amassassem a argila, retirando-lhe o ar presente. Amassar a argila requer o uso do corpo como um todo, permitindo experiências autoperceptivas de peso e força; desse modo, não era esperado o manuseio com apenas uma mão, ou com os dedos. Assim, para a coleta principal de dados, foram propostos usos de 1 a 2 kg de argila por participante. Enfim, de modo geral, a alteração na metodologia culminou em maior disponibilização de tempo e organização da Equipe *Trilha da Vida*, devido ao peso das argilas e aos rastros delas por todo o Espaço Rural Clarear, diferente se comparado a papéis e canetinhas, além de maior tempo para a realização dessa etapa pelos participantes.

Diante das alterações propostas, do problema, dos sujeitos e objeto da pesquisa citados, a metodologia escolhida para coleta de dados é a observação participante, fotografias, capturas áudio e vídeos realizados pela pesquisador e membros da Equipe *Trilha da Vida*, que registram

---

<sup>33</sup> Coleta piloto realizada a fim de aprimorar o procedimento metodológico acerca da Roda de Diálogo e da etapa referente ao manuseio da argila.

as experiências para compor o Banco de Dados Trilha da Vida. Assim, a pesquisa parte de metodologias qualitativas para o entendimento dos fenômenos de percepção das experiências vividas na *Trilha da Vida*. O método de observação participante, no contexto da *Trilha*, permitiu que não me separasse dos processos e das etapas da *Trilha da Vida*, participando diretamente das experiências vividas, das emoções e subjetividades. Compondo a Equipe *Trilha da Vida*, minha função principal foi de orientador da expressão na argila e mediador da Roda de Diálogo. Até a orientação da expressão na argila, momento em que investi inteiramente meu foco, utilizei da ferramenta de Diário de Campo para sistematização e organização das observações, registrando gestos, conversas e expressões que comporiam o contexto geral da *Trilha*, além da descrição da cena experienciada. A cena fenomenológica é um método proposto por Detoni e Paulo (2000), desenvolvido a partir de uma leitura crítica da história do teatro e da fenomenologia, na qual se descreve a ação dos sujeitos e o conjunto de significados articulados.

A observação participante aproxima-se do registro da cena fenomenológica, refletindo o modo de *olhar* do pesquisador para a cena contextual, dos espaços/tempos vividos, já que estava presente na realização das atividades, percebendo situações vividas e, sobretudo, a cena como um todo (DENTONI; PAULO, 2000). Entretanto, sabe-se que ainda há fenômenos que não são apreendidos por minha perspectiva, ou seja, ela “não recolhe o todo do vivido” (DETONI; PAULO, 2000, p. 145). Isso porque um observador nunca captura a totalidade do horizonte e dos objetos, por se limitar a sua perspectiva. Além disso, a *Trilha* tem etapas simultâneas e não podem ser apreendidas por uma pessoa; assim, meu horizonte perceptivo não contempla a totalidade de experiências de todos os sujeitos da pesquisa. Nesta pesquisa, o método não é abordado pensando constituir uma hermenêutica da cena fenomenológica; apenas proponho, predominantemente, descrições, constituinte do solo perceptivo dos sujeitos participantes da pesquisa que compartilharam sua experiência na Roda de Diálogo. Na Roda de Diálogo, sob perspectiva da cena fenomenológica, o pesquisador destina-se à descrição detalhada de outros modos de expressão além da fala, como os gestos e olhares. Segundo Detoni e Paulo (2000, p. 146):

As falas dos sujeitos articulam significados nunca pontuais e estritamente subjetivos. Se agem como comunicação do compreendido, acompanham-se de gestos e olhares que só se completam nos outros. Se expressão um momento de reflexão do experienciado, atualizam todos os sentidos que contribuíram para que aquela fala falasse.

A cena fenomenológica complementa a hermenêutica quando o entendimento de sujeito é permeado pela linguagem que, segundo Westphal (2012, p. 60) é a intermediadora entre o

sujeito, a vida e o mundo. Para o autor, “A cultura se constrói na percepção da natureza por meio da linguagem. Aos seres do mundo são dados um nome e um valor que passam a ter existência e significado para os seres humanos. Os sujeitos interiorizam os significados do contexto cultural ” (WESTPHAL, 2012, p. 60). Com isso, a linguagem é permeada por dimensões culturais e expressas pela sintetização de uma perspectiva do mundo e sua percepção. Dessa forma, quando o sujeito compartilha suas percepções pela linguagem, sintetiza e une coisa percebida e a explicitação do percebido, trazendo a complexidade relacional entre signo/significado/significante no contexto cultural (BICUDO, 2000). Assim, quando expõe suas percepções, a simples descrição já solicita uma interpretação hermenêutica, ou seja, “toda linguagem precisa ser interpretada” (WESTPHAL, 2012, p. 60). Logo, a descrição das experiências vividas na presente pesquisa, não faria sentido sem a relação direta com a linguagem, pois a análise dos fenômenos de percepção do corpo e fenômenos da memória são decorrentes da Roda de Diálogo, daí a aproximação hermenêutica, pois toda linguagem interpreta o percebido.

Entre uma fenomenologia descritiva e hermenêutica, Bicudo (2000, p. 80) explica que “na fenomenologia estrutural, o campo que reflete a experiência é tido como o mais importante para desnudar o pré-reflexivo. Para a fenomenologia/hermenêutica, o mais importante é o campo da expressão linguística. ” A linguagem é intermediadora em ambos os casos. Mas quando se opta pela descrição do campo perceptivo e das falas, o texto sempre espera uma interpretação, não a tradução dos signos, mas uma hermenêutica (BICUDO, 2000). Segundo Bicudo (2000), a interrogação da pesquisa é a maior importância para a hermenêutica, que serve como corda guia para a análise respectiva; assim, foca-se nas investigações de percepção de corpo e memória e se essas influenciam nas possíveis transformações dos sujeitos.

Entretanto, para esta pesquisa revela-se uma complexidade, quando a hermenêutica se volta aos sujeitos das falas pela interpretação, já que eles não são o foco da pesquisa, e sim os fenômenos de percepção da *Trilha da Vida*, objeto de estudo. Porém, para uma interpretação das possíveis evidências de **transformações** das pessoas pelos fenômenos de percepção, é necessário interpretar um *antes* do fim da experiência, o caminho percebido por esses participantes, porque os fenômenos de percepção são influenciados pelos contextos anteriores desses sujeitos, e assim, seus campos perceptivos também se alteram. Desse modo, optou-se apresentar não só os fenômenos de percepção expressos na Roda de Diálogo, mas possíveis evidências de transformação e a descrição de toda experiência vivida.

O método de análise e interpretação de dados utilizados nesta pesquisa parte dos procedimentos elaborados por Joel Martins, que trabalha com essa abordagem desde a década de 1980, explicitadas por Bicudo (também contribuinte do método) em sua obra “*Fenomenologia: confrontos e avanços*”, de 2000. Em resumo, a metodologia é representada pelas etapas seguintes: a) descrição das falas pela interrogação da pesquisa<sup>34</sup>; b) seleção das unidades de significado sem análise; c) explicitação das unidades significativas, a fim de esclarecimentos das falas, obtendo unidades de significação mais “claras”; d) elaboração da análise ideográfica, retratada individualmente; e) investigação dos invariantes entre as análises; e f) das categorias abertas, essas, mais abrangentes.

Merleau-Ponty (1974), em seus estudos fenomenológicos, assinala que a percepção só acontece porque existe um corpo-próprio, sendo esse o constituinte essencial para a percepção. Esta pesquisa volta-se a um quadro perceptivo compreendido dentro dessa dimensão (do corpo-próprio), estrutura fundante da percepção. Assim, as análises partem da compreensão do desmembramento do quadro perceptivo, em que corpo e memória se localizam. Na relação *coisa percebida/percepção/explicitação do percebido*, a hermenêutica, nesta pesquisa, destina-se para a compreensão das evidências dos fenômenos citados, já que sua estrutura radical foi descrita e explicitada por Merleau-Ponty (1974), ou seja, compreender como acontecem os fenômenos de percepção do corpo, e como operam os fenômenos da memória. Como a memória é decorrente das experiências perceptivas do corpo próprio, ela não é entendida como produto puro de uma percepção. Os sujeitos são atravessados por memórias compreendidas no corpo, e essas não são simplesmente passíveis de serem percebidas ou não. Nesse sentido, entende-se que a memória se evidencia não por sua operação perceptiva, mas sim, pelo seu atravessamento no corpo. Enfim, a memória não se resume apenas em perceber, mas está relacionada pelo brotamento, evocação, ativação, dispositivo, suscitação que são consequências das histórias de vida.

Após transcrita a Roda de Diálogo, as falas que cruzavam e entrelaçavam os fenômenos de percepção de corpo e fenômenos da memória foram selecionadas, tendo como perspectiva a metodologia proposta por Bicudo (2000). Quanto à percepção de corpo, todas falas que continham dimensões sensíveis e sensoriais e descreviam processos de situação espaço-

---

<sup>34</sup> Visando um maior dinamismo na apresentação dos dados, não será descrita e apresentadas todas as falas de todos os participantes relativas as percepções de corpo e sobre memória, pelo caráter aberto da orientação da Roda de Diálogo, nem todos expressaram tais dimensões.

temporal foram selecionadas, quando interpeladas pelos fenômenos da memória, identificados por falas que evocaram lembranças e memórias, independente da forma como se evidenciariam junto às suas relações com tempo/espço e identidade. A partir disso, foram destacadas as unidades de significado do texto que fizeram sentido para o pesquisador pelas possíveis significações (BICUDO, 2000). Em seguida, foi realizada uma análise ideográfica a partir de cada unidade de significado, individualmente, visibilizando a ideologia que permeia a descrição e seus sentidos. Com a análise, são verificados os invariantes entre as análises, para categorias mais amplas, ou seja, do individual para o geral, evidenciando os entrelaçamentos dos fenômenos de percepção de corpo e fenômenos da memória.

Moser<sup>35</sup> (1992) ressalta que os autores fenomenológicos devem propor e não impor seus métodos de coleta e análise. Para o autor, as pesquisas que se utilizam desses métodos fenomenológicos não precisam seguir à risca as etapas metodológicas, mas devem ter como base suas leituras e respectivas compreensões. Isso porque, se a pesquisa se restringir, e se enformar ao método escolhido, é provável que se enrijeça e pouco contribua para avanços compreensivos na ciência, pois “o que mais atrasa a ciência é a tirania metodológica” (MOSER, 1992, p. 224) e sua falta de abertura sensível e intuitiva. Dessa maneira, frente aos questionamentos de Moser (1992) e a proposta metodológica de Bicudo (2000), o método escolhido serve como chave de interpretação, e caminho balizador na análise da Roda de Diálogo que, por vezes, transita nas cenas fenomenológicas de Detoni e Paulo (2000) para melhor descrição do vivido. Com maior liberdade metodológica, utilizo descrições das falas dos participantes, tanto em sua totalidade, quanto a partir de seus recortes, para melhor compreensão dos fenômenos. Assim, visando à clareza da apresentação dos dados pelos métodos propostos, a apresentação é dividida em duas partes: a primeira, uma descrição de minha perspectiva da cena fenomenológica do dia anterior e o dia da experiência; e a segunda, a hermenêutica a partir dos focos desta pesquisa.

---

<sup>35</sup> Alvin Moser possui doutorado em Ética concluído em 1973, mestrado em Epistemologia e a graduação em Filosofia pela Université Catholique de Louvain na Bélgica. Dedicou-se aos seus estudos ao campo da filosofia, com ênfase em Epistemologia e Filosofia das Ciências.

### 3.1. O dia anterior

Toda percepção é estruturada por um fundo, da relação figura-fundo (a figura é referente ao percebido). Todas as experiências na *Trilha* têm seu “antes”: preparações e cuidados. A descrição do vivido percebido faz sentido se esse “antes”, o fundo perceptivo, é narrado em detalhes, pois isso é fundamental na sustentação das experiências perceptivas. Então, anterior à descrição do dia da experiência do grupo na *Trilha*, pretendo, neste texto, legitimar as pré-preparações da Equipe com o Espaço, e os cuidados do Espaço para com a Equipe.

No dia anterior da experiência da *Trilha*, fui até o Espaço Rural Clarear, verificar a preparação do espaço, com dois integrantes da Equipe *Trilha da Vida*: Letícia Zorzi Rama e Daniel Pertile. Saímos no meio da tarde de Balneário Camboriú/SC, a caminho do Espaço, que se situava cerca de 45 minutos do ponto de encontro. Esse é um procedimento habitual de toda Equipe: ir para o Espaço, conferir se está tudo de acordo e preparar/limpar a trilha. No caminho, percebemos que teríamos boa luminosidade para trabalhar, já que, na trilha, situada em um ambiente rural no meio da floresta, não há fontes de luz. Logo após estacionar no Espaço, pego minha câmera e registro o “portal de flores” (Figura 16), lugar que atrai a todos pela sua extrema beleza, convidando para uma foto final do grupo. Nem sempre o portal está florido desta maneira, destacando-se do fundo. Em outros momentos, não há nem flores, fazendo com que o portal se mistura com o cenário por detrás.

Figura 16- Portal de flores no Espaço Rural Clarear.



Fonte- fotografia do autor.

Letícia e Daniel ao chegarem no espaço, pegam a chave com Sr. Valdir Bauer e vão para o depósito onde se encontram os materiais da *Trilha*. Ao caminhar para o depósito, percebi a quantidade de frutas disponíveis no pé de laranja kinkan (Figura 17) que fica ao lado da pequena sala onde Letícia e Daniel começavam a trabalhar. O interessante dessa pequena laranja, é que muitos não a conhecem. Sua casca é doce, e seu interior, ácido. Gosto de comê-la por inteiro, misturando seus sabores em minha boca. Muitos participantes na *Trilha*, durante

a caminhada intencional até a trilha de olhos vendados, param nessa laranjeira para conhecer o

Figura 17- Laranjas kinkan em contraste com o céu azul.



Fonte- fotografia do autor.

região antecipam o desfrute da família.

Nessa hora, percebi Letícia e Daniel saindo em direção à trilha, com outro carrinho de mão carregado de miniaturas e materiais para manutenção. Corri para alcançá-los. Devido ao curto tempo no Espaço, ambos já tinham se organizado de tal forma, que mal pude acompanhar esse momento de escolha das miniaturas e as “conversas de depósito”. Esse trajeto, trilha e depósito, foi realizado inúmeras vezes durante esse dia, devido à quantidade e grandeza desses materiais. No caminho, as sombras esticadas por detrás de seus corpos misturavam-se com as das árvores, e a luz adiante, ainda muito forte, indicava o caminho a ser percorrido (Figura 18).

fruto. Faz parte da *Trilha* parar, conhecer e saborear o que há.

Enquanto comia algumas laranjas desse pé, via o Sr. Valdir Bauer arrastando um carrinho de mão em minha direção. Quando chegou perto, outra surpresa, trazia consigo pencas de cachos de banana figo, que até então não as conhecia, e nunca as tinha percebido no Espaço. Ele comenta que retira os cachos de banana um pouco antes de ficarem maduros, pois os passarinhos da

Figura 18- A caminho para os cuidados na trilha.



Fonte- fotografia do autor.

Quando chegamos na trilha acompanhada pelo rio, após alguns minutos de caminhada, Letícia verifica a estrutura das instalações, sua limpeza e a presença de insetos. As aranhas aproveitam o tempo entre experiências na *Trilha*, para fazerem suas casas, seus ninhos. Em uma caminhada de olhos vendados, é necessário que o ambiente não tenha surpresas como essas, garantindo segurança e conforto para quem caminha. Daniel pegou as miniaturas mais pesadas

e começou a colocá-las na trilha. Isso soa engraçado, já que a palavra miniatura lembra algo que é pequeno; mas, de fato, há miniaturas tão pesadas que qualquer ajuda é bem-vinda. Coloquei-me à disposição para ajudar, “limpando” os caminhos que seriam percorridos. Nesses caminhos, há algumas coisas a serem retiradas, que também apresentam relação com a segurança dos participantes. Outras são retiradas para evitar o estranhamento de quem caminha, como as frutas podres já em processo de decomposição. Retirando a mistura da terra e

Figura 19- O brilho enterrado na trilha.



Fonte- fotografia do autor.

composto, ora com as mãos, ora com gravetos, algo que estava enterrado, brilhou. No primeiro momento, tive certeza de que era um pedaço de vidro (Figura 19). E me perguntava como um pedaço de vidro vem parar no meio de uma floresta? Cavei lentamente os arredores desse objeto e retirei. Coloquei no meio da palma de minha mão e comecei a olhá-lo. Tratava-se de uma pedra lapidada, que por algum motivo parou ali, no meio da *Trilha*. Naquele momento, chamei Letícia e Daniel e lhes contei o ocorrido. Lembro que nos olhamos com um olhar de surpresa, e entendemos que esse era mais um dos mistérios, segredos, elementos que a *Trilha* continha. Depois, enterrei a pedra no mesmo lugar onde a encontrei, pensando na possibilidade de alguém caminhar por ali e encontrar essa pedra, tateá-la e guardá-la. Disse em voz baixa: “talvez essa pedra tenha uma função na *Trilha*”.

Após algum tempo, cuidando do resto do caminho, outra surpresa: uma flor nasceu ao lado da argola. A argola presente na corda guia é o sinal de que o participante deve investigar aquele espaço com maior atenção. Ali ao lado, uma flor nasceu (Figura 20). Sua fragilidade é sujeita tanto ao seu

fim, pelos comuns esbarrares dos participantes, quanto à sua percepção quando é descoberta.

composto, ora com as mãos, ora com gravetos, algo que estava enterrado, brilhou. No primeiro momento, tive certeza de que era um pedaço de vidro (Figura 19). E me perguntava como um pedaço de vidro vem parar no meio de uma floresta? Cavei lentamente os arredores desse objeto e retirei. Coloquei no meio da palma de minha mão e comecei a olhá-lo. Tratava-se de uma pedra lapidada, que por algum motivo parou ali, no meio da *Trilha*. Naquele momento,

chamei Letícia e Daniel e lhes contei o ocorrido. Lembro que nos olhamos com um olhar de surpresa, e entendemos que esse era mais um dos mistérios, segredos, elementos que a *Trilha* continha. Depois, enterrei a pedra no mesmo lugar onde a encontrei, pensando na possibilidade

de alguém caminhar por ali e encontrar essa pedra, tateá-la e guardá-la. Disse em voz baixa: “talvez essa pedra tenha uma função na *Trilha*”.

Após algum tempo, cuidando do resto do caminho, outra surpresa: uma flor nasceu ao lado da argola. A argola presente na corda guia é o sinal de que o participante deve investigar aquele espaço com maior atenção. Ali ao lado, uma flor nasceu (Figura 20). Sua fragilidade é sujeita tanto ao seu

fim, pelos comuns esbarrares dos participantes, quanto à sua percepção quando é descoberta.

Figura 20- A flor que nasce ao lado da argola.



Fonte- fotografia do autor.

Esses elementos que aparecem na trilha são possibilidades de descobertas, de *eurekas*! São também miniaturas, quando os participantes vivenciam o sentido da trilha, por ela mesma. Miniaturas que podem ser figuras, ou mesmo compor o fundo perceptivo. Depois de colocadas

Figura 21- Momento de amarrar os panos nas árvores.



Fonte- fotografia do autor.

as miniaturas e realizada a manutenção da trilha, Letícia e Daniel começavam a velar a trilha, amarrando os panos nas árvores, para garantir que a trilha não possa ser vista de fora (Figura 21). O véu mantém em segredo o que há por dentro. Os participantes tratam de desvelar sem ver. Assim, entre os véus e seus desvelamentos, entre a trilha e seus participantes, as relações de segredos, curiosidades e descobertas são sempre evidentes. Vendo o

jeito como amarravam os panos nas árvores, percebi a unicidade da *Trilha*. Ao longo desses anos, nunca amarraram os panos da mesma forma, nem colocaram as miniaturas nos mesmos e exatos lugares. Assim, quem vai montar a trilha, nesse dia anterior à experiência, tem função principal de configurar esse fundo perceptivo, que nunca é semelhante. Arranjando-se de outras infinitas formas, existiram diferentes fundos para que, na relação figura-fundo, algo seja percebido.

Após a trilha montada, o depósito cadeado e todo trabalho realizado, fomos ao encontro do Sr. Valdir Bauer para entregar a chave e agradecer-lhe pelo dia. Ao entrar na casa, Sr. Valdir Bauer logo oferece um café, que serviu de recompensa do feito naquele dia. Esse gesto evidencia cuidados que a família tem com a Equipe *Trilha da Vida*, dispondo sempre de muita atenção e escuta. No entardecer, saímos do Espaço; a luz não iluminava mais diretamente o chão, mas apenas a montanha por detrás da casa (Figura 22). O outro dia era aguardado.

Figura 22- A esq.: as bolachas e a caneca de café; e a direita: fim de tarde no Espaço Rural Clarear.



Fonte- fotografias do autor.

### 3.1. A experiência vivida

Saí muito cedo de Balneário Camboriú, igualmente ao dia anterior para dar carona a alguns membros da Equipe *Trilha da Vida* pois sempre chegamos no Espaço antes do grupo, para verificar materiais e processos que faltavam terminar. Chegar antes no Espaço também proporciona um certo tipo de aquecimento do dia, que ainda muito discreto pela baixa circulação de pessoas, me permite mergulhar mais fundo em minhas expectativas, anseios e nervosismo. A estrada de chão adentrando a zona rural de Camboriú para o Espaço, serve de uma infinita contemplação de uma manhã de frio, onde a calma do bairro requisita um despertar menos acelerado do que na cidade.

Cheguei junto com outros membros as 7:15. No caminho: os campos esverdeados, as plantações cobertas por uma fina camada de neblina logo acima, alguns animais dormindo repousados no molhado do sereno, e as conversas da Equipe dentro do carro. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Chegamos com o sol nascendo, aparecendo em meio às folhagens das árvores que cercam o terreno. Logo, vamos todos encontrar Dona Tereza G. Gervásio Bauer e Sr. Valdir Bauer para conversarmos sobre o dia, e os horários das refeições. E novamente, tomamos um café extraoficial, já que é servido novamente para todos os participantes (Figura 23).

Figura 23- À esq.: momento de chegada em que o sol aparece entre as copas das árvores; à direita: outro café, outros cuidados.



Fonte- fotografias do autor.

Enquanto caminho no Espaço, fico exercitando as orientações para expressão da argila. Fico ansioso em propor algo que escapa às rotinas da *Trilha*, que foge à objetividade. Ainda mais, por se tratar de uma matéria-prima que apresenta grande potência expressiva. Nesse caminhar, encontro a estátua de São Francisco de Assis, feita pelo padre e artista Dorli Signor ( Figura 24). Dorli foi o padre que me proporcionou a experiência com a argila em Santa Maria/RS, em 2017. Muitas maratonas vivenciais da *Biodanza* foram e são realizadas neste Espaço, e Dorli aproximou-se muito da família Gervásio e Bauer, presenteando-os com a obra. Fico um tempo parado em frente à obra, pensando sobre os desafios do dia.

Figura 24- São Francisco de Assis de Dorli Signor. Obra presenteada para a família Gervásio e Bauer.



Fonte- fotografia do autor.

Enquanto observo a obra, lembro que a admirei por muito tempo, desde 2012. Ela fica ao lado da casa onde é realizada a Roda de Diálogo, em meio aos vasos de plantas e flores. São Francisco de Assis é admirado por Dona Tereza G. Gervásio Bauer e Sr. Valir, e sua imagem se replica em outros cantos das casas no Espaço. Reflito sobre a sincronicidade dos acontecimentos: de 2012 a 2016, frequentei o espaço e sempre observava e contemplava a obra, sem saber o artista e o lugar de onde vinha; entrei na *Biodanza* em 2016, em grupos regulares; em 2017, fiz a maratona vivencial com Dorli Signor, com a argila; ao retornar ao espaço, em conversas com a Dona Tereza G. Gervásio Bauer, descobri que a obra que contemplava era presente de Dorli; e a mesma matéria-prima seria utilizada nesta pesquisa. Neste momento, confio nesse sincronismo e ouço o som do motor do ônibus perto do Espaço. Vou ao encontro dos participantes, que entram timidamente no terreno. Esse grupo era composto por estudantes da USFC, principalmente da disciplina Introdução à Engenharia Ambiental e Sanitária, a partir de uma solicitação do professor Leonardo Hoinaski.

Eduardo Fronza e prof. Leonardo Hoinaski estavam responsáveis para articular um grupo para vivência na Trilha. Eles chamaram participantes do curso de Eng. Ambiental e Sanitária da UFSC, mas abriram para outros participantes de outros cursos que tinham vontade de vivenciar a Trilha, e também para o coletivo NeAmb (Núcleo de Educação Ambiental). Confirmados, foram cerca de 50 pessoas, mas devido a compromissos individuais, reduziu o número de participantes para cerca de 30 pessoas. Dessa forma, percebo que dará mais tempo para perceber sutilezas que poderiam passar despercebidas, e toda a equipe acolher com maior conforto os participantes. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Aproximando-se do grupo, Matarezi dá as boas-vindas e agradece a presença de todos. Sr. Valdir Bauer rapidamente caminha em direção do grupo, e começa a apresentação do Espaço, seus princípios, e da relação entre o Espaço e o bairro. Os participantes se reúnem ao entorno do Sr. Valdir Bauer e escutam pacientemente os primeiros momentos da metodologia:

Momento inicial onde se pode ver que todos, de casacos pesados como de lã, se protegem do frio ainda cedo (Figura 25). Saíram de Floripa por volta das 6:30 da manhã, e enfrentaram o frio da capital. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Figura 25- Momento em que os participantes ouvem a apresentação dos princípios do Espaço Rural Clarear pelo Sr. Valdir Bauer.



Fonte- fotografia do autor.

Ao ouvirem seu Valdir na manhã de segunda, percebo a postura dos participantes: parados de pé, as mãos presas pelo bolso das calças, penduradas nas cinturas, ou mesmo presas pelo braço. O frio convida à contração do corpo, e o máximo de recolhimento. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Ao fim dessa conversa inicial, o grupo teve alguns minutos para guardar seus pertences, enquanto a etapa seguinte estava sendo preparada. Assim, depois de algum tempo, algumas pessoas retiram as mãos do bolso da calça, estendem suas palmas da mão em direção ao sol, na tentativa de se esquentarem um pouco. Esse movimento vai sendo incorporado por outros participantes e, em um movimento coletivo, começam a se alongar e fazer o exercício “Saudação ao Sol”, oriundo da prática de yoga (Figura 26).

Figura 26- À esq.: participantes esquentando suas mãos ao sol; à direita: saudação ao Sol e alongamentos em diferentes momentos.

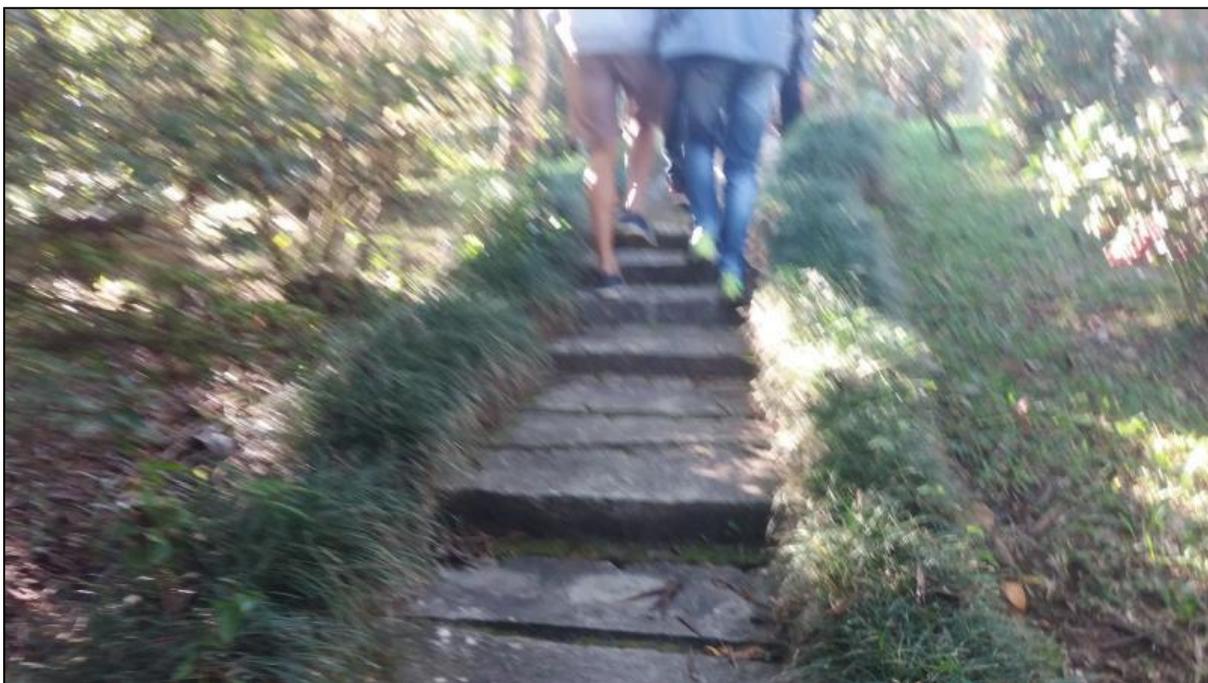


Fonte- fotografias do autor.

Geralmente, não vejo movimentos como esses nos grupos que experienciam a *Trilha*. A série de exercícios necessita de uma entrega, ritmo e intenção. Em seguida, recebemos um sinal de uma integrante da Equipe, indicando que a casa histórica estava pronta. Orientamos a todos guardarem suas mochilas, pois elas não seriam utilizadas no dia; e assim, iniciamos a pequena caminhada para a casa histórica.

Antes da subida para a casa histórica, os participantes guardaram as mochilas. As mochilas são muito comuns em um dia de campo. Nunca se sabe o que encontrar e todo qualquer tipo de preparo é necessário. Ao guardarem as mochilas, iniciamos a subida da escada de pedra para a antiga casa da família Gervásio e Bauer (Figura 27). Um dos primeiros movimentos mais intensos que exige coordenação motora e equilíbrio, devido à irregularidade das escadas. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Figura 27- Caminhada pela escada irregular em direção à casa histórica.



Fonte- fotografia do autor.

Subindo as escadas, percebo que a roda de conversa com a Dona Tereza G. Gervásio Bauer não estava dentro da casa como de costume, mas fora, em proveito da condição luminosa e agradável daquele dia. De pouco em pouco, os participantes chegam à roda, e sentam em almofadas, tapetes e bancos dispostos pela Equipe *Trilha da Vida*. Assim, me integro à roda, sentando em um banco de madeira, e começo a observar esse ambiente que me cerca. Observo as pessoas olhando para Dona Tereza G. Gervásio Bauer, e ela, a narrar majestosamente suas histórias (Figura 28).

Ao lado de extensos morros florestados, o Espaço Rural Clarear é rodeado pelo canto dos pássaros, que cantam durante a fala da Dona Tereza G. Gervásio Bauer ao apresentar o espaço. O forte vento fazia com que as folhas das árvores balançassem. [...] Ao balançar as copas das árvores, dependendo de onde estava, a luz do sol transitava em meu rosto. Esse vento para mim era muito importante; há muito tempo não entravam ondulações de grande tamanho na costa, e o vento era a certeza de um primeiro dia clássico de ondas, e o melhor até então do ano. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Figura 28- Roda de conversa com Dona Tereza G. Gervásio Bauer, que conta as histórias do bairro e de sua família.



Fonte- fotografia do autor.

A fala de Dona Tereza G. Gervásio Bauer é uma expressão de corpo inteiro. Sentada em uma cadeira, um pouco acima de todos os participantes, tem o cuidado de contar para todos suas histórias, olhando-os individualmente. Dona Tereza G. Gervásio Bauer gesticula com todo seu corpo sua narrativa, e me envolve a partir de seu ritmo, apontamentos e expressões, provocando minha imaginação e sensibilidade para cada assunto narrado. São assuntos que passam pelas memórias de sua família, de tensões sobre as decisões de morar em ambiente rural, das práticas do bairro, suas conexões religiosas e hábitos da comunidade local. Para cada

assunto, Dona Tereza G. Gervásio Bauer retira objetos de uma caixa, que poderia ser considerada um baú de memórias, e passa para os participantes verem os objetos de perto.

Ao apontar com as mãos e contar a história, como uma boa contadora de história – não por vocação -, Dona Tereza sentada na cadeira do bispo da antiga igreja, e protegida do sol pela sombra da casa indicava os lugares sobre os quais falava. Cada vez que ria das peculiares histórias contadas, todos esboçavam sorrisos ora tímidos, ora abertos. Os olhares a todo tempo, fora do convite de Dona Tereza, rodearam o espaço, a fim de descobrir ou contemplar “algum ponto de vista” a partir de cada sensibilidade. [...] A cada gesto, olhávamos para onde apontava, e cada giro, imagino como era viver com a antiga igreja, os vizinhos... A partir do gesto, a percepção do espaço, seus limites, usos e histórias, instigando o imaginário. [...] Algumas pessoas fixavam os olhos na grama, roupa, dedos. Algo que pensam, que se distraem, que imaginam, que mergulham? Não sei. Mas ao retornar para o tempo/espaço da narrativa, pegam carona na continuidade da fala. [...] Depois de 40 minutos “sentados no sol”, os casacos pesados de lã, e os cachecóis usados para proteger do frio no rosto, começam a ser tirados. Um aquecimento e maior liberdade de movimento. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Em seguida, Matarezi, sentado ao lado de Dona Tereza G. Gervásio Bauer, propõe uma caminhada no interior da casa em continuidade da metodologia. Entretanto, pede que a mesma não seja feita como um *tour*, quando passamos e não nos vinculamos aos detalhes, mas sim, caminhar a partir de uma relação de observação e descobertas. A casa contém mais detalhes do que é falado. São gavetas, mesas, cadeiras, escada, ferros de passar, camas, janelas que registram o passado em suas formas, e contam de seus usos.

À medida que Dona Tereza entra na casa, vai organizando-a cuidadosamente (Figura 29), prendendo portas, ajeitando quadros, abrindo portas para que as pessoas entrem, e, ao mesmo tempo, atende a perguntas dos participantes. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

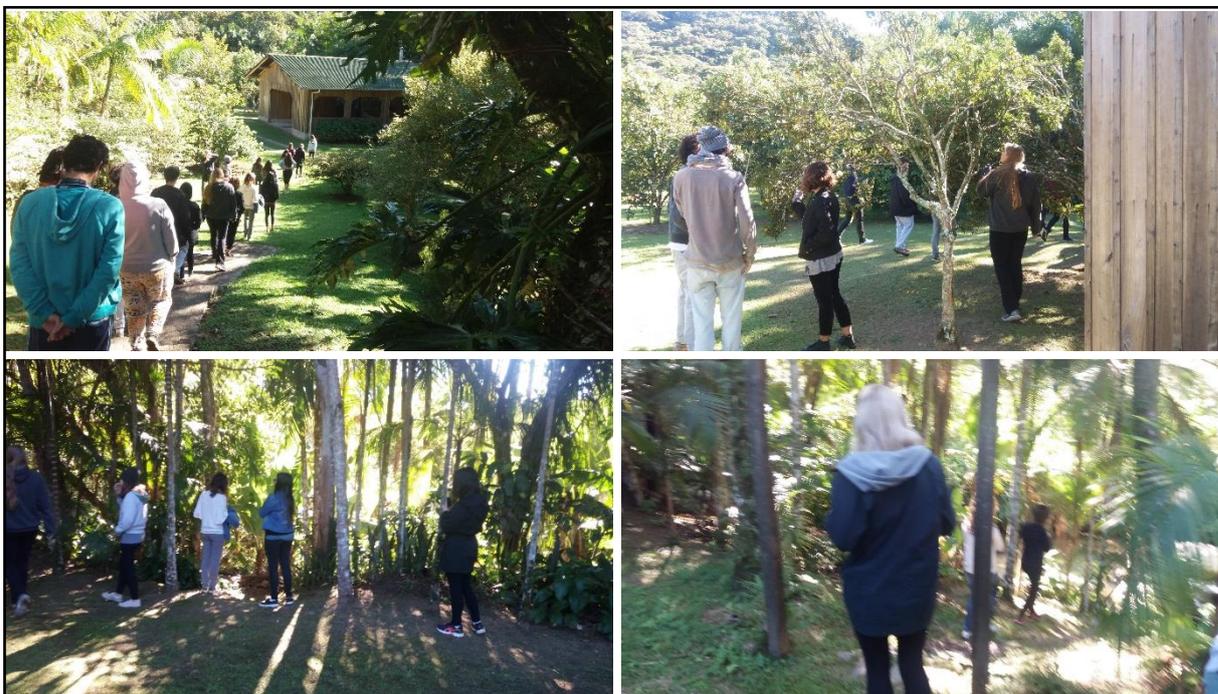
Figura 29- Dona Tereza G. Gervásio Bauer arruma os detalhes de sua casa com muito cuidado, antes de os participantes entrarem.



Fonte- fotografia do autor.

À medida que saem da casa, membros da Equipe *Trilha da Vida* convidam os participantes a olharem a estrutura de sustentação da casa. A sustentação se torna um atrativo quando se comenta que a casa está, por mais de 100 anos, sob pedras irregulares. Alguns próximos à casa, logo se abaixam; outros, se afastam para ter um campo de visão ampliado. Em seguida, os participantes são convidados a realizar uma caminhada de escuta-ativa intencionada para o espaço, que antecede a trilha de olhos vendados (Figura 30). Nesse caminho, os sons dos cantos das aves, do rio, das passadas, e do vento nas folhagens predominam. No meio do percurso, cruzamos com o pé de laranja kikan, e logo surgem perguntas: que fruta é essa? Dá para comer? Mais à frente, o rio paralelo ao caminho convida à curiosidade que, entre as folhas, alguns tentam olhá-lo. Outros, se aventuram e descem rumo ao rio.

Figura 30- No canto superior à esq.: início da caminhada intencionada; no canto sup. direito: participantes ao lado do pé de laranja kikan; no canto inf. esq.: alguns param para olhar o rio de cima no caminho; e no canto inf. direito: outros se aventuram para ver o rio de perto.



Fonte- fotografias do autor.

Chegando no espaço que antecede a trilha protegida com os panos, o grupo é orientado a fazer uma roda, para realizar dinâmicas corporais e orientações acerca da trilha, de olhos vendados.

Lê (Letícia) faz a dinâmica inicial, vendo a importância de se estar no momento presente, no sentido de prestar atenção no que sentimos e percebemos. Uma de suas propostas é flexionar os joelhos e articulá-los com o movimento do braço alternado. É preciso atenção ao movimento, devido seu *timing* específico. [...] Em seguida, Matarezi pergunta se já fizeram a *Trilha* e como fazem trilhas. Alguns participantes contam suas experiências em trilhas, na necessidade de compartilharem o que vivem. Um dos participantes coloca “eu sempre faço trilhas” e conta brevemente uma das suas incríveis experiências. Outra fala “eu faço descalça”, servindo como convite para o Mata (Matarezi) a propor para assim realizarem. [...] Quando Matarezi tira os calçados (Figura 31) e conta de quão gelado está o chão, todos riem, e se mexem, imagino que seja pelo desafio de um dia que ainda está esquentando. Ele pede para tirarem os calçados se quiserem, para uma “melhor” experiência, mas enfatizando aos que tiverem imunidade baixa ou que estão doentes, para cuidarem. Uma menina conta de está em processo de recuperação de um dedo quebrado, e que vai tirar os sapatos. Mas cuidadosamente o Matarezi pede para que um pé fique calçado e outro não, pensando na integridade da participante. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Figura 31- Momento de retirada dos calçados.



Fonte- fotografia do autor.

Quando Matarezi começa a orientação coletiva de como será a trilha, e conta do cabo-guia, uma menina coloca as mãos no coração e sorri. Ela já tinha feito a trilha no Ribeirão da Ilha em Florianópolis/SC. Esse gesto saudoso de lembrança é acompanhado de um sussurro para si mesmo, algo como: “eu já fiz”. [...] Matarezi ao orientar, comenta das possibilidades de caminhos da corda-guia, e da experimentação que poderemos fazer dela, articulando o corpo junto à altura da corda para maiores possibilidades de descobertas de percepção. [...] A cada momento, o Matarezi me olha na preocupação de faltar com alguma. A cada olhar, eu respondo com um gesto e um sorriso. Essa atenção do Matarezi é única no cuidado com a coleta de dados para o Mestrado, dada a tamanha importância desse meu momento com a Trilha. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Depois da orientação, Matarezi convida alguém para se candidatar como primeiro participante a experimentar a trilha de olhos vendados. Uma participante chega, ele a venda, e dá suas últimas orientações. Nesse momento, retorno o caminho percorrido, chegando ao espaço da etapa pertinente à minha função: da expressão na argila. Devido à função assumida, não pude ficar para presenciar as dinâmicas e movimentos entre participantes, antes da trilha. Retornando o caminho, eu e Jéssica Werner, responsável pelo abraço e acolhida, vemos a chegada dos participantes. Assim, à medida que chegam, são recebidos pelo abraço e seguem em minha direção. Consequentemente, não consigo mais escrever em meu Diário de Campo as observações pertinentes, devido à função metodológica na *Trilha*. Entretanto, consigo registrar rapidamente, fotografias que narram a experiência na argila (Figura 32).

Figura 32- No canto sup. esq.: a escolha do local de uma participante para a elaboração da expressão, cercada pela floresta; no canto sup. direito, e canto inf. esq.: momento de confecção da argila; e canto inf. direito: as mãos repletas de argila, logo após seu manuseio.



Fonte- fotografias do autor.

Nessa orientação, algumas questões eram primordiais para compreensão da etapa e acolhimento das individualidades: a) a noção de como está o participante; b) se alguma vez tinha mexido na argila, e se estava *tudo bem* em mexer; c) elucidação da argila como expressão do vivido; d) esclarecimento da possibilidade de criação do “diálogo com a argila”; e) e como se operam as possíveis texturas da argila. Tendo em vista esse roteiro, cada fala foi diferente em decorrência da disponibilidade de escuta e entrega na relação com os participantes, permitindo intuições, sensibilidades e, por vezes, recepções mais longas. A orientação para criação de diálogo com a argila, foi o momento em que mais investi tempo para a explicação. Foi orientado aos participantes que, antes de pensarem em algo para fazer na argila, que a amassassem para retirar as bolhas de ar e, nesse movimento, pudessem abrir-se para caminhos e possibilidades sensíveis com a argila.

Quando muitos terminaram a expressão na argila, o almoço foi servido. Porém, fiquei para acolher os últimos participantes que ainda estavam na trilha. Após algum tempo, e pela necessidade de se seguir a metodologia, convido os participantes que não terminaram a argila, irem finalizando suas expressões. Depois do almoço, todos os participantes se reúnem no

gramado para descansar da refeição (Figura 33), antes de se encaminharem para a Roda de Diálogo.

Figura 33- Momento de digestão da refeição e espera da Roda de Diálogo.



Fonte- fotografia do autor.

Este é um momento de tempo livre, durante o qual os participantes podem circular no espaço, exceto dentro da trilha que fizeram de olhos vendados. Aos poucos, um grupo de pessoas se reúne em um tapete que disponibilizamos no gramado em frente à casa. Passados alguns minutos, estavam todos os participantes ali, em pé, deitados, sentados, conversando, quietos, cochilando, e até alguns tocando instrumento de percussão. Após o descanso, um sino é tocado por um dos integrantes da Equipe *Trilha da Vida*, como convite para adentrarem o espaço da Roda de Diálogo.

Ao adentrar o espaço da Roda de Diálogo, uma roda com inúmeras almofadas e tapetes (Figura 34), os participantes voltam seus olhares a um pano central com todas as expressões nas argilas dispostas, colocadas ali pela Equipe, e falas animadas e curiosas tomam conta do ambiente como: “adivinha qual é o meu”, “onde está o meu”, “quanta coisa linda”. (HOFFMANN, Diário de Campo, 2018).

Figura 34- Início da Roda de Diálogo sob minha perspectiva dos participantes e suas expressões.



Fonte- fotografia do autor.

Quando todos sentaram, esclareci aos participantes que a Roda de Diálogo tem como função um compartilhamento de experiências. Pedi que contassem suas experiências com a *Trilha* como um todo, e com a argila. O diálogo iniciou-se e perdurou por cerca de 2 horas e 20 minutos. Tinha em mãos, algumas perguntas-chave desencadeadoras para questões que contemplam esta pesquisa. Quando terminados os relatos das experiências, percebi que as questões frente à percepção de corpo e memória já tinham sido abarcadas em suas falas. Entretanto, perguntei se tinham mais alguma coisa que queriam comentar sobre esses fenômenos. Terminado o compartilhamento, os participantes poderiam escolher três destinos para as suas expressões em argila. O primeiro, era ceder a expressão para a Equipe *Trilha da Vida*, para ser reciclada e reutilizada, já que a mesma poderia ter cumprido sua função de expressão. O segundo era levar a expressão para casa, da forma que estava; porém, essa não passaria pelo processo de queima, e não viraria rocha. A terceira opção era que os participantes poderiam levar suas produções artísticas, e que, através de meu contato, instruí-los-ia para a queima das expressões. Cerca de 26 participantes, dos 30 presentes, optaram em reciclar suas expressões, entendendo a argila como parte integrante de um processo sensível da *Trilha*. Os outros participantes optaram por levar as expressões e não queimar. Assim, finalizada a Roda

de Diálogo, realizamos uma pequena dinâmica de grupo divertida, e nos despedimos dos participantes que seguiriam viagem até Florianópolis/SC.

### **3.2. Os fenômenos: corpo e memória**

Diante do método hermenêutico proposto por Bicudo (2000), foram identificadas inúmeras falas acerca dos temas corpo e memória associados a eventos de transformação das pessoas, seja por ressignificações de suas vidas ou mobilização das identidades. Como o convite da Roda de Diálogo foi para expressar o vivido sob enfoque da trilha de olhos vendados, a maioria dos participantes explicitaram os estímulos sensoriais descritivamente, ou seja, daquilo que sentiram frente ao estímulo e à identificação da miniatura.

Assumindo um compromisso ético e estético com a *Trilha*, nos relatos descritos e interpretados, são preservados no que se refere à identificação das miniaturas, e sua composição na linha do tempo, dentro da trilha. Entretanto, alguns relatos são apresentados em sua totalidade, por conseguinte, algumas miniaturas são evidenciadas. Identificar essas miniaturas, nesses casos, serve para compor um quadro fenomenológico para a compreensão dos fenômenos, e não é foco da discussão. Quando alguma descrição contém uma miniatura na fala, essa é substituída pelo termo em itálico: *miniatura*.

Sabe-se que a descrição do estímulo e a sua identificação têm relação direta com cada participante. Os movimentos são resultado dos modos de mover-se de cada um, assim como as percepções relativas às perspectivas individuais, e às interpretações dessas originadas por suas histórias de vida. As linguagens são expressões que trazem a este arcabouço individual o subjetivo, mas, ao mesmo tempo, o objetivo. Então, na relação *coisa percebida/percepção/explicação do percebido*, a identidade é o substrato para tais individualidades. As expressões de si, das identidades, são perceptíveis em todas as falas após a análise da Roda de Diálogo. Quando a expressão da identidade é permeada por questões memoriais na Roda de Diálogo, as falas apresentam significados a partir das histórias de vida, das escolhas realizadas, das inquietações perceptivas, e de processos identitários que surgem a partir de uma experiência perceptiva do corpo próprio. Essas questões resultaram das análises ideográficas das falas que, de certa forma, conduzem para essas invariantes. Assim, onze falas foram selecionadas, tendo em vista o entrelaçamento da experiência do corpo e da memória, da qual se revelam as identidades. Das onze falas, duas tiveram maior carga emocional e afetiva,

com melhores descrições do vivido e, por conseguinte, significações. As outras adentram num campo sutil do compartilhamento, mas contêm elementos dos focos desta pesquisa. Primeiramente, são apresentados três recortes de falas que abordam as inter-relações citadas na experiência na *Trilha* (corpo/memória/identidade) e que representam a maioria das falas; por fim, as outras duas falas tratam, com qualidade, a intensidade do vivido. Assim, uma participante, F.A.<sup>36</sup>, durante o momento da Roda de Diálogo, relata<sup>37</sup> primeiramente como havia chegado na *Trilha*, diante suas inquietações e emoções:

Eu cheguei aqui hoje, bem para baixo. Eu estava muito triste, eu estava de óculos para esconder a minha cara de choro, porque eu estava esquecendo de quem eu era, eu estava sentindo que eu tinha me desprendido de quem eu costumava ser. E aí a trilha foi muito importante para mim nesse sentido. (F.A., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Algumas unidades significativas são identificadas nessa fala. A de que F.A. estava se sentindo mal, tentando se esconder por detrás dos óculos que usava quando chegou no Espaço Rural Clarear. O motivo conduz a processos identitários de não identificação de si, como F.A. relata, uma espécie de esquecimento ou desconexão. E que a *Trilha*, de alguma forma, contribuiu para uma mudança dessas questões. Em seguida, com as lágrimas em seu rosto, continua:

[...] para mim, foi isso, tudo que eu senti foi eu me redescobindo, lembrando de quem eu sou, lembrando de todas as sensações, de como eu reajo com o mundo e com tudo. (F.A., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Para F.A., as experiências sensoriais e sensíveis na *Trilha* contribuíram para uma redescoberta de si. A lembrança e o esquecimento são tensões naturais de nosso ser. Na medida em que se redescobre a partir de seus sentidos, do seu sentir, ela relembra quem era. A identidade se fortalece na medida da lembrança e, conseqüentemente, as “reações” com o mundo fazem sentido. A ação/reação no mundo tem estreita relação com o modo de ser. A identidade não está deslocada do mundo. Está situada no espaço/tempo do ser-no-mundo. Então, enquanto se descobre pelos sentidos, se redescobre em suas memórias, o que infere diretamente em sua identidade.

---

<sup>36</sup> Os nomes foram alterados e utilizadas outras iniciais garantindo sigilo, confidencialidade e anonimato aos sujeitos da pesquisa. No caso de Eduardo Fronza e do professor Leonardo Hoinaski, ambos já tinham realizado a *Trilha da Vida*, e integraram a Equipe no dia da experiência. Os outros citados, como Sr. Valdir Bauer e Dona Tereza G. G. Bauer, proprietários do Espaço Rural Clarear, não experienciaram a *Trilha*.

<sup>37</sup> Os relatos são preservados em suas originalidades. Mesmo que o escrito não faça muito sentido, ou não seja muito coerente, este não foi alterado. As pontuações foram inseridas pelo autor, para uma melhor compreensão da fala.

A participante L.B., descreve precisamente os fenômenos de evocação da memória a partir de sua experiência corpórea. Em uma fala animada, aponta em direção aos lugares a que se refere, e sorri durante sua fala:

Desde o momento que a gente estava lá em cima, antes de entrar na casa, estávamos naquela roda, eu comecei a reparar na natureza ao redor, e bem lá longe, eu vi que tinha uma flor. Era a única flor que eu conseguia ver. Ela era violeta púrpura, um lilás bem forte. *Daí*, naquele momento, eu já lembrei da minha avó que morreu há quatro anos e o apelido dela era “Lilá” porque ela gostava muito de roxo e lilás. E o nome dela era M., e combinava. *Daí* eu já lembrei da minha avó naquela hora e fiquei olhando *praquela* florzinha, achei muito linda. (L.B., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Importante frisar que a evocação da memória de sua avó, não ocorreu dentro da trilha de olhos vendados, mas sim, em uma das etapas da *Trilha da Vida*. Sentada, antes de Dona Tereza G. Gervásio Bauer compartilhar suas histórias, L.B. olhava para a natureza em seu redor. Olhando a única flor em seu campo visual, identifica sua cor e, a partir da categoria de cor dada, encontra uma semelhança fonética com o apelido de sua avó, que lhe foi dado diante de seu gosto por tal cor.

[...] *daí* no caminho de lá para cá (da trilha de olhos vendados para o abraço), eu olhei para o chão e de novo tinha uma pétala da flor violeta e *aí*, naquela hora, eu comecei a chorar bastante, me emocionei muito (L.B. com suas pernas próximas de seu dorso, abraça suas pernas e ao mesmo tempo mexe seu dedo do pé, esboçando sorrisos tímidos). E, inclusive, falei para a (colega) sobre isso. *Daí*, chegando aqui: argila, a minha vó era artesã e ela fazia argila, *daí* eu me emocionei muito. [...]. Agora, inclusive, acabou de entrar uma borboleta e, para mim, a minha vó se comunica comigo por borboletas, toda vez que eu preciso dela, aparecem borboletas; então, para mim, está sendo um momento de reconexão com a minha vó, fazia muito tempo que eu não sentia isso, e é isso. (L.B., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Depois de evocada a memória de sua avó a partir de uma flor, anterior a apresentação da casa antiga, L.B. ainda se depara com três situações que também lembravam sua avó. A primeira, foi no caminho realizado individualmente após a trilha de olhos vendados, até o momento do abraço. L.B. caminhava olhando para o chão e viu novamente a mesma flor. A segunda, foi no momento em que soube que iria se expressar pela argila, sabendo que sua avó era ceramista. A terceira, a partir da entrada de uma borboleta na Roda de Diálogo anterior a sua fala que, de acordo com L.B., sua avó se comunica com ela pelas borboletas. Seja pelo sincronismo dos fatos, ou pela abertura sensível proporcionada pela *Trilha*, a participante rememorou sua avó em tais momentos. Em todos os momentos, as evocações da memória não ocorreram na ausência da visão, mas sim, pelo protagonismo do sentido. Enfim, a participante conclui que rememorar sua avó foi um momento de “reconexão” com ela. O prefixo *re*, indica

algo que volta, que retorna. Rememorar é reconectar as memórias e isso, conseqüentemente mobiliza emoções. Antes, conectada pela presença de sua avó; agora, não mais. A dimensão simbólica experienciada pelo corpo, apreendida pela visão, acaba servindo como dispositivo de ativação da memória.

Após alguns compartilharem, E.W. inicia sua fala, já emocionada, comentando como era corajosa em sua infância. Enquanto compartilhava, enxugava seus olhos com uma de suas mãos, e inspirava fortemente com o nariz, como um sinal de emoção:

Eu comecei a trilha e eu não tive mais medo. Eu fui de olho fechado e fui sentindo tudo, eu peguei em tudo, eu fiz todos os sons, eu mexi em tudo que eu consegui sentir perto de mim. (E.W., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

A fala de E.W. revela três unidades significativas passíveis de análise: a) o medo do inesperado, anterior à trilha de olhos vendados é continuamente retratado por participantes na *Trilha*. O advérbio *mais* quando próximo de negação, exprime uma interrupção, no caso, do medo. No momento anterior da venda, E.W. tinha medo, mas quando entrou no espaço onde ocorreria a experiência às cegas, cessou tal emoção; b) a participante retrata que foi de olhos fechados, ou seja, existe uma opção mesmo com vendas, de se fechar ou não os olhos. A ausência da visão traz a perda do controle perceptivo, da noção das distâncias e do que há para vir. Muitos participantes na *Trilha* se arriscam a olhar por entre as frestas das vendas, desvelando o porvir, ou mesmo, ficam de olhos abertos, em estado de alerta para o desconhecido. Afirmar em grupo que realizou a trilha de olhos fechados, para E.W., poderia lhe fazer sentido, diante de tais possibilidades; c) a participante relata que sentiu tudo, diante sua exploração no escuro: sons e formas que estavam perto de si. O *tudo* é retratado a partir de sua individualidade. Há coisas fora desse *tudo* que não são sentidas pela participante, ou seja, ela só sentiu o *tudo* diante de si, e suas possibilidades. É importante colocar que algumas miniaturas podem produzir sons dentro da trilha, e é por isso que a participante explica a exploração dessas miniaturas e seus respectivos sons. Essas questões são, sobretudo, descrições que envolvem a emoção, no cessar do medo; as opções, em sua decisão de estar de olhos fechados; e a subjetividade, quando a exploração do espaço é relativa à sua motricidade. Na continuidade de sua fala, sua voz embarga e esboça choros interrompidos, à medida que se expressa metaforicamente acerca dos significados da *Trilha*:

Eu fui pensando porque é a trilha da vida, porque tem esse nome e porque foi tão forte para mim. E eu acho que é porque teve horas que eu gostei muito de sentir, me remeteu à infância. Teve horas que foi muito legal, mas também, teve horas que eu me soltei da trilha e eu estava perdida, ou que o fio estava muito alto e eu não consegui alcançar

(neste momento, a E.W. simula com o braço seu gesto de procura da corda-guia). E aí eu acho que é isso a vida, tem situações muito difíceis e tem coisas muito, muito boas também. E, no final, a gente não está sozinho, eu me senti acolhida, (gesticula com seus braços um movimento de abraço em si mesmo) eu me senti bem, depois que acabou. (E.W., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

A força que expressa refere-se a uma intensidade do vivido, abandonada pela visão, e entregue às outras formas de sentir. De alguma forma, as intensidades das experiências sensoriais remeteram-na à infância, e tais sensações ou emoções carregaram em sua fala, recordações perceptivas de seu passado. Porém, a experiência teve momentos de desconforto para a participante, quando a sua referência de matriz de segurança, a corda guia, foi perdida em seu alcance. Longe de sua segurança, a participante sentiu-se perdida pela ausência de uma orientação espacial tátil. Talvez, sentir-se perdida, também lhe remeteu a situações da vida, em que a dificuldade é predominante. Mas conclui que, independente das dificuldades de sua vida, percebe que não está sozinha. Pode ser que os acolhimentos posteriores da Equipe e suas próprias asserções relacionadas à sua vida, lhe trouxeram a percepção contrária, sentindo-se não mais sozinha ou perdida, mas acolhida a partir de suas experiências.

Outra participante, A.D., também retratou seus medos ao realizar a experiência de olhos vendados na trilha. A ausência da visão fez com que se sentisse perdida, e tal emoção foi semelhante a outros momentos em sua vida, evocando suas memórias. Para tais descrições, a participante comenta primeiro sobre o processo de expressão na argila:

Eu senti muita coisa hoje. Muita coisa passou pela minha cabeça (a participante coça seu queixo). Muita coisa já estava passando pela minha cabeça, desde esse ano, então eu nem sei como verbalizar tudo, eu vou começar mostrando minha escultura para vocês. (A.D., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

A participante se levanta e vai ao encontro de sua expressão que estava no meio da Roda de Diálogo. Prende seus cabelos por detrás da orelha e abaixa-se para pegar sua argila. Levanta, e ao retornar, reinicia sua fala:

Primeiro, quando ele falou que não precisava fazer nada especificamente (referente a expressão na argila), eu só comecei a modelar. Comecei a mexer, *daí* eu comecei a passar o dedo, e, no meio, eu fiz um buraco. Por isso eu queria pegar e mostrar para vocês (ainda em pé, em seu lugar na Roda de Diálogo, a participante abaixa sua expressão na argila, e gira para que todos possam ver). E eu não sabia por que, foi uma coisa totalmente aleatória. E em algum momento, eu tirei um pedacinho da argila e fiz uma bolinha e me conveio em botar dentro daquele buraco, não sei por que (Figura 35). E, na hora, não consegui entender por que eu fiz isso (ela retorna ao centro da roda e deixa sua expressão junto às outras, e se senta em seu lugar). (A.D., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Figura 35- Expressão na argila da participante A.D., que comenta suas significações.



Fonte- fotografia do autor.

Mas aí eu comecei a pensar em como eu me senti durante a trilha, como eu estava me sentindo durante todo esse tempo. E quando eu cheguei aqui, todo mundo começou a conversar, e uma das primeiras perguntas que eu me fiz foi “o que eu estou fazendo aqui?”. Mas não aqui nesse lugar, “o que eu estou fazendo na minha vida, nas minhas escolhas? Quais os meus medos, os meus receios?” E eu não achei resposta para isso; eu acho que é difícil a gente achar resposta para isso. Mas, durante a trilha, no começo da trilha, me perguntaram “*ah tu está bem? Tu está ansiosa?*”. E eu “não”, eu estou bem, *tipo* curiosa, com vontade de fazer aquilo. Mas aí, quando eu comecei, eu fiquei com muito medo. Não sei se alguém mais sentiu isso, todo mundo comentando que se sentiu *super* bem, com vontade de explorar e eu fiquei com muito medo, e *daí* eu percebi o quanto eu tenho medo de ficar sozinha. (A.D., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

A participante desacelera sua fala, e nesse momento, fecha os olhos fortemente, seu rosto fica avermelhado, olha para o lado, passa o dedo debaixo de seus olhos, e continua com a voz totalmente embargada de um choro acalentado pela mão de sua amiga que repousa em suas costas.

E, para mim, isso é muito importante, porque eu perdi meu pai, não faz muito tempo. Então, ficar sozinha me assusta e eu associei muito isso àquele buraco, depois, eu pensei, “eu me sinto presa num buraco, eu me sinto sozinha, perdida”. Então, durante todo o processo, eu achei legal sentir, me sentir em contato com as coisas e perceber “estou assustada, mas está tudo bem, está tudo bem”, as pessoas passam por isso *né*. A gente perde as coisas e a gente ganha outras (aos poucos, sua voz adquire outro ritmo, e volta a se expressar como antes). E, parte da minha relação com o meio ambiente é, também, por causa do meu pai. Ele sempre se envolveu muito com isso e eu quis continuar a ajudar o meio ambiente, a lutar pela causa dele também. E quando eu estou em contato com a natureza eu me sinto em contato com ele. Então, aquele momento, cada toque, tudo assim, era ele me dizendo “oi”, e dizendo “tu não estás sozinha, sabe? Eu estou aqui o tempo todo”. E, quando eu cheguei no fim, eu senti as mãos, foi isso que eu pensei. Eu pensei: “não é só o meu pai e a natureza *né?* Tem

alguém aqui”. Foi muito bom para mim, aquela mão ali. Eu senti vontade de abraçar, porque eu estava me sentindo tão sozinha e o abraço foi “*tu* não está sozinha! (A participante coloca suas mãos na barriga, indicando um abraço). Tem gente olhando para *ti*, tem gente se importando contigo, tem gente lutando pelas mesmas causas que tu. Tem gente que vai te ouvir e que vai te dizer os problemas delas também”. E, nossa, para mim foi muito importante aquele momento ali, e eu tenho passado muito por essa fase de, como eu tenho me sentido muito sozinha eu sinto muita culpa também pelas coisas que acontecem. Às vezes, são coisas que não são culpa minha, mas eu me sinto muito responsável pelos outros, pelas dores dos outros. E aí, no fim, em frente à *miniatura* falaram: “agora *tu* pode tirar a venda”. E aí eu olhei para mim, eu pensei “é, está na hora de olhar para ti mesmo né, está na hora de tu olhares para ti e te ajudar, porque antes de eu ajudar os outros, eu tenho que me ajudar”. E foi essa a reflexão daquele momento com a *miniatura*, foi “essa é tu e está tudo bem, se olha, se sente, se descobre, pensa porque eu me sinto tão bem assim, no meio ambiente, porque eu tenho tanto medo de ficar sozinha”. Enfim, foi isso que significou para mim, e *daí*, quando eu fui caminhando e, depois, tinha uma pessoa no fim daquela trilha e aí eu olhei para ela e a primeira coisa que ela fez foi abrir os braços para mim e me abraçar, e dizer “como é que foi? Como que tu estás te sentindo?” E eu estava tão nervosa, que eu só falei: “bem” (a participante e o grupo riem). Mas, depois eu fiquei refletindo “por que eu disse isso? Eu estou me sentindo aqui, é assim que eu estou me sentindo, eu estou me sentindo presente e eu estou me sentindo eu” (ao falar isso, bate no chão a cada palavra, indicando o “aqui”). Era isso que faltava eu sentir, faltava eu sentir que eu não estou sozinha. Mas quando eu estou, tudo bem, porque eu tenho a mim, eu tenho as minhas ideias. Enfim, tudo isso por causa do buraco na argila, e é isso. (A.D., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Como pesquisador, e também sujeito da pesquisa, entendo que minha perspectiva e ação/reação no mundo são originadas a partir de minha história de vida. Assim, meu olhar para o vivido, não só é limitado pela perspectiva, mas pelos meus preconceitos resultantes de situações vividas. Assim, há assuntos que me tocam mais, outros menos. Essa fala de A.D., foi a que mais me mobilizou emocionalmente. Via suas mãos mexerem no zíper de seu casaco para cima e para baixo lentamente. À medida que se expressava, notava seu corpo se movimentando de uma forma que parecia conduzir para algo muito intenso. Quando comentou, no final de sua fala, sobre a argila e o “clique” que ela proporcionou, um arrepio percorreu meu corpo. Meus olhos encheram-se de lágrimas e ciente da posição de mediador, respirei lentamente, prestando atenção em cada palavra que dizia, acolhendo-a pelo olhar. Esse foi um momento único e encantador, a que tive a oportunidade de estar presente enquanto mediador.

A expressão na argila de A.D., no primeiro momento, realizada de forma intuitiva e sensível, sem elaboração racional do que estava fazendo, resultou em um diálogo sensível com a matéria-prima. A argila serviu para uma continuidade sensível da trilha e das emoções que ela suscita, compondo um movimento único de vivência. Nem todos compreenderam a orientação da expressão, porém quando compreendida, resultou em processos expressivos como de A.D. Foi a partir do fim de sua expressão, colocando uma esfera de argila no buraco que tinha feito, que A.D., em um movimento inteligível, retomou as emoções da trilha, emoções

que respondiam a suas inquietações de vida que suscitaram do início da *Trilha da Vida*. O medo que sentiu, proporcionado pelo uso da venda, também lhe trouxe o sentimento de estar sozinha, remetendo diretamente à experiência do falecimento de seu pai. Então, A.D. faz uma analogia com sua expressão, em que a esfera seria a participante, sozinha e presa no buraco.

Mas, durante a caminhada de olhos vendados, mesmo sentindo-se sozinha e assustada, acalmou-se frente às experiências perceptivas. No contato próximo com as miniaturas e com a natureza, reconhece, em seus caminhos trilhados, semelhanças com a trajetória do pai, referente à defesa do meio ambiente e sua relação de proximidade com a natureza. Pela natureza, a participante se sente em contato com seu pai, e reconhece que não está sozinha. Compartilha, também, de presenças, cuidados e valores com as pessoas com quem se relaciona. Entende por essas, que todos passam por dificuldade e, conforme uma balança de equilíbrio, também passam por ganhos e conquistas. Diante desses sentimentos, percebe que deve se cuidar, se sentir, se olhar para que possa estender suas preocupações aos outros, refletidas a partir de seu autocuidado. Refletindo sobre como se sentia após a experiência da caminhada individual da trilha, marca, em sua fala, a presença a partir da relação com o tempo presente e com o espaço aqui, apontando para o chão a cada palavra dita. Pelo campo de presença, A.D. ressignifica seus sentimentos e reforça sua identidade, sentindo a si própria a partir da experiência na *Trilha da Vida*, ressaltando a importância para sua vida. Finaliza sua fala, delegando como dispositivo aos fenômenos desencadeados, a expressão na argila.

O medo que sentiu, remeteu A.D. ao sentimento de solidão, o mesmo experienciado quando seu pai faleceu. As experiências perceptivas proporcionadas, o contato próximo com a natureza e os elementos da trilha, trouxeram-na para o aqui-e-agora, permitindo descobrir-se e sentir-se. Revertendo o sentimento, expresso pelo fortalecimento de sua identidade, comenta sobre futuros autocuidados, que precisam ser estabelecidos.

O contato com a natureza com os olhos vendados, rememorou também outro participante a suas relações familiares. I.F., a partir de seus valores e escolhas, relembra a educação que seus pais lhe deram, e o ambiente de sua moradia na infância. Carregada de muita emoção, e de um choro acolhido por Letícia em um abraço, o participante comenta como eram importantes as árvores para ele, e complementa:

[...] eu sempre amei viver no sítio, o verde próximo de mim e eu sempre acostumei. Assim, desde pequeno, minha mãe, meu pai, sempre me educaram a sempre respeitar, a amar, respeitar todos os animais que existem. [...]. Eu admiro muito quem protege, quem luta por um objetivo maior, por causa disso que eu escolhi (seca suas lágrimas

e se ajeita) um curso de Engenharia Sanitária e Ambiental, para tentar fazer a diferença. (I.F., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Por viver num sítio, no contato próximo com a natureza, e pela educação dos pais, I.F. escolheu o curso de Engenharia Ambiental e Sanitária para atuar em questões ambientais, por um “objetivo maior”. Ao mesmo tempo em que rememora sua educação, expressa na Roda de Diálogo dimensões identitárias que relacionam, através do tempo, desejos para o futuro em seu trabalho. Em seguida, continua contando da experiência na trilha de olhos vendados e reforça o que havia falado:

[...] quando eu entro numa trilha eu me entrego à mata, eu me entrego a tudo, isso é uma coisa muito forte dentro de mim (volta suas mãos para seu peito). Não sei como. Não sei como explicar isso, porque é uma coisa, que é desde pequeno que tenho isso. (I.F., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

I.F. emocionado, repetidamente, expressa sua proximidade com a natureza. Ao mesmo tempo que diz que não sabe explicar sua entrega, explicita-a precisamente a partir de suas memórias. O participante diz que a experiência na *Trilha* foi única, e que despertou, a partir de sua história de vida, uma reflexão sobre o estilo de vida e sua saúde na cidade, lugar onde atualmente vive.

[...] hoje em dia, está muito difícil em relação as coisas, *tipo* você vai num lugar, eu não estou acostumado: a cidade. E a cidade para mim, só me traz coisa ruim, dor de cabeça, rinite. Uma coisa (possivelmente se refere a natureza no Espaço Rural Clarear) que eu não tenho no dia-a-dia. E isso, hoje para mim, foi mais uma lição, porque toda vez que eu entro na mata eu sempre me emociono. (I.F., Roda de Diálogo, Espaço Rural Clarear, Camboriú/SC, 2018).

Segundo I.F., sua desconexão com a natureza, provocada pela mudança de estilo de vida e mudança para a cidade, fez o participante adoecer. Assim, conclui que as experiências proporcionadas na *Trilha da Vida*, de contato com a natureza, servem como “lição” para ele. Talvez, a lição a que se refere esteja ligada a um aprendizado de si, aprendizado de uma memória de outro estilo de vida que tinha, e, conseqüentemente, saúde. Memória que também traz a educação de seus pais, e os valores perpassados nessa relação. Estar na natureza, possivelmente seja um marco de identidade para I.F., que reafirma seus valores a partir de sua história de vida, rememorando seus pais, e fixa seus compromissos profissionais de defesa para com o meio ambiente. Então, em contato com esses elementos, se emociona.

Como já explicitado, as percepções são conseqüências das perspectivas dos sujeitos na relação com mundo. Essa relação é estruturada tanto por questões espaciais, quanto temporais. O tempo não é uma sucessão de agoras, mas uma rede temporal que compartilha um passado

imediatos, um presente, e um porvir próximo, que constitui um campo de presença. A experiência perceptiva proporcionada pela trilha de olhos vendados, permitem que os participantes se foquem aos outros sentidos, exceto a visão. Quando sob enfoque, percebe-se que, nas falas, as dimensões de espaço (aqui/ali) e tempo (agora/antes/depois) são fixadas a partir de suas percepções. Sem um tempo, nem um espaço, não se teria percepção. Nesse sentido, as descrições das experiências vividas compreendem-se nesse campo de presença, situam-se no aqui e agora, sendo essa a proposta intencionada na *Trilha*.

No campo de presença, a consciência do corpo é substrato de todas as percepções, e qualquer tipo de enfoque e atenção nos sentidos, permite ao participante, em sua experiência, concluir a caminhada na trilha. Assim, é comum os participantes falarem: “eu só senti, eu não racionalizei”. As operações do pensamento e elaborações racionais são deixadas de lado para uma predominância da sensibilidade e de uma experiência dos sentidos. Esse é um dos motivos por que todos os participantes descreveram, em seus relatos, os estímulos sensoriais. Entretanto, entende-se que a percepção não é apenas uma evidência sensível de nosso corpo, mas também apresenta um diálogo com a inteligibilidade. A não dissociação propicia significações das apreensões pelos sentidos, mobilizando dimensões da memória e da identidade.

Pelos relatos, notou-se que não é apenas o momento da trilha de olhos vendados que pode evocar memórias e ressignificações das vidas, mas sim, todas as etapas. A experiência visual ainda é um veículo significativo muito forte na *Trilha da Vida*, seja nos movimentos posteriores ou anteriores da caminhada às cegas. Assim, a experiência visual apreende um mundo simbólico de significações. Ambientes e elementos carregam dimensões simbólicas que, quando apreendidas pela visão, ligam-se a sentidos e significações das histórias de vida. Cabe ressaltar que os simbolismos não são apreendidos apenas pela experiência visual, mas essa acaba por ser a mais evidente nos relatos da *Trilha*.

Outra questão observada a partir das análises, foi que os fenômenos de evocação da memória não estão relacionados apenas a acontecimentos específicos das histórias de vida. Também ocorrem, em situações e momentos mais amplos, que se referem a escolhas gerais que envolvem decisões pessoais e profissionais, inquietações descobertas ao longo do tempo, comparações situacionais com outros momentos da vida, inclusive da infância. Nenhum relato coletado nessa experiência, teve ligação direta a um acontecimento específico, como a memória de um sorriso de um familiar. No caso de A.D., referente ao falecimento do pai, não se enquadra em um acontecimento, mas sim, no envolvimento emocional e situações de luto que, de acordo

com a participante, acionaram tal memória. A evidência desses fenômenos se aproxima à discussão de tempo de Merleau-Ponty (1974), que explica que o tempo não é linear, mas uma rede temporal. Dessa maneira, a evocação da memória evidencia-se muito mais em um campo presença experienciado, do que num passado repleto de agoras, de acontecimentos pontuais.

O sentimento e a emoção foram as principais chaves desencadeadoras de memórias. Muitos participantes, a partir de suas emoções e sentimentos desencadeados pela experiência na *Trilha*, rememoram outros momentos de suas vidas pela similaridade emotiva e sentimental. O medo, emoção evidenciada por alguns participantes, foi significado para sentimentos de se sentir perdido e de solidão. As significações que surgem a partir de uma experiência do corpo e no diálogo com a inteligibilidade se entrelaçam nos sentidos das histórias de vida, e fazem um campo memorial passível de ser evocado. A similaridade não deve ser entendida por uma linearidade, em que algo que surge resgata outro parecido, mas sim, pela rede temporal em que os sentidos e significações habitam. Então, as experiências das emoções e sentimentos entram nesse arcabouço memorial, suscitando, a partir das estruturas da identidade, outros momentos da vida.

Os relatos na Roda de Diálogo demarcam as estruturas identitárias de cada participante. A perspectiva perceptiva é a própria demarcação, porque nela estão envolvidos os modos-de-ser e de se locomover no mundo. A identidade se fortalece à medida que se rememora. Ela se fortalece quando os participantes se expressam na Roda de Diálogo, comentando quem são, de que gostam, o que decidem, suas histórias, e como agem no mundo. Expressar a consciência de si, rememorando processos identitários característicos de cada história, permite ao participante uma outra postura no mundo. Assim, as evidências de transformação das pessoas possivelmente são resultado das experiências que mobilizam as identidades dos participantes, seja no compartilhamento da experiência e de si, seja da experiência do corpo próprio intencionada na *Trilha da Vida*.

O contexto performático e sensível da *Trilha*, e suas propostas de educação estética, permite aos participantes um contato consigo mesmo. O deslocamento para um ambiente rural proporciona um *descondicionamento* e abertura para com o vivido. Em contato intencionado consigo, os participantes mobilizam suas identidades e memórias a partir de experiências do corpo próprio. Tais mobilizações possibilitam ressignificações das situações vividas e fixações de valores, elementos que transformam a ação no mundo, o ser-no-mundo.

Sabe-se que a proposta metodológica da hermenêutica é consequência de minha perspectiva no mundo e, sobretudo, de minhas histórias de vida. Ao mesmo tempo em que o método se evidenciou por desafios, apresentou-se por soluções interpretativas do vivido. Minha proximidade com a *Trilha da Vida* facilitou, em muito, a análise das falas e na captura descritiva do vivido. Assim, conhecendo os fluxos da Equipe, do Espaço e dos participantes, pude me envolver mais oportunamente com as situações experienciadas. Além disso, escutar, mais de 6 anos Rodas de Diálogo, contribuiu para a análise e me permitiu uma observação de categorias hermenêuticas mais amplas. A análise hermenêutica realizada em um caminho de condução do individual para o geral, sob a luz da obra *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty (1974), possibilitou a compreensão de fenômenos de percepção do corpo e contribuiu para estudos iniciais dos fenômenos de memória na *Trilha da Vida*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fenomenologia, complexo campo filosófico, contribuiu de algumas maneiras para esta pesquisa. A primeira, através de uma aproximação teórica em confronto com a abordagem teórico-metodológica. Alguns conceitos e pressupostos que o campo fenomenológico assume foram relacionados às teorias e métodos na *Trilha da Vida*. Essa aproximação deve-se ao balizamento da *Trilha* pela educação dos sentidos, a educação estética. Outra forma: o campo fenomenológico serviu para estruturar uma postura de pesquisa referente à coleta de dados e escolha do referencial teórico. A crítica ao racionalismo científico, defendida por autores fenomenológicos, foi pauta primeira na seleção dos referenciais teóricos. Os determinismos foram evitados de todas as formas, pois eles constroem uma ciência impeditiva que estagna os fluxos da vida. A última maneira com que o campo fenomenológico contribuiu para a pesquisa, foi relativa à coleta de dados. Meu olhar de pesquisador e minha postura frente à coleta foram reajustados de acordo com a leitura do campo. Os fenômenos evidenciaram-se de outro modo, mais claramente, devido a minha intencionalidade com a pesquisa.

Quanto à análise, a fenomenologia colaborou para desvendar os fenômenos inseridos em uma complexa amostra de dados, evidenciados na Roda de Diálogo. Sabe-se que o elevado número de participantes não contribui para uma rica e detalhada análise no dia da coleta; entretanto, priorizou-se a legitimidade das etapas e momentos da abordagem teórico-metodológica. A análise, balizada pelo método apresentado, foi realizada de forma oportuna, destacando as categorias abertas das falas. As experiências anteriores com a *Trilha da Vida* permitiram, com maior riqueza, adentrar em especificidades na análise da Roda de Diálogo. Muitas são as semelhanças identificadas nos compartilhamentos dos participantes, compreendidos em 6 anos de experiência com a *Trilha*. Compreendendo tal complexidade, a análise evidencia tanto as semelhanças, quanto as individualidades e subjetividades.

Tais individualidades apresentam relação direta com a história de vida e identidade de cada participante. A identidade, sob a perspectiva fenomenológica, é a postura no mundo. Assim, os modos como se relacionam com as coisas, os cuidados com o corpo, as cinestésias, as relações com as memórias, todas as experiências vividas, entram nesse arcabouço. De certa forma, propiciar intencionalmente o contato com algumas dessas dimensões, acaba por mobilizar todas as outras, sobretudo, a identidade. Mesmo que não apareça a consciência, são mobilizações registradas pelo corpo-próprio.

O corpo marca dimensões identitárias: seja nos registros das histórias de vida em nossas células, seja nas suas conformidades, ou em qualquer modo que as propicie, diferenciamos uns aos outros. O corpo é o receptáculo, o registrador de tudo que vivemos. Assim, as memórias tornam-se consequência das experiências corpóreas, pois essas evidenciam-se no corpo. Os conceitos sobre Tempo, de Merleau-Ponty (1974), propiciam a compreensão de que as evocações de memórias não devem ser entendidas linearmente, ou seja, daquilo que surge a aquilo que evoca, mas forma abarcadas como um campo, ou um entrelaçamento de experiências registradas.

Os contatos com tais experiências intensificam ou evidenciam mais claramente, os eventos de transformação dos participantes na *Trilha*. Assim, os fenômenos da memória potencializam as evidências desses eventos transformadores, que mobilizam fortemente a identidade. Entretanto, todas as outras experiências que não evidenciaram tal evento, participam, de algum modo, do inconsciente dos participantes, sendo essas registradas pelo corpo. As experiências com/dos sentidos sob vendas, no contexto da *Trilha*, possibilitam aos participantes um contato apurado consigo, e certamente influem nas histórias de vida de cada um. Experiências que proporcionam um contato sensível, intencionado, com os sentidos, como a *Trilha da Vida*, permitem a construção de um olhar ético para com o corpo e a vida. E no contexto da *Trilha*, situada no campo da Educação Ambiental e Patrimonial, apresenta elementos e indícios que contribuem para a formação crítica dos participantes, propiciando o contato próximo com uma perspectiva de respeito à natureza, ao patrimônio e às individualidades.

Este texto final também é destinado a outros tipos de considerações da pesquisa. Considerar a pesquisa é também me considerar como parte do processo. Então, ao mesmo tempo que traço considerações sobre o processo da pesquisa, eu me evidencio e desvelo durante o texto, em momentos de dificuldades e acertos. A pesquisa é um reflexo de mim, e esse texto, o espelho.

O processo de pesquisa foi o maior desafio para mim. Estar aberto para o que o texto solicita é, ao mesmo tempo, respeitar e desrespeitar o esqueleto da narrativa. Tais aberturas me possibilitaram percorrer caminhos que não eram vistos como essenciais. Após a releitura, percebi um texto que atendeu a necessidades mais amplas e a outras, pontuais, no esclarecimento das dúvidas e das interrogações formadas pelo próprio texto. Isso revela um desafio. Em um texto fechado pelos seus tópicos e assuntos, é possível um pesquisador se

programar estrategicamente aos estudos e às escritas. Ao contrário, abrir-se é possibilitar ao descontrole assumir primazia do papel. É puxar as rédeas das pesquisas, quando necessário, mas, quando confiante, atender a um fluxo intuitivo.

Para mim, essa escrita foi um enigma que teve, como norte, um desconhecido caminho, no qual o destino era conhecido. Lembro-me de uma frase que li no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba/PR: “se a reta é o caminho mais curto entre dois pontos, a curva é o que faz o concreto buscar o infinito”. Nesta pesquisa, conectou-se dois pontos: o início com seus objetivos e o fim. A curva, no caso, era o processo. Imagino que o processo assumido aqui nesses dois pontos, atendeu aos *insights* criativos e dinâmicos da pesquisa. Durante a escrita, as curvas entre esses dois pontos não poderiam alcançar o infinito devido aos tempos/espacos do processo, mas poderiam compor, com coerência, uma melodia na pesquisa. Uma melodia estruturada por improvisos inesperados e compassos assertivos.

A cada curva, tive um desejo de ir além, de aprofundar. Dois grandes temas vejo que podem merecer aprofundamentos em futuras pesquisas: um, relativo à corpografia urbana/ecológica no apontamento das micropolíticas públicas e outro, relativo aos fenômenos da memória e o aprofundamento do tema. Entretanto, em outras curvas, tive desejo de recuar, de passar adiante. Em todas as possibilidades, priorizei um processo sincero de pesquisa; os assuntos abordados foram coerentes com minha existência, como pesquisador. Assim, tive cuidado com os conceitos que poderiam ser usados, e outros que não, dadas suas complexidades e necessidade de aprofundamentos extremos. Esse é o fardo da compreensão discutido em pesquisas interdisciplinares. O fardo de um peso carregado, que anseia, a partir do limite físico, abraçar, pela sua malha, diferentes disciplinas e suas infinitas compreensões de temas que, por vezes, já estão ultrapassados. O que coloco no fardo, é (in)felizmente um recorte. Um recorte realizado por cerca de dois anos, de desejos e vontades de pesquisa. Dessa forma, compreendo meu início no curso de Mestrado e entendo que as curvas foram mais interessantes nesta pesquisa, porque percebi, em minhas vontades de dois anos, nas curvas da pesquisa, outras possibilidades de descobertas que, talvez, serão atendidas em futuros dois pontos, em uma futura pesquisa.

O início imediato e o fim próximo pouco dizem sobre esta pesquisa, mas o caminho percorrido é, para mim, o ponto mais importante. Impossível não me reconhecer como outro, completamente mudado pelos meus estudos, por minhas leituras e sensibilidades. A cada parágrafo e ideia completada, percebia-me em minhas dificuldades de escrita, advindas de

enformações (no sentido de se colocar em formas) das ciências exatas pouco articuladas com outras disciplinas, e com minhas vontades individuais. Assim, a escrita era encarada como um desafio, mas também como conquistas e satisfações. Inúmeras *eureka*s foram sentidas nesta pesquisa.

Entretanto, os desafios da pesquisa me acompanharam na maior parte do tempo, mesmo quando não estava pesquisando. Adentrei-me em processos de adoecimento. Minha pele me serviu como farolete de aviso. Já saturado por processos internos, a pele, o maior órgão de meu corpo, expunha minhas ansiedades, em um movimento para o exterior, de liberação. Uma espécie de dermatite atópica ou desidrose, não compreendida pelo médico que consultei. Na medicina oriental, a pele está diretamente ligada ao pulmão, e este é receptor e armazena nossas ansiedades e tristezas. Quando brotada, fui obrigado a parar, descansar e continuar. Então, sobrecarregado por mim mesmo, com questões familiares associadas ao processo de pesquisa, as ansiedades brotadas em minha pele me sinalizavam que devia encontrar o meu jeito de pesquisar. Quase no fim, aprendi um pouco, mas sei que tenho muito a aprender. A pesquisa, para mim, deve ser feita em movimento, conciliando os trabalhos e as leituras com os movimentos e ócios. Tudo deve ser realizado no equilíbrio da vida. Percebi que, quando saía do mergulho da pesquisa e ia praticar esportes ou uma simples pedalada na cidade, tinha os mais criativos *insights*.

Outro ponto que me incomodava é que vi em contradições no processo de pesquisa. Ao mesmo tempo em que escrevia sobre a importância do movimento, dos estilos de vida e da saúde dos diversos ambientes, percorri um caminho contrário. Assim, a pesquisa me exigiu muito; nela pude adentrar em processos de autoaprendizagem e autocuidado. Os lugares para minha nutrição existencial nunca foram tanto desejados.

Esta pesquisa me proporcionou, também, olhar de uma outra forma para a ciência. Rubem Alves (1999), em seu livro *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*, escreve, a partir de metáforas, suas insatisfações do que se considera científico atualmente. Segundo o autor, a ciência é a rede de pesca, e tudo que nela fica é científico. A ciência destinou-se a especificar tal rede de uma forma que deixou passar milhares de coisas que não foram legitimadas. Entendo que passou em um largo processo histórico: autobiografias, sensibilidades, intuições, poesias, e muitos outros temas. Para mim, esta pesquisa, de alguma forma, destinou-se a essas discussões, não pela tentativa de criar uma rede de pesca para capturar apenas tais assuntos, mas pelo diálogo que interliga e legitima as complementaridades.

O sensível, assim para a razão, faz pouco sentido se desconectado de sua complementaridade. Se, por vezes, nesta pesquisa, foram soerguidas discussões apenas de um dos lados, foi na tentativa de evidenciar sua importância na ciência.

Apresentando a dimensão sensível das experiências vividas dos participantes sob minha perspectiva na *Trilha da Vida*, procuro mostrar caminhos que permitem a compreensão das coisas que não é mensurável nem visível. De vez em quando, daquilo que nem se tem como explicar. A abertura para com o vivido é uma abertura sincera à ciência e suas espontaneidades. Desse modo, procurei uma postura de estar aberto e tentar compreender aquilo que se evidencia, tendo consciência de que existem muitas outras coisas que ainda não sabemos. O corpo é uma dessas evidências. Temos consciência de suas dimensões físicas constantemente, porém há muito que conhecer para além do que a visão permite, assim como o fenômeno da memória e as evocações memoriais que também são exemplos únicos dessas questões. As memórias são potenciais inerentes ao corpo; quando evocadas, podem durar de instantes à vida toda. Assim, pesquisar tais fenômenos é uma experiência única de completo descontrolo.

Observar esses fenômenos evidenciarem-se nas experiências na *Trilha da Vida* e as consequências que proporcionam às pessoas, traçaram momentos singulares em minha vida. Tenho um sentimento de profundo agradecimento à educação. Ainda mais, à educação estética, que possibilita, através da ausência de visão, mudanças profundas nos participantes em um pequeno e curto espaço/tempo. Por fim, acredito que devemos fechar mais os olhos, pois é evidente a (des)importância dos sentidos em nossa sociedade. Assim, talvez possamos sentir mais aquilo que não se pode ver, permitindo-nos adentrar no fluxo da vida.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. Edições Loyola, 1999.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa qualitativa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, p. 71-102, 2000.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. São Paulo: Atica, 1995.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- BOSI, Ecléa. Sobre a memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 13-80.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. **Carta da Terra**. 2000. Disponível em:< [http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/\\_a\\_rquivos/carta\\_terra.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_a_rquivos/carta_terra.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2018.
- BRITO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, v. 7, 2018.
- CAPALBO, Creusa. (Org.). **Fenomenologia e Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições Ltda., 1983.
- CARDIM, Leandro Neves. **A ambiguidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- CARDIM, Leandro Neves. **O Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.
- CARVALHO, Luiz Marcelo de; TOMAZELLO, Maria Guiomar Carneiro; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Pesquisa em educação ambiental: panorama da produção brasileira e alguns de seus dilemas. **Cadernos Cedex**, p. 13-27, 2009.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: **Identities da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 13-24, 2004.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a naturalização do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **Remea**, Rio Grande, p. 59-79, 2013.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis, Vozes, 1996.

CRITELLI, Dulce Mara. **História pessoal e sentido da vida**: historiobiografia. EDUC-Editora da PUC-SP, 2013.

DETONI, Adlai Ralph; PAULO, Rosa Monteiro. A organização dos dados da pesquisa em cenas. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, p. 141-167, 2000.

**DO PÓ da Terra**. Direção de Maurício Nahas. Produção de Fernando Machado. Notorius Films, 2016.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: A Educação (do) Sensível**. 2000. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2000.

EARTE - Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental. **Critérios**: Seleção. Disponível em: <<http://www.arte.net/?page=criterios-selecao>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

ESPOSITO, Graciete Lamas; GONÇALVES, Andréa Krüger. Histórias vividas e memórias. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 20, n. 2, 2015.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 441-447, 2014.

FRACALANZA, Hilário; AMARAL, Ivan Amorosino; NETO, Jorge Medig; EBERLIN, Thais Schiavinato. A educação ambiental no Brasil: panorama inicial da produção acadêmica. **Ciências em foco**, v. 1, n. 1, 2013.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?**. Rio de Janeiro: Guanabara, 4ª ed. 1976.

GARCIA, Wilton. Vestígios poéticos entre corpo e espaço: Janela da Alma. In: GARCIA, Wilton (Org.). **Corpo e Espaço** – estudos contemporâneos. São Paulo: Factash Editora, p. 15-38, 2009.

GUIMARÃES, Mauro. **Caminhos da educação ambiental**. Campinas: Papyrus, 2006.

HANSEL, Cátia Rosana. **Arteterapia e Educação Ambiental**: a arte de trilhar a vida. Monografia (Especialização do Centro de Estudos de Psicologia, Educação e Arteterapia) – Faculdade Vicentina. Porto Alegre, 2011.

HILLMAN, James; VENTURA, Michael. **Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior**. Grupo Editorial Summus, 1995.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2001. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2001.

JORES, Arthur. **El hombre y su enfermedad**. Editora Labor, 1961.

KUNIEDA, Edna. **Espaços educadores no contexto do CESCAR (Coletivo Educador de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e Região/SP):** do conceito à formação em Educação Ambiental. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010.

LAGO, Clênio. **Experiência estética e formação:** articulação a partir de Hans-Georg Gadamer. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

LAGO, Clênio; VANI, Andressa Cristina. A experiência estética como acontecimento formativo ético. **Roteiro**, v. 40, n. 2, p. 461-484, 2015.

LEININGER, Madeleine. M. **Qualitative research methods in nursing.** Orlando: Grune & Stratton, Inc, 1985.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. In: **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 85-111, 2004.

LOPES, Antônio Herculano. Performance e história (ou como a onça, de um salto, foi ao Rio do princípio do século e ainda voltou para contar a história). **Percevejo**, v. 11/12, p. 5-16, 2003.

LOPES, Beth. Performance da memória. **Sala Preta**, v. 9, p. 135-145, 2009.

LOREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental transformadora. In: **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004, p. 65-84.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.

MALADÓZ, Rodrigo José. **Transformações pessoais:** no embalo das danças circulares sagradas o reencontro com a natureza do ser. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2016.

MALAGODI, Marco Antonio Sampaio. Conflitos: conflitos, discórdias, polêmicas, desentendimentos... Estorvando a ordem conformista e desbloqueando a aprendizagem social. In: FERRARO JR, Luiz Antonio (Org.). **Encontros e Caminhos:** formação de educadores ambientais e coletivos educadores, v. 2, p. 71-84, 2007.

MALUF JR., Nicolau. **Reich: o Corpo e a Clínica.** Summus Editorial, 2000.

MARCON, Sonia Silva; ELSÉN, Ingrid. Estudo qualitativo utilizando observação participante - análise de uma experiência. **Acta Scientiarum**, v.22, n.2, p. 637-647, 2000.

MARIN, Andreia Aparecida. A educação ambiental nos caminhos da sensibilidade estética. **Revista Inter Ação**, v. 31, n. 2, p. 277-290, 2006.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, n. 26, p. 63-81, 2003.

MATAREZI, José. Trilha da vida: (re)descobrimo a natureza com os sentidos. **Ambiente & Educação** – Revista de Educação Ambiental da FURG, Rio Grande (RS): Fundação Universidade do Rio Grande, v. 5/6, p. 55-67, 2001.

MATAREZI, José. Estruturas e espaços educadores. In: FERRARO JR, Luiz Antonio (Org.). **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, p. 161-173. 2005.

MATAREZI, José. Despertando os sentidos da educação ambiental. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 181-199, 2006.

MATAREZI, José. Trilha da vida: re-descobrimdo a natureza com os sentidos. **Ambiente & Educação**-Revista de Educação Ambiental, v. 5, 2009.

MATAREZI, José. “**Trilha Da Vida**” – Labirintos que se entrecem nos campos da Educação Ambiental e Patrimonial. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2017.

MATAREZI, José; KOEHNTOPP, Paulo Ivo. Conhecimento sensível e inteligível na abordagem metodológica Trilha da Vida. **Confluências Culturais**. Joinville, 2017.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**, 2009.

MERLEAU-PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martin Fontes, 1974.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: metodologia de pesquisa social (qualitativa) em saúde. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1993.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Vozes, 2004.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MOREIRA, Roseli Kietzer. Conceitos sobre a Educação Estética: contribuições de Schiller e Piaget. **Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 1, n. 2, p. 158-169, 2007.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis (Orgs.). 4a ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MOSER, Alvino. O método fenomenológico nas ciências sociais. **Veritas**: revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 37, n. 146, p. 215-224, 1992.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: Diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 19, 2016.

NAVARRO, Rômulo Feitosa. A Evolução dos Materiais: Parte 1- da Pré-história ao Início da Era Moderna. **Revista eletrônica de materiais e processos**, v. 1, n. 1, p. 01-11, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Luciano Figueiredo (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PELLEGRINI, Darly. **O uso da argila como meio expressivo e de autoconhecimento**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

PERALTA CASTELL, Cleusa Helena Guaita. **Experimentos educacionais**: eventos heurísticos transdisciplinares em educação ambiental. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). Educação ambiental - abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 105-125.

PROENÇA, Wander de Lara. O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para as pesquisas no campo religioso brasileiro. **Aulas**, p. 24, 2007.

REIGOTA, Marcos. O estado da arte da pesquisa em educação ambiental no Brasil. **Pesquisa em educação ambiental**, v. 2, n. 1, p. 33-66, 2007.

RESTANY, Pierre. **O poder da arte: Hundertwasser**, o pintor rei das cinco peles. Taschen: Alemanha, 2003.

ROUCHOU, Joëlle. Memória do olfato: o cheiro de jasmim. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia (Orgs). **Corpo: identidades, memórias, subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHMIDT, Angela Ferreira. **Trilha da vida e ambientes de aprendizagem**: uma análise na busca de convergências. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica da São Paulo. São Paulo, 2003.

SILVA, Lorena Santos; HENNING, Paula Corrêa. A educação ambiental e sua produção científica: um olhar para as diferenças. **Perspectiva**, v. 36, n. 3, p. 978-991, 2018.

SOMMERMAN, Américo. Pedagogia da alternância e transdisciplinaridade. In: Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento. 1999. **Anais...** Salvador: UNEFAB, 1999.

TORO, Rolando. **Teoria da Biodanza – Coletânea de Textos**. Fortaleza: Associação Americana de Biodança, 1991.

TORRE, Saturnino de la *et al.* Decálogo sobre transdisciplinaridade e ecoformação. In: MORAES, Maria Cândida; PUJOL, Maria Antonia (Coords.). **Transdisciplinaridade e ecoformação**: um novo olhar sobre a educação. São Paulo: TRIOM, 2008.

UGARTE, Maria Cecilia Donaldson. **Homo-motor, ciborgues, e... Aha! Pessoas: da revolução industrial à revolução da informação**. Dissertação (Faculdade de Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coletas de dados no campo**. São Paulo: Atlas S.A., 2012.

VITTE, Antonio Carlos; SILVEIRA, Roberison Wittgeinstein Dias da. Kant, Goethe e Alexander Humboldt: estética e paisagem na gênese da geografia física moderna. **Acta Geográfica**, v. 4, n. 8, p. 07-14, 2010.

WALGENBACH, Wilhelm. Conceitos Básicos de Educação Ambiental: do Ponto de Vista da Educação Categrorial. **Revista Ambiente & Educação Considerações Básicas sobre um Programa de Educação Ambiental**. v. 1. Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande (RS). 1996.

WESTPHAL, Euler Renato. **Linguagem como representação**: uma breve aproximação hermenêutica. In: LAMAS, Nadja de Carvalho; JAHN, Alena Rizi Marmo (Orgs.). Arte e cultura: passos espaços e territórios. Joinville: Editora Univille, 2012.

WILLMS, Elni Elisa. **Escrevivendo**: uma fenomenologia Rosiana do brincar. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

## AUTORIZAÇÃO

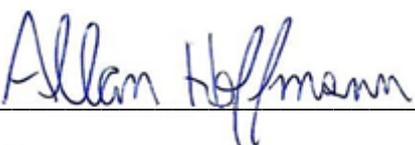
Nome do autor: Allan Hoffmann

RG: 5.638.357

Título da Dissertação: Corpo e Memória: os fenômenos na Trilha da Vida

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 07 de maio de 2019.



---

Nome: Allan Hoffmann